



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Thamy Lobo

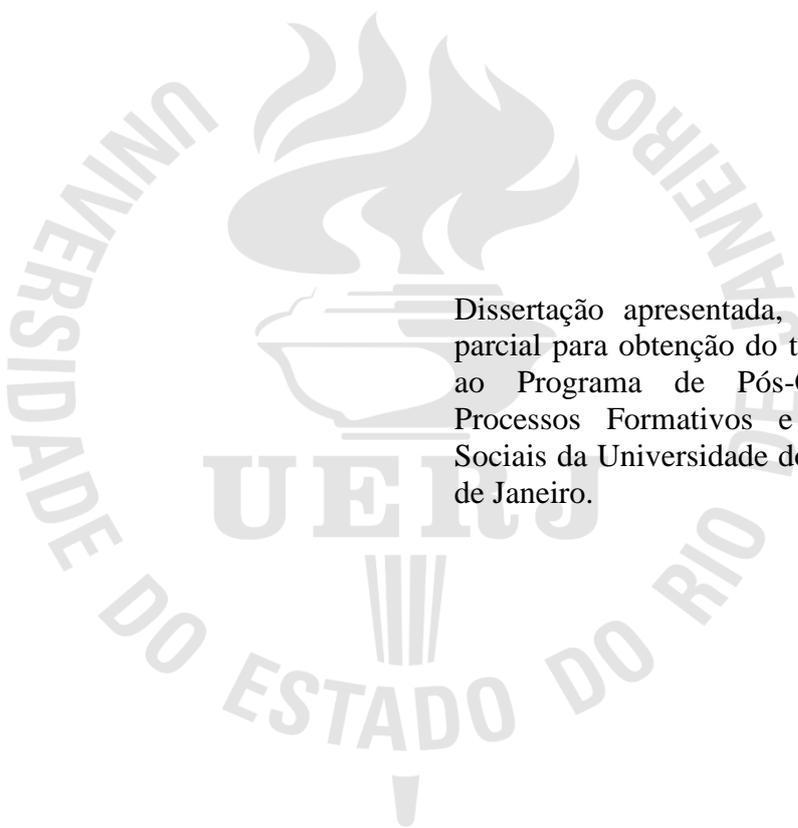
**Nós '*escritoresleitores*': tecendo narrativas cotidianas e imaginárias com  
jovens acerca de movimentos migratórios**

São Gonçalo

2021

Thamy Lobo

**Nós *'escritoresleitores'*: tecendo narrativas cotidianas e imaginárias com jovens acerca de movimentos migratórios**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Nilda Guimarães Alves

São Gonçalo

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

L799 Lobo, Thamy.  
Nós '*escritoresleitores*': tecendo narrativas cotidianas e imaginárias com jovens acerca de movimentos migratórios / Thamy Lobo. – 2021. 138f.: il.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Nilda Guimarães Alves.  
Dissertação (Mestrado em Processos Formativos e Desigualdades Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Livros e leitura – Teses. 2. Literatura infantojuvenil – Teses. 3. Narrativa (Retórica) – Teses. I. Alves, Nilda Guimarães. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 - 4994 CDU 028.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Thamy Lobo

**Nós 'escritoresleitores': tecendo narrativas cotidianas e imaginárias com jovens acerca de movimentos migratórios**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 27 de abril de 2021.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Nilda Guimarães Alves (Orientadora)  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Anelice Astrid Ribetto  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Luiza Sússekind  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

São Gonçalo

2021

## DEDICATÓRIA

Dedico esta narrativa ao Lucca, o meu pequeno *'escritorleitor'*.

## AGRADECIMENTOS

À minha família que me apoiou e acreditou até quando eu não conseguia. Minha mãe Vera Lucia do Nascimento e sua força quase inabalável, meu pai Frederico José Pereira Lobo e sua torcida contínua, minha irmã Thayane Lobo que é minha inspiração e meu sobrinho Lucca Lobo Ruas e todo o seu amor, até quando me pedia para sair do computador chato.

Às minhas amigas e amigos do grupo de pesquisas *Currículos cotidianos: redes educativas, imagens e sons*. Especialmente Marcelo Machado, meu amigo e irmão que me levou a esse universo, sem ele provavelmente não estaria aqui. Renata Rocha que permaneceu de mãos dadas desde que nos conhecemos, Maria Cecília Castro que acreditou em mim, mesmo quando não pude, Claudia Chagas que se tornou uma grande amiga e Leonardo Rangel que sempre se dispôs a ajudar. Todas e todos que não foram citados aqui aparecem no texto mais a frente com suas características especiais, sou grata a todas e todos.

Às e aos jovens do Curso Básico da ONG São Martinho, que foram inspiração, criação e acalanto nesta pesquisa e a minha coordenadora Verônica Xavier por sempre acreditar em mim e no meu trabalho.

À Nilda Alves, Anelice Ribetto, Mairce Araújo e Maria Luiza Sússekind que são exemplos para mim. Mulheres de luta que me inspiram academicamente e em todos outros ‘*espaçostempos*’.

À Andreia Ramos que apareceu no final da escrita, como o periquito em seu quintal e foi essencial com sua leitura delicada e generosa.

Às autoras e autores que me acompanham desde pequena e me mostram a cada dia que existem diversos cotidianos a serem compartilhados e criados.

Às minhas avós Julia Carlos do Nascimento e Flora Lobo, duas contadoras de histórias, que me ensinaram que nem todas narrativas estão nos livros.

Por que eu escrevo? Meu dedo, como uma caneta de ponta seca, retraça a pergunta no ar em branco. Um enigma conhecido, proposto desde a juventude, quando eu me afastava das brincadeiras, dos companheiros e do vale do amor, cingida de palavras, um passo fora do grupo.

Por que escrevemos? Irrompe um coro.

Porque não podemos somente viver.

*Patti Smith*

## RESUMO

LOBO, Thamy. *Nós 'escritoresleitores': tecendo narrativas cotidianas e imaginárias com jovens acerca de movimentos migratórios*. 2021. 138f. Dissertação (Mestrado em Processos Formativos e Desigualdades Sociais) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.

A narrativa e suas potências. Esta pesquisa é composta de histórias que ocorrem *'dentrofora'* das redes educativas. Acompanhamos o caminho de uma jovem leitora que está constantemente se formando professora, desde o seu primeiro contato com a literatura até a sua proposta de criação de narrativas infantojuvenis com jovens que participam de uma ONG, localizada em uma periferia na cidade do Rio de Janeiro. Entendendo a importância da literatura para o aprendizado, a imaginação, a criação e a resistência, em um *'espaçotempo'* onde se necessita, por luta e prazer, afirmar a importância dos livros a todo o momento. Através de leituras infantojuvenis, conversas e atividades, o texto apresenta narrativas criadas que aborda a temática da migração, tema caro às e aos jovens que, sozinhas e sozinhos, atravessam diversos bairros até a ONG, em busca de uma oportunidade de primeiro emprego. Utilizando a metodologia dos cotidianos para conversar, se inspirar e a poesia dos textos e imagens dos livros lidos, a pesquisa mostra a percepção das e dos jovens ao se descobrirem primeiramente leitores e após escritores, entendendo, assim que todas e todos que possuem contato com a literatura são *'escritoresleitores'* criam ao ler, leem ao criar.

Palavras-chave: Cotidianos. Redes educativas. Narrativas. Criação. Literatura. Pandemia Covid-19

## ABSTRACT

LOBO, Thamy. *We 'writersreaders': weaving everyday and imaginary narratives with young people about migratory movements*. 2021. 138f. Dissertação (Mestrado em Processos Formativos e Desigualdades Sociais) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.

The narrative and its powers. This research is made up of stories that occur 'within the education networks'. We followed the path of a young reader who is constantly becoming a teacher, from her first contact with literature to her proposal to create children's narratives with young people who participate in an NGO, located on the outskirts of the city of Rio de Janeiro. Understanding the importance of literature for learning, imagination, creation and resistance, in a 'space-time' where it is necessary, through struggle and pleasure, to affirm the importance of books at all times. Through children's readings, conversations and activities, the text presents created narratives that address the theme of migration, a theme dear to young people who, alone and alone, cross several neighborhoods to the NGO, in search of a first job opportunity. Using the methodology of everyday life to talk, to be inspired and the poetry of the texts and images of the books read, the research shows the perception of the young people when they first discover themselves readers and then writers, understanding, therefore, that everyone who has contact literature are 'writers-readers' create when reading, read when creating.

Keywords: ELS (everyday life studies). Education Networks. Narratives. Creation. Literature. Pandemic Covid-19.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Capa do DVD do filme, <i>A flor do Pântano</i> .....	18
Figura 2 –	Thamy quando era bebê, olhando para a câmera .....	19
Figura 3 –	Thamy e sua irmã Thayane sorrindo .....	20
Figura 4–	Thamy lendo um gibi da <i>Turma da Monica</i> .....	21
Figura 5 –	Thamy entre os jovens na empresa CEPTEL .....	26
Figura 6 –	Thamy em sua mesa de trabalho no CEPTEL .....	27
Figura 7 –	Thamy recebendo seu diploma .....	28
Figura 8 –	Algumas agendas da Thamy .....	30
Figura 9 –	Grupo de pesquisas reunido .....	69
Figura 10 –	Grupo de pesquisas em outro momento .....	40
Figura 11 –	Alguns cadernos que a autora utilizou para escrever trechos da dissertação .....	43
Figura 12 –	Manoel de Barros em uma janela .....	46
Figura 13 –	<i>Meme</i> criado pela autora com a imagem de Certeau em um artigo que escrevi acerca de <i>memes</i> .....	49
Figura 14–	Deleuze pensativo .....	51
Figura 15 –	Jorge Larrosa .....	52
Figura 16 –	Nilda Alves em uma entrevista no ano de 2013 .....	54
Figura 17 –	Michele Petit em entrevista de 2011 .....	55
Figura 18 –	Montagem com capas de livros de algumas das autoras que acompanham a Thamy .....	56
Figura 19 –	Fiscais recolhendo livros na Bienal do livro .....	59
Figura 20 –	Fernanda Montenegro em imagem da revista <i>quatrocincoum</i> .....	60
Figura 21–	<i>Meme</i> produzido pelas e pelos jovens .....	67

Figura 22 –	Uma jovem fotografando uma página de livro que gostou .....	70
Figura 23–	Jovens criando para se protegerem do frio .....	73
Figura 24 –	Livro que o jovem pegou emprestado na biblioteca da escola, onde entrou pela primeira vez .....	78
Figura 25 –	Capa do livro <i>O que é a liberdade?</i> .....	81
Figura 26 –	Ilustração do livro <i>O que é a liberdade?</i> .....	83
Figura 27 –	Capa do livro: <i>O lagarto</i> .....	84
Figura 28 –	Ilustração do livro: <i>O lagarto</i> . .....	86
Figura 29 –	Capa do livro <i>ABCDelas</i> .....	88
Figura 30 –	Capa do livro <i>Migrar</i> .....	89
Figura 31–	Ilustração do livro <i>Migrar</i> para uma ideia da dimensão da imagem .....	90
Figura 32 –	Capa do livro <i>Amoras</i> .....	93
Figura 33–	Glossário presente no Livro <i>Amoras</i> .....	94
Figura 34 –	Lettering criado por uma ‘ <i>escritoraleitora</i> ’ em um encontro acerca de etnias .....	104

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CEPEL	Centro de Pesquisas de Energia Elétrica
FFP	Faculdade de Formação de Professores
HQ	Histórias em quadrinho
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

	<b>COTIDIANÁRIO – UM POUCO DE PREFÁCIO E GLOSSÁRIO DOS COTIDIANOS – O QUE ENCONTRAR NAS PRÓXIMAS PÁGINAS? ...</b>	12
1	<b>O QUE ACONTECEU ATÉ AQUI? .....</b>	17
2	<b>OS CAMINHOS DA PESQUISA .....</b>	33
2.1	<b>Caminhar, caminhar, esperar, esperar. Conhecendo o grupo de pesquisas</b>	33
2.2	<b>Com quem e como caminhar? .....</b>	42
2.3	<b>Precisamos falar acerca de livros: apresentando a pesquisa .....</b>	56
3	<b>ENQUANTO CONVERSAMOS, CRIAMOS NARRATIVAS .....</b>	76
3.1	<b>Conversamos nos entendemos ou não. Os sentidos das leituras .....</b>	76
3.1.1	<i><u>O que é a liberdade?</u></i> e a audição .....	80
3.1.2	<i><u>O lagarto e a visão</u></i> .....	84
3.1.3	<i><u>ABCDelas e o paladar</u></i> .....	87
3.1.4	<i><u>Migrar e o tato</u></i> .....	89
3.1.5	<i><u>Amoras e o olfato</u></i> .....	92
3.2	<b>Criando possibilidades e narrativas .....</b>	95
3.2.1	<i><u>O abismo dos sonhos</u></i> .....	97
3.2.2	<i><u>Sentimentos em palavras</u></i> .....	104
3.2.3	<i><u>Refúgio</u></i> .....	122
	<b>FORAM FELIZES PARA SEMPRE? AS INCONCLUSÕES E AS MIUDEZAS IMPROVÁVEIS ATÉ AQUI .....</b>	129
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	136

## INTRODUÇÃO - COTIDIANÁRIO – UM POUCO DE PREFÁCIO E GLOSSÁRIO DOS COTIDIANOS – O QUE ENCONTRAR NAS PRÓXIMAS PÁGINAS?

Para uns, somente uma lanchonete, para outros,  
pontos de encontro.

Para uns, somente um emprego,  
para outros, o que os mantêm de pé.

Para uns, somente um show,  
para outros, o melhor da vida.

Para uns, somente um celular,  
para outros, uma rede de amigos.

Para uns, somente morador de rua,  
para outros, uma pessoa.

Para uns, uma simples resposta,  
para outros a solução.

Para uns, prosa, para outros, poesia.

Para uns, somente mais um dia,  
para outros, felizmente mais um dia.

*Thamy Lobo (2014)<sup>1</sup>*

Diversos livros, literários ou não, possuem prefácios. Escritos preliminares que são criados, não com a intenção de adiantar o que se encontrará na obra lida, como um *spoiler*<sup>2</sup>, termo comumente voltado às séries televisivas e filmes, mas que as e os<sup>3</sup> jovens estenderam para os livros. A ideia do aparecimento do prefácio por aqui, é escrever algumas miudezas relacionadas à metodologia escolhida na escrita desta dissertação, para que a travessia por e

---

<sup>1</sup> Esta epígrafe e todas as outras que aparecerão neste texto foram escritas pela autora, Thamy Lobo, em diversas fases de sua vida, algumas fazem parte de cadernos de seu acervo pessoal, já outras estão em sua página de crônicas do Facebook, Poesia onde não tem, e podem ser lidas no endereço: <https://www.facebook.com/poesiaondenaotem/>

<sup>2</sup> *Spoiler* em inglês, tradução espoliador, se refere ao termo Espólio ou Espoliação, termo oriundo do meio jurídico que se refere ao ato de privar alguém de algo que lhe pertence ou a que tem direito por meio de fraude ou violência; esbulho. Na utilização popular passou a se referir usualmente como um termo que se refere a qualquer fragmento de uma fala, texto, imagem ou vídeo que se encarregue de fazer revelações de fatos importantes, ou mesmo, do próprio desfecho da trama de obras tais como filmes, séries, desenhos animados, animações e anime, conteúdo televisivo, livros e videogames em que, na maioria das vezes, prejudicam ou arruinam a apreciação de tais obras pela primeira vez.

<sup>3</sup> Como escolha metodológica, a autora irá registrar as variações femininas e masculinas de algumas palavras. Devido às variações masculinas serem, tradicionalmente, as únicas registradas, as femininas antecederão a elas.

com ela seja mais instigante e segura. Se é que é possível prevermos qualquer segurança quando escrevemos um pouco acerca de qualquer caminho. Na verdade, nenhuma descrição ou aviso nos impede de ‘*verouirsentirpensar*’<sup>4</sup> de uma maneira única ao atravessarmos um texto com nossos próprios ‘*olhosouvidoscoraçõamente*’.

Faço parte de um grupo que pesquisa ‘*nosdoscom*’ os cotidianos, desejo mencionar algumas linhas que atravessam as redes que formamos, mas o restante será com a leitora e o leitor. Torço para que surjam pensamentos concordantes ou não a cada trecho da leitura. A ideia não é um veredicto, nem uma busca por aceitação, mas uma criação que apresenta um pouco acerca da partida que compartilhamos. Após a partida, com cuidados afins, cada uma e cada um continua sua própria caminhada.

Sendo assim, antes de me apresentar e seguir com a minha escrita, compartilho algumas ideias que tenho em comum ao grupo de pesquisas *Currículos cotidianos: redes educativas, imagens e sons* que faço parte e que será detalhadamente e carinhosamente apresentado nesta dissertação. Escolhi, como metodologia, mostrar previamente essas ideias como um glossário, aquela lista de palavras que comumente encontramos em livros. Justifico a escolha por acreditar que desta maneira a apresentação se torna simples como diversas ações cotidianas. Além da característica que glossários, assim como prefácios, são encontrados em livros literários, cujas narrativas são estudadas e criadas em minha pesquisa.

Apresentarei as palavras e termos e escreverei um pouco acerca delas. O termo *cotidianário*, surge da junção das palavras cotidiano, glossário e dicionário. Não tenho pretensão de conceituar nenhum termo, mas sim compartilhar meus sentimentos acerca de cada ideia para que a leitura do meu texto se torne fluida. Espero que seja aproveitado por quem não faz parte dos estudos com os cotidianos e pelos que fazem também. A organização não segue a ordem alfabética, mas sim a de surgimento na minha memória, no meu texto e nos meus ‘*olhosouvidoscoraçõamente*’.

Para saber mais acerca de cada ideia apresentada, ousou fazer uma sugestão: o *podcast*<sup>5</sup> do grupo de pesquisas, que se chama: *Cotidianos e currículos*<sup>6</sup> e que possui edições semanais.

---

<sup>4</sup> Esses termos e tantos outros que ainda aparecerão neste texto, estão assim grafados porque, há muito, o grupo de pesquisa no qual percebeu que as dicotomias necessárias à criação das ciências na Modernidade têm significado limites ao que precisamos criar na corrente de pesquisa a que pertencemos, as chamadas pesquisas nos/dos/com os cotidianos. Com isto, passamos a grafar deste modo os termos: juntos, em itálico e entre aspas simples. Estas últimas foram acrescentadas com vistas a deixar claro aos revisores/as de textos que é assim que esses termos precisam aparecer.

<sup>5</sup> Podcast é um conteúdo em áudio, disponibilizado através de um arquivo ou streaming, que conta com a vantagem de ser escutado sob demanda, quando o usuário desejar.

<sup>6</sup> O Podcast: *Cotidianos e Currículos* do grupo de pesquisas: *Currículos cotidianos: redes educativas, imagens e sons*, coordenado por Nilda Alves e ligado ao programa em pós-graduação em educação ProPed/ UERJ – Maracanã e ao programa de pós graduação em educação: Processos Formativos e Desigualdades sociais,

Nos episódios encontramos crônicas, conversas e entrevistas com diversos ‘*praticantespensantes*’ e as ideias que circulam nos cotidianos e nas redes educativas.

### **NARRATIVAS**

Nos estudos com os cotidianos, reafirmamos a potência das narrativas, ainda mais ao se tratar dos ‘*espaçotempos*’ escolares que são repletos de histórias das e dos estudantes, professores e todas e todos que fazem parte deles, mesmo que geograficamente, além de seus muros. Todo aprendizado precisa de um pouco de histórias, de exemplos, de imaginações e criações para existir. Ensinar e aprender estão intimamente ligados ao ato de narrar. Além disso, eu não somente vivo, eu conto histórias, acredito que um pouco como todas e todos fazem, sendo assim meu texto de dissertação não teria outro formato para existir, *spoiler*, se ainda não percebeu até aqui, ele é uma narrativa.

### **CRIAÇÃO**

Criamos a todo ‘*espaçotempo*’. Duas pessoas não fazem a mesma tarefa exatamente da mesma maneira. Criamos quando estamos lendo, assistindo televisão e até copiando algum texto, afinal, a letra é nossa, a pressão no lápis, o espaçamento entre as palavras e os erros. Não existe pesquisa sem criação, mas o grupo que participo estende essa palavra e contempla todas e todos que fazem parte do processo das redes educativas. Estudantes criam, professores criam, todos os que atuam no processo ‘*aprendizagemensino*’. O que fazemos com isso? Inserimos e valorizamos as criações nas pesquisas.

### **ARTEFATOS**

Livros, filmes, séries, peças teatrais, mais que produções culturais, são artefatos curriculares, ou seja, obras realizadas por mulheres e homens e que nos auxiliam a nos encantar e espantar com os, nossos e os que estão distantes, cotidianos. Quando pensamos nas redes curriculares entendemos a sua importância. Como apresentar um assunto sem o auxílio de um destes artefatos? Essenciais, para as escolas e para a vida, nesta pesquisa destaco os livros. Artefatos tão antigos e incríveis que perdem atualmente seus espaços físicos de encantamento e venda, com a crise nas livrarias e suas produções, com as crises editoriais, enquanto tenta resistir de diversas maneiras. Escrevo acerca dos livros e apresento uma proposta de criação de livros. Vida longa a eles!

## **COTIDIANOS**

Cotidiano(s) não existe(m) no singular, se estamos falando em ações do dia a dia entendemos que não há uma maneira única ou correta de se vivenciar. Logo, escrevemos e valorizamos os cotidianos no plural. Ao ‘*praticarmospensarmos*’ nas redes educativas, compreendemos por que os cotidianos são tão importantes nas nossas pesquisas. Sem chão, não há escolas. Precisamos estar atentas e atentos a todas suas miudezas diárias para que possamos entendê-las, questioná-las e abraçá-las.

## **CONVERSAS**

Difícilmente existam cotidianos sem conversas. Esta troca de informações, espantos e empatias nos move e nos permite ousar compreender o que acontece e o que ainda precisa acontecer nas escolas. Conversas são diferentes de monólogos, onde, geralmente, quem a ou o apresenta não está, por escolha ou situação, aberta ou aberto a ouvir a outra ou o outro. Nas conversas há partilha, até quando uma pessoa fica em silêncio, só escutando, pois se sabe que há possibilidade de falar a qualquer momento, se é uma conversa há essa abertura. Conversa é a metodologia usada nesta dissertação tanto para falar com a leitora e leitor, como na criação da pesquisa.

## **INFORMALIDADE**

Para alguns pode parecer audácia inserir a palavra informalidade em um glossário presente em uma dissertação de Mestrado. Mas a linguagem escolhida para esta escrita tende mais à informalidade, caso queiramos e precisemos defini-la. Justifico a escolha por se tratar de uma pesquisa repleta de narrativas onde o projeto é a criação de narrativas infantojuvenis, além da metodologia escolhida ser as conversas, conversas estas realizadas com jovens de 15,16 anos e suas linguagens tão potentes e repletas de significados. Diversas vezes a informalidade nos aproxima. Linguagem é comunicação.

## **MIÚDO**

Estudar com os cotidianos é valorizar o que para algumas e alguns seria o pequeno, o comum. Certeau (2015) ao pesquisar as ações do dia a dia, chama atenção ao ordinário, em sua língua *ordinaire*, como em português temos uma conotação negativa e não é um termo comumente utilizado, escolhemos para nossos estudos a palavra miúdo, como faz a professora Caputo (2018). Olhares, ruídos, pequenos gestos, conversas no intervalo, acessórios que invadem o uniforme escolar. As redes educativas não são repletas só de grandezas, mas de miudezas e são únicas devido à existência delas.

## **PALAVRASJUNTAS**

Língua é poder. Ao estudarmos as origens da escrita, percebemos que em diversas partes do mundo, quando a linguagem escrita não era formalizada, já existiam diversos tipos de linguagens que se dividiam em duas principais: a linguagem dominante de uma classe social privilegiada e a informal das pessoas “miúdas”. “Quebrar a linguagem”, mesmo com pequenos passos como fazer questão de inserir a palavra feminina junto a masculina, que por tradição determina um conjunto onde há homens e mulheres, é um passo não só estético, mas político. Ao juntar palavras que a ciência moderna e sua necessidade de dicotomia faz questão mais que de separar, distanciar, é questionar a linguagem e, conseqüentemente, o pensamento. Ensinamos e aprendemos ao mesmo tempo, então se trata de *‘aprendizagemensino’*, assim como *‘espaçotempo’* que já seguem juntos, até antes das palavras se unirem. Utilizarei, assim como meu grupo, algumas junções de palavras que entendemos que não poderiam se dividir, seja pela mesma importância ou por acontecer juntas. Pode parecer pequeno, mas é o pequeno mesmo que nos interessa.

## **REDES EDUCATIVAS**

O termo escola, embora em minha opinião, curto e ao mesmo tempo impactante, não dá conta de identificar todos os *‘espaçotempos’* onde ocorrem *‘aprendizagensensinos’*. ONGs, projetos educativos na rua, templos religiosos que possuem atividades para crianças e jovens, museus e seus projetos com pessoas e arte. Seria ingênuo ou até mesmo perigoso supor que a educação está restrita aos espaços formais. Diversas redes atuam para este mesmo fim, até quando não se há conscientemente uma atenção para isto. A própria casa das crianças e jovens é uma rede educativa, talvez a maior delas e para se *‘praticarpensar’* e pesquisar educação, é importante perceber que *‘aprendemosensinamos’* a todo tempo, em diversos *‘espaçotempos’*, mesmo entendendo a força política e importância social das escolas.

## **PRATICANTEPENSANTES**

Quebrando a dicotomia entre as e os intelectuais que ensinam e as e os que “recebem” os ensinamentos, utilizar *‘praticantespensantes’* é entender que todos têm um pouquinho de tudo. Criamos a todo tempo. Até nas atividades consideradas mais simples, que as pessoas mencionam que fazemos “no automático”, há um pensamento, pois se algo não acontece como planejado, rapidamente criamos alguma solução. Na relação entre professoras, professores e estudantes há momentos de *‘praticarpensar’* e criar, que variam em todos os participantes dos processos. Não conseguiríamos, nem se quiséssemos ser só pensamento ou prática. Nos cotidianos acontece tudo junto e misturado. Estamos constantemente *‘praticandopensando’*.

## 1 O QUE ACONTECEU ATÉ AQUI?

Que eu nunca me acostume às situações  
 Que o meu olhar seja sempre de novidade  
 Que as simples coisas continuem me encantando  
 Que eu me prepare para as aulas, como se nunca tivesse  
 feito isso antes  
 Que ir à feira seja sempre incrível  
 Que os filmes me emocionem  
 Que meus medos não me paralisem  
 E que eu tenha sempre o olhar curioso do talvez, ao  
 invés do comodismo cínico da certeza.

*Thamy Lobo (2014)*

Desde nova, Thamy Lobo, tem um olhar atento a tudo ao seu redor. Isso é comum, alguém poderá dizer, mas quando menciono olhar atento<sup>7</sup>, me refiro a um olhar particular para as coisas, como se tudo tivesse um traço único, que merece ser visto. Em sua cabeça, todos enxergavam o mundo dessa mesma maneira, até que ela foi crescendo e percebendo que não era exatamente assim, que esse olhar atento era uma sensibilidade e uma tendência para perceber poesia no que estava em sua volta. Ela via poesia onde acreditam não existir.

Podemos contar ou descrever uma vivência, um fato, um acontecimento. Mas quando narramos uma experiência, convidamos outros seres humanos a compartilharem conosco de nossa humanidade. Narrar uma experiência é abrir-se ao encontro e, talvez, seja exatamente este encontro que percamos na troca diária e desesperada de milhares de informações, tantas vezes inúteis. (SERPA, 2018, p.101)

Thamy deseja conduzir esta dissertação a partir da narrativa de si, sendo assim, inicia contando um pouco da sua história. Escolheu começar a escrever em terceira pessoa, não com a ideia de se afastar de si, mas sim de se entender como uma personagem, uma fagulha de uma pessoa, que tem múltiplas facetas, dependendo do olhar de quem a vê e do momento de vida da própria. Talvez, neste momento, ela se sinta mais a vontade de contar a sua história em terceira pessoa. Essa é a maneira que deseja iniciar a contá-la.

---

<sup>7</sup> No grupo de pesquisa em que desenvolvo meu trabalho, há a compreensão que nossa relação com o mundo, a natureza e os outros seres é sempre mediada por todos os sentidos humanos e não somente o olhar. Este foi assumido na Modernidade como o sentido hegemônico e ainda está marcadamente em nós, como tal. Decidi manter esta ideia de OLHAR aqui, esperando mostrar que com desejo de ampliar e alargar irei além dele.

A escolha pela narrativa se dá por múltiplos motivos. A princípio e a mais simples explicação, é que esta foi a maneira que a nossa personagem achou mais poética de seguir. E tem motivo mais nobre? As narrativas estão presentes em seu tema, na verdade, é o seu tema principal, além de que ela faz parte de um grupo de pesquisas<sup>8</sup> que estuda os cotidianos e as narrativas fazem parte deles. Tudo isso será explorado e explicitado mais à frente. Por ora, iremos continuar como os livros geralmente iniciam, contando um pouco acerca da personagem.

Thamy nasceu em 21 de junho de 1983. Dia do início do inverno no hemisfério sul, ou norte, dependendo da sua percepção da posição do planeta.<sup>9</sup> Seu nome veio de um filme estadunidense, *Tammy and the bachelor*, (1957), dirigido por Joseph Pevney traduzido como *Flor do pântano* e conta a história de uma menina que mora em uma casa barco próximo a um pântano com seu avô e depois se muda para a cidade grande, onde demora a se adaptar, mas conquista a todos com seu jeito inocente e astuto.

Figura 1 - Capa do DVD do filme, *A flor do Pântano*



Fonte: <http://magooogames.blogspot.com/2012/06/filmes-aventuras-acao-drama-desenhos.html>

Como a nossa personagem foi uma criança tímida e determinada, sua mãe a comparava com a personagem do filme. Ela adorava ouvir a trilha sonora, se sentia única por ter uma música que citava o seu nome: “*Tammy, Tamy, I love you.*”<sup>10</sup>

<sup>8</sup> O grupo de pesquisa *Currículos cotidianos: redes educativas, imagens e sons* coordenado pela professora Dra. Nilda Alves (UERJ-Maracanã e UERJ-FFP).

<sup>9</sup> O mapa invertido da América Latina é uma obra do artista uruguaio Joaquim Torres Garcia que mostra a América Latina na parte de cima do mapa, ou seja, no Norte. Uma percepção que é muito válida, afinal, não há, além da escolha de cartógrafos da época, justificativa para a posição das Américas como conhecemos tradicionalmente.

<sup>10</sup> Podemos assistir um trecho do filme e ouvir a música no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=ew3mtNZFrMY>

Lobo é o sobrenome do seu pai. Devido à escolha da sua mãe, por gostar de nomes curtos, foi registrada como Thamy Lobo, o que causou estranheza nas pessoas e admiração por ter um nome pequeno, mas forte. O que podemos dizer que a nossa personagem herdou da personagem do filme é o fato de ter sido tímida, com movimentos sutis ao estar com estranhos, para que não chamasse a atenção, apesar de ter um turbilhão de ideias em sua mente. Vivia como se não conseguisse expressar o que sentia em palavras, mas o fazia bem com o seu olhar. Nasceu com olhos bem abertos, como se quisesse apreender tudo que encontrava ao seu redor para devolver através da sua maneira de ver. Ela tem olhos expressivos.

Figura 2 - Thamy quando era bebê, olhando para a câmera



Fonte: A autora, 1984.

Primeira filha de um casal jovem, a menina teve uma infância feliz e ainda mais significativa após o nascimento da irmã, três anos depois dela. Cresceram juntas e frequentemente foram companheiras de aventuras. Não viviam com luxo, mas eram livres para brincar e explorar tudo ao redor. As amigas da rua adoravam visitar a casa das irmãs, pois lá os brinquedos não ficavam em caixas, nas estantes, mas sim no chão, ao alcance de todas. Os móveis andavam pelo *'espaçotempo'* da casa, as cadeiras da mesa de jantar enfileiradas se tornavam um ônibus ou um avião para as viagens, a cama com lençóis se transformava em uma cabana para aventuras na selva, o sofá, um móvel de um hotel de luxo,

o quintal grande, na perspectiva das crianças, era um auditório onde a plateia imaginária fazia parte dos shows. Tudo servia para a criatividade das irmãs.

Figura 3 - Thamy e sua irmã Thayane sorrindo



Fonte: A autora, 1989.

Desde pequenas foram incentivadas à leitura, mas a Thamy costumava ser mais apegada às histórias do que a irmã. Começou prestando atenção às narrativas contadas através dos desenhos animados. Tinha imaginação o suficiente para a partir do que ouvia e via, misturado ao que sentia, criar outras histórias, onde ela mesma se tornava protagonista. Começou a juntar as primeiras letras através de coleções que seus pais compravam de vendedoras que vinham à sua porta, oferecendo os livros por pequenas fortunas, que seus pais pagavam de forma parcelada, com juros, por acreditarem que livros eram ótimos investimentos.

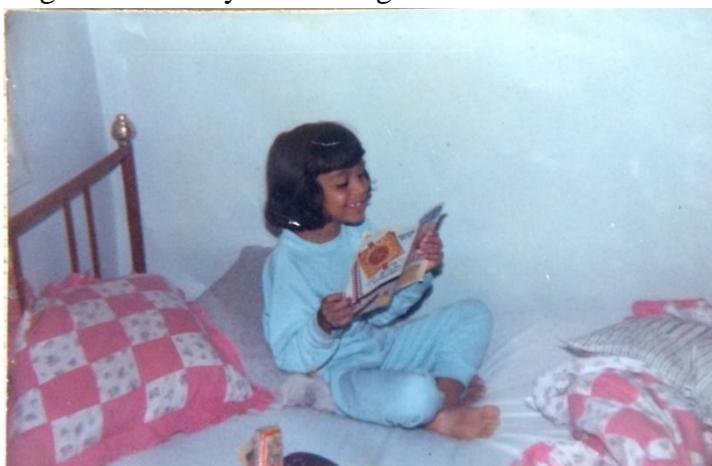
Aprendeu as primeiras palavras, também com os gibis da Turma da Mônica, personagens de Maurício de Souza<sup>11</sup>. Quando já compreendida o que os quadrinhos queriam dizer, lia mais rápido que a possibilidade de compra dos seus pais e a maneira que eles encontraram de manter a renovação das histórias, era levar a filha todo domingo à feira para que fosse até à “Kombi dos gibis”, um veículo que ficava estacionado na rua e que vendia

---

<sup>11</sup> Maurício de Souza (Santa Isabel, 27 de outubro de 1935) é um cartunista e escritor brasileiro. A Turma da Monica, histórias em quadrinhos criadas por ele, é uma das revistas do segmento mais populares no Brasil.

exemplares antigos de quadrinhos por preços mais em conta que os novos oferecidos nas bancas de jornal e que também realizava trocas, gratuitamente, de exemplares. Havia uma sensação de prazer ao entrar no veículo, lotado de revistinhas, e escolher, entre as diversas possibilidades, as que não tinham lido ainda. Ela frequenta essa mesma feira até hoje, e sente não existir mais essa iniciativa, pois compreende que além de facilitar o acesso à leitura a um grupo que não tinha condições econômicas para comprar frequentemente novos exemplares, era uma atitude sustentável, pois fazia com que não acumulassem revistinhas em casa, fazendo-as circular.

Figura 4 - Thamy lendo um gibi da Turma da Mônica



Fonte: A autora, 1992.

Enquanto nossa personagem ia crescendo, suas leituras foram se diversificando. Começou a gostar de narrativas que não necessariamente eram acompanhadas de imagens e a cada dia o número de páginas ia aumentando, na proporção que seu fôlego de leitura crescia. Passou por diversas fases. Lia livros que formavam a Série Vaga-lume<sup>12</sup>. Teve a fase esotérica com Paulo Coelho. Sentiu-se entendedora de sentimentos com Clarice Lispector. Passou pela fase detetive com Agatha Christie, e daí foi percorrendo diversas autoras e diversos autores, movimento que faz até hoje. Migrando entre os livros, com um sentimento de ser uma deslocada, que viaja e tenta conhecer o máximo da cultura, dos hábitos, dos cotidianos das outras e dos outros. Era uma menina introvertida, que gostava da companhia dos livros.

Diversas histórias tocaram a nossa personagem. Alguém que está constantemente lendo tem em sua memória pessoas, cenários, histórias que, por vezes, até se confundem com

---

<sup>12</sup> A Série Vaga-lumes é uma coleção de livros infanto-juvenis lançada em 1973. A coleção possui mais de 100 títulos em seu catálogo e era leitura quase obrigatória nas aulas de Língua Portuguesa nos anos 80 e 90.

o que realmente se viveu. E, talvez, não haja nenhum problema nisso, já que cada um tem suas próprias percepções do que aconteceu em sua vida.

Com efeito, como mostrava Bergson, a lembrança não é uma imagem atual que se formaria após o objeto percebido, mas a imagem virtual que coexiste com a percepção atual do objeto. A lembrança dá a imagem virtual contemporânea ao objeto atual, seu duplo, sua imagem no espelho” (ALLIENZ, 1996, p. 53)

Dentre inúmeras narrativas, algumas estão em um canto especial da memória da nossa personagem. Como se tivesse acabado de ler o livro e sentisse aquele sentimento agrídoce de ler algo bom, mas saber que chegou ao fim daquela história. Quando se recorda das narrativas que leu, a primeira que vem a sua memória é o conto *Perdoando Deus* (1971), de Clarice Lispector<sup>13</sup>. Um texto em primeira pessoa que narra a história de uma mulher que se depara com um rato morto e toda a quebra de sentimento que esse encontro provoca. É uma narrativa repleta de questionamentos e sensações e é exatamente por isso que Thamy se encantou. Clarice Lispector foi quem a apresentou a uma forma de escrita que retrata cenas corriqueiras de um jeito poético, cheio de significados. Foi com essa autora que ela percebeu que existia esse estilo de literatura, onde os sentidos sobrepõem-se às ações. Era desse jeito que ela queria escrever um dia.

Talvez eu me ache delicada demais apenas porque não cometi os meus crimes. Só porque contive os meus crimes, eu me achava de amor inocente. Talvez eu não possa olhar o rato enquanto não olhar sem lividez esta minha alma que é apenas contida. Talvez eu tenha que chamar de “mundo” esse meu modo de ser um pouco de tudo. Como posso amar a grandeza do mundo se não posso amar o tamanho de minha natureza? Enquanto eu imaginar que “Deus” é bom só porque eu sou ruim, não estarei amando a nada: será apenas o meu modo de me acusar. Eu, que sem nem ao menos ter me percorrido toda, já escolhi amar o meu contrário, e ao meu contrário quero chamar de Deus. Eu, que jamais me habituei a mim, estava querendo que o mundo não me escandalizasse. Porque eu, que de mim só consegui, foi me submeter a mim mesma, pois sou tão mais inexorável do que eu, eu estava querendo me compensar de mim mesma com uma terra menos violenta que eu. Porque enquanto eu amar a um Deus só porque não me quero, serei um dado marcado, e o jogo de minha vida maior não se fará. Enquanto eu inventar Deus, Ele não existe. (LISPECTOR, 197, p. 406 - 407)

Outro texto que ela leva consigo é, o também conto, *A terceira margem do rio* (1962) de Guimarães Rosa<sup>14</sup>. Ela se lembra de ter ficado impressionada com o personagem que

<sup>13</sup> Clarice Lispector (Chechelnyk, 10 de dezembro de 1920 — Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1977) escreveu contos, romances e ensaios. É considerada uma das maiores autoras brasileiras do século XX. O conto *Perdoando Deus* foi publicado em seu primeiro livro: *Felicidade Clandestina*.

<sup>14</sup> Guimarães Rosa (Cordisburgo, 27 de junho de 1908 — Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1967) foi um escritor, diplomata, romancista, contista e médico brasileiro, considerado por muitos o maior escritor

decide largar tudo e sem falar nada, parar, com uma canoa, no meio do rio. Esse conto deixava dúvidas, abria interpretações e marcou nossa personagem justamente por essa característica. Com esse conto ela aprendeu que nem tudo tinha uma explicação ou nem todas as explicações faziam sentido para todos, seja na vida ou na literatura.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. Os parentes, vizinhos e conhecidos nossos, se reuniram, tomaram juntamente conselho. (ROSA, 2008, p.67)

Algo que a formava e que ampliava esse sentimento de curiosidade em relação à outra e ao outro eram os seus pais. Eles realizavam escolhas, talvez até genuínas, em relação ao que as meninas assistiram na televisão, por exemplo. Assistiam com frequência à TV Cultura e aos seus programas infantis, além de outros acerca de livros e política. Dois jornais eram comprados, com sacrifício, todo domingo, *O Globo* e *Jornal do Brasil*, um pouco mais caros em relação às outras edições mais populares, mas que, na época, tinham mais conteúdos voltados à programação cultural, como dicas de livros, exposições e filmes em cartaz.

Elas, as irmãs, faziam passeios culturais, visitaram a exposição do artista francês, Auguste Rodin, no Museu Nacional de Belas Artes, no Centro do Rio de Janeiro, em 1995. Lá, enfrentaram uma longa fila para conferir obras como *O Beijo*<sup>15</sup> de perto. Mais tarde, já na graduação em Letras, um professor de Literatura perguntou quem tinha conferido à exposição na época e se espantou com o fato de Thamy ter ido aos 12 anos. Além disso, as atitudes dos seus pais perante as outras pessoas, como quando sua mãe chamava os meninos em situação de rua para se sentar com elas na pizzaria, ao invés de simplesmente oferecer um pedaço de pizza foram marcantes para sua formação. Pequenas atitudes que não saem da memória da personagem e certamente a influenciaram a ser quem ela é.

O fato é que a nossa personagem mais tarde iria refletir acerca da questão do que é cultura. Entende que seus pais na tentativa de oferecer o melhor, lhes ofertavam a maior quantidade de estímulos que lhes eram possíveis. Então as meninas poderiam passar uma boa parte com as amigas e os amigos em sua rua, mas também faziam passeios para alguns centros culturais, assim como eram incentivadas a fazer leitura dos jornais.

---

brasileiro do século XX e um dos maiores de todos os tempos. O conto: O livro *A terceira margem do rio* foi publicado em 1962 no livro intitulado *Pequenas estórias*.

<sup>15</sup> *O Beijo* é uma escultura em mármore do artista realista Auguste Rodin que está atualmente no Museu Rodin (*Musée Rodin*), em Paris. Na obra do escultor francês, o artista inspirou-se nos delírios amorosos vividos com Camille Claudel, sua assistente.

Sob a perspectiva de Certeau, toda cultura requer uma atividade, um modo de apropriação, uma adoção e uma transformação pessoais, um intercâmbio instaurado em um grupo social. É exatamente esse tipo de “culturação”, se assim podemos dizer, que confere a cada época sua fisionomia própria. (GIARD, 2012 apud CERTEAU, 2012, p. 10)

O cinema é uma paixão que a acompanha desde pequena. O dinheiro para ingressos de filmes em cartaz no cinema era separado todo mês. Sua família costumava frequentar o Cine Madureira, que ficava localizado na Rua Dagmar da Fonseca, em Madureira, Zona Norte do Rio de Janeiro. A personagem gosta do ambiente do cinema, da tela grande, do som que se espalha na sala, das cadeiras confortáveis e principalmente em espiar a reação das outras e dos outros ao assistir aos filmes. Ela costumava rir das risadas das e dos espectadores e se sentir acolhida ao se emocionar e ver que ao seu redor outras pessoas compartilhavam das mesmas emoções. Até hoje ela gosta desse universo e demora a se desconectar ao terminar de ver um filme. Sente-se inebriada ao fim da sessão, como se quisesse estender aqueles sentimentos que foram despertados naquele período, como se mesmo se referindo a uma realidade criada, fosse mais fácil de fazer em um filme do que em sua vida.

Assim como a tendência para gostar das letras e artes em geral, nossa personagem tinha uma sensibilidade que a fazia explorar tudo ao seu redor. Prestava atenção aos detalhes em seu caminhar. Ruas, casas, escolas, cinemas, parques e exposições. Os sons, os formatos das pedras e dos edifícios, as pessoas, que apressadas, seguiam seu destino. Ela amava os detalhes, os cacarecos, que para algumas e alguns, não tinham importância. E assim foi formando suas diferentes redes educativas<sup>16</sup> que também a formaram.

Aos 14 anos, começou um processo de busca do primeiro emprego. Na verdade, tinha duas amigas da escola que estavam empolgadas para se iniciar no mercado de trabalho. Ela mesma ainda não pensava nisso, ou melhor, pensou nesse assunto uma única vez, um ano antes, quando leu nos classificados do jornal o melhor anúncio de emprego do mundo: um senhor com deficiência visual estava em busca de alguém para ler para ele. Automaticamente começou a sonhar com a rotina do trabalho: os dois tomando café, enquanto lia o jornal. Discutiriam a política do país e ririam com uma tirinha idiota qualquer. Liriam os clássicos e alguns livros bobos que ocuparam o primeiro lugar de venda nos Estados Unidos no último verão. Ela o levaria à livraria para comprar seus próprios livros, apreciando o caminho, pois o senhor solitário quase não saía de casa. Ela seria sua melhor amiga, e ganharia dinheiro fazendo o que mais amava: ler. Depois da convivência, quando o senhor falecesse, seus filhos

---

<sup>16</sup> A ideia de redes educativas – que está no nome do grupo em que desenvolvo o meu trabalho – é uma das ideias-chave nas pesquisas com os cotidianos tais como as *‘praticamospensamos’*. Esta ideia aparecerá melhor explicada mais adiante na dissertação.

temeriam o momento da leitura do testamento, achando que por nossa proximidade, ele tivesse deixado algum bem para ela. Na verdade, ele destinaria para Thamy somente um livro e ela choraria quando o recebesse em mãos, pois era o primeiro livro que leu para ele, se tornando o seu melhor tesouro. Ela nunca recebeu resposta pela oferta de emprego, mas sentiu, por um período, falta desse amigo que nunca teve.

Um ano depois, ela acompanhou duas amigas na visita a uma ONG, chamada Associação Beneficente São Martinho, que oferecia vagas para um curso preparatório para o primeiro emprego. As amigas não puderam ingressar devido a algumas exigências e Thamy iniciou um curso de preparação para o mercado de trabalho, que fazia parte do processo para ingressar no projeto Menor Trabalhador<sup>17</sup>. No início relutava, mesmo querendo assumir aquela responsabilidade, acreditava que por ser nova, teria dificuldade em se revezar entre brincadeiras da infância com orientações para o trabalho, mas à medida que foi frequentando o curso, foi se encantando com aquele método tão diferente, que não tinha vivenciado até então.

Na Associação Beneficente São Martinho elas e eles se sentavam em círculo, todas e todos tinham direito à fala. E as professoras e os professores demonstravam bastante interesse em ouvir. As dinâmicas das aulas eram interessantes, e não se tratava só de repassar dicas de como realizar um trabalho administrativo. Thamy recorda que nos encontros da disciplina Filosofia não estudava acerca de um filósofo, mas sim filosofavam, conversavam, acerca de amor, medo, liberdade e outros sentimentos. Como foi uma estudante dita mediana, na escola, não era destaque entre notas altas e baixas, passou despercebida. Na ONG, ao contrário, ela sentia que era vista, era convidada a se desenvolver, foi a primeira vez que se sentiu verdadeiramente pertencente a um *'espaçotempo'* educativo, já não se sentia tão deslocada.

Após o processo do Curso de Formação Profissional, foi encaminhada para o Centro de Pesquisas de Energia Elétrica (CEPEL), para fazer parte do primeiro grupo de menores a trabalharem na empresa. Devido a sua afeição por livros, foi direcionada para trabalhar na biblioteca, uma vivência gratificante para uma pessoa que tem uma relação com a literatura, mesmo sendo a biblioteca voltada para assuntos técnicos específicos da área de energia elétrica. Iniciou arrumando as estantes e ao fim do contrato, que durava em média três anos e meio, já era responsável pela aquisição de periódicos nacionais e internacionais.

---

<sup>17</sup> O Projeto Menor Trabalhador era o nome dado à inserção de jovens no mercado de trabalho até o ano 2000. Baseado na CLT, não havia diferença entre o menor e um maior em relação a carga horária e outras especificidades. Com a criação do Projeto Jovem Aprendiz, aprovada no ano 2000, determinou-se que toda empresa de médio e grande porte deveria ter de 5 % a 15% de jovens aprendizes contratados, com carga horária de 4 ou 6 horas no máximo, além da obrigatoriedade de um aprendizado teórico, oferecido por uma instituição sem fins lucrativos.

Conseguiu trabalhar com aquisições internacionais, já que devido a um convênio da ONG com um curso de inglês, realizou o sonho de estudar e concluir um curso de uma segunda língua, que frequentou com esforço durante cinco anos. Saía da zona norte, onde morava até o Centro para estudar. As mensalidades eram gratuitas, mas o material didático não. Era tão custoso na época que Thamy parcelava os livros como se fossem mensalidades para que conseguisse pagar. Iniciou o curso em um grupo com trinta jovens e terminou o curso com somente seis jovens que seguiram até o final.

Figura 5 - Thamy entre os jovens na empresa CEPTEL

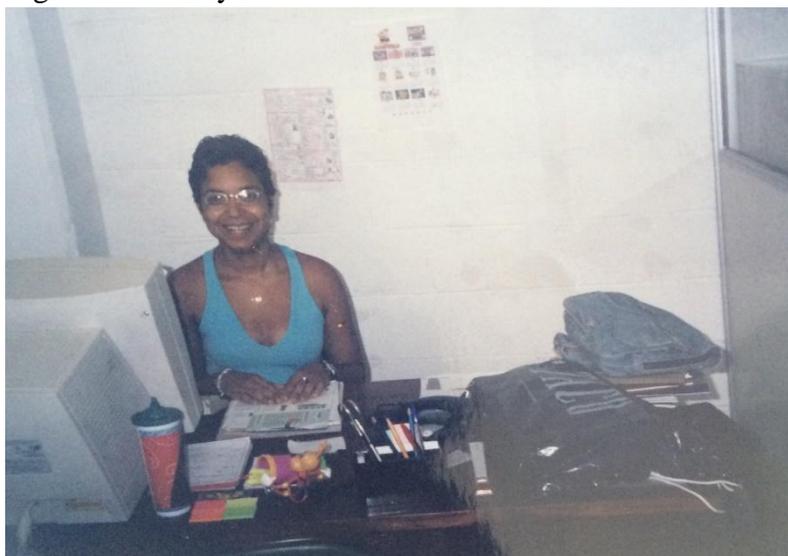


Fonte: A autora, 1997.

Ao se aproximar do término do contrato, a empresa queria contratá-la como estagiária, e para isso, ela necessitava ingressar no curso superior. Na época, ano 2000, era difícil o vestibular. Precisava se inscrever em todas as universidades isoladamente, o que demandava dinheiro e estudos para provas de estruturas diversas. Ainda mais para uma adolescente em sua situação, que trabalhava nove horas por dia e cursava o Ensino Médio no período da noite em uma escola estadual em que faltavam professores de diversas disciplinas. Ela desejava cursar Letras, na época, devido ao amor pela literatura, mais do que *'praticarpensar'* em ser professora ou então Biblioteconomia, por estar gostando do seu primeiro ofício. Devido a pouca condição financeira e até mesmo falta de percepção acerca da universidade pública, já que naquela época seu pensamento era que ela pertencia só aos ricos e, talvez, aos pobres que eram inteligentes, só tentou uma Universidade, a única que oferecia, naquele momento, o curso de Biblioteconomia, que era a UNIRIO<sup>18</sup>. Mas com uma etapa discursiva, que incluía até Química, disciplina que Thamy não tinha sequer professor, não conseguiu ingressar.

<sup>18</sup> A Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) é uma instituição brasileira de ensino superior de nível federal. Sediada no bairro da Urca, na cidade do Rio de Janeiro.

Figura 6 - Thamy em sua mesa de trabalho no CEPTEL



Fonte: A autora, 2001.

Seguiu o caminho de diversas e diversos jovens de classe média baixa que conhecia, ingressar em uma universidade particular, enquanto trabalhava durante todo o dia para conseguir pagar as mensalidades. Por falta de oferta do curso de Biblioteconomia pois só encontrou uma Universidade que possuía o curso e a mensalidade era, na época, três vezes o valor do seu salário, ingressou no Curso de Letras, licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura. Mesmo tendo concluído o curso de Inglês, escolheu Literatura, pois sabia que a grade de quem escolhia uma língua era reduzida em relação a essa área e a Literatura era o que mais a interessava na época. Além disso, ela tinha um pensamento, não queria se tornar especialista na língua de outras pessoas.

Iniciou a graduação aos 17 anos. Cursou-a com esforço. Era difícil conciliar o trabalho e os estudos, mas participava de tudo com gosto. Ficava encantada ao conhecer novas autoras e novos autores e conversar acerca de livros clássicos que apreciava. E se surpreendia com algumas pessoas que estavam ali e não gostavam de ler, pois acreditava que era um critério importante ao se escolher um curso de Letras. Era uma das mais novas e se esforçava tanto para atingir os objetivos, realizar as tarefas e mostrar que era capaz, que uma professora um dia mencionou que a música da cantora Adriana Calcanhoto<sup>19</sup>, *Esquadros*, falava da Thamy, que queria “*chegar antes, para sinalizar o estar de cada coisa, filtrar seus graus*”. Realmente ela tem essa prática de trazer novidades, talvez por esse seu olhar atento ao

---

<sup>19</sup> Adriana da Cunha Calcanhoto (Porto Alegre, 3 de outubro de 1965) é uma cantora, compositora, intérprete, instrumentista, arranjadora, escritora e ilustradora brasileira, além de atuar como professora e embaixadora da Universidade de Coimbra, em Portugal.

redor, talvez para que reconheçam que pode pertencer a aquele ‘*espaçotempo*’, tão caro a ela e, que não era uma deslocada.

Figura 7 - Thamy recebendo seu diploma



Fonte: A autora, 2004.

Nesse mesmo período aconteceu um fato na vida da Thamy em que ela, pela primeira vez, se viu como uma possível escritora e que o que escrevia tinha o seu valor. Ela já tinha uma página na rede social Facebook<sup>20</sup> onde compartilhava umas crônicas que escrevia. Tem mais afeto pelas crônicas por ser um gênero literário em que os cotidianos estão presentes. Ela conseguia compartilhar alguns momentos do seu dia com um toque de surpresa, afeição e poesia. Começou a participar de um clube de leitura que acontecia na Arena Dicro<sup>21</sup>, onde os participantes liam crônicas de autores diversos e depois distribuía anonimamente seus próprios textos para serem lidos pelos participantes, escolhendo um para ser publicado na página do Facebook do projeto. Em um dos encontros, contaram com a presença da esposa do Augusto Boal<sup>22</sup>, Cecília Boal<sup>23</sup>, que pegou um texto da Thamy para a leitura. Ela ficou

<sup>20</sup> Facebook é uma mídia social e rede social virtual lançada em 4 de fevereiro de 2004, operado e de propriedade privada da Facebook Inc.

<sup>21</sup> A Arena Carioca Carlos Roberto de Oliveira – Dicro é um espaço cultural do Rio de Janeiro localizado na Penha, dentro do Parque Ary Barroso, e cogerido pela Secretaria Municipal de Cultura e pela OSCIP Observatório de Favelas do Rio de Janeiro.

<sup>22</sup> Augusto Pinto Boal (Rio de Janeiro, 16 de março de 1931 — Rio de Janeiro, 2 de maio de 2009) foi diretor de teatro, dramaturgo e ensaísta brasileiro, uma das grandes figuras do teatro contemporâneo internacional.

<sup>23</sup> Cecília Thumim Boal, nascida em Buenos Aires, trabalhou na década de 1960 como atriz, diretora e roteirista de tv. Em 1966 incorpora o elenco do Teatro de Arena de São Paulo, participando de vários espetáculos no Brasil e noutros países. Em 1982 finaliza estudos de Psicologia na Sorbonne (Paris VII). É psicanalista e atriz. Preside ao Instituto Augusto Boal, criado em 2010.

enrubescida enquanto ouvia suas próprias palavras serem articuladas em voz alta por outra pessoa, enquanto os ouvintes sorriam em concordância com o texto. Era uma crônica acerca de redes sociais e relacionamentos

“Fim do namoro: Como lidar com as redes sociais?” Quando li esse título de matéria em uma capa de revista feminina bem ordinária, quase não acreditei. Jura que escreveram um manual sobre isso? Não cheguei a comprar a revista, mas o assunto, que achei a princípio super bobo, não saiu da minha mente. É muito difícil alguém não ter um perfil em uma rede social hoje em dia e quem é ativo nessas redes consequentemente acaba “expondo” a relação. Normal! Afinal, se a página é sobre nós, vamos escrever e postar fotos do nosso par. O problema é quando a relação chega ao fim. Nessas horas dependendo da sua personalidade a reação é diferente. Tem aqueles que expõem tudo na internet e basta uma briga para sair do status casado para solteiro (o que dependendo, de como seja o casal, ocasiona em alterações constantes de perfis). Tem os que começam a seguir o ex, até ele eliminar todos aqueles seus amigos que você pode pedir a senha para dar uma olhadinha no perfil dele (quem nunca?). Tem quem faça a linha “sumido” e nada posta durante um tempo. Tem quem se lamenta todos os dias através de posts ou aqueles que são mais práticos, simplesmente eliminam o perfil atual e criam um outro. O problema é que, independentemente das escolhas, é difícil não se esbarrar no passado. Se apagarmos somente as fotos do companheiro, não estaremos livres das lembranças que brotam naquele sorriso da sua foto sozinha. Sorriso que foi direcionado não para a lente da câmera, mas sim para quem estava atrás dela. Como eliminar todos os status que mencionam o outro se mesmo os que dizem a seu respeito também tem um toque, mesmo imperceptível, de quem estava ao seu lado? Dá para apagar um perfil de rede social e começar um novo se nós continuamos os mesmos? Feridos, mas os mesmos? Claro que cada um é livre para agir como achar melhor nessa situação. As pessoas não funcionam da mesma maneira, não se cicatrizam (ou não) da mesma maneira. O que é interessante entender é que independentemente do método escolhido, vai ser sofrido, vai doer e mesmo quando essa dor se transformar em uma lembrança gostosa, as memórias ainda estarão lá. Independentemente do caminho, vai ser difícil. Ainda não inventaram um reset da alma. (LOBO, 2014)

No final da leitura, o texto foi elogiado por Cecilia Boal e foi escolhido, unanimemente, para ser publicado, deixando Thamy, pela primeira vez, orgulhosa por um texto seu. Iniciando assim uma ideia de que além de uma leitora, é uma escritora.

Após o término do estágio, já se via como professora. Estava encantada com o fato de propor encontros para crianças e jovens e de ‘*aprender e ensinar*’ com elas e eles. Desejava ingressar na profissão, porém com a ideia de não pertencimento. Ela se sentia insegura para lecionar. Trabalhou alguns anos em equipes de organização de formatura, telemarketing, e atuava como professora voluntária, até ter uma enorme vontade de trabalhar mais na área de formação e enviar um currículo para a ONG que tinha participado, se oferecendo para realizar um trabalho voluntário com jovens em situação de rua. Após ter o currículo entregue a uma antiga professora e agora coordenadora do projeto, começou a lecionar no Curso de Formação para jovens, o mesmo que participou quando estudante, onde atua há sete anos, criando atividades de Comunicação Oral e Escrita e Oficina de Texto com carinho.

Thamy carrega seu amor pelos livros, e realiza os encontros como ainda fosse aquela garota tímida, sentada no círculo, ansiosa para se expressar enquanto um universo explode dentro dela. Talvez ela ainda o seja, é ela que a move e que a conduz nesse texto. Além da leitura, a escrita esteve presente em sua vida desde cedo, aos nove anos já iniciava a coleção de diários que durou até os seus 17 anos. No início, os escritos eram aquelas linhas básicas de ações cotidianas. Como foi seu dia, será que o menino tal olhou mesmo para ela? Mas com o passar dos anos, iniciou a escrita de poesias próprias que falavam com a sua sensibilidade.

Figura 8 - Algumas agendas da Thamy



Fonte: A autora, 2019.

Após os 18 anos, os diários foram sendo substituídos por cadernos, blogs e por uma página no Facebook: *Poesia onde não tem* onde escreve crônicas com temáticas de relacionamentos e até mesmo acerca do atravessar a rua. É uma maneira de realizar uma catarse com o uso das palavras. Conseguir se expressar, reduzir as ansiedades da vida e transbordar a poesia que constantemente esteve com ela.

Durante todos esses passos, mais do que a literatura, a poesia, em especial, a guiou. A menina do olhar atento que iniciou esse texto está presente em todas essas fases. Seus amigos brincam que Thamy vê poesia em tudo, fugiu dessa característica, pois não queria fazer o jogo

do contente como a Pollyana<sup>24</sup>, mas parte do processo do seu crescimento foi também fazer as pazes com essa sua sensibilidade. Diziam a ela que poderia se destacar em decoração, fotografia, moda e escrita, ela percebeu que todas essas áreas estavam interligadas em relação à emotividade. E que todas essas redes da sua infância e juventude fazem a nossa personagem de hoje, que na verdade ainda está em formação constante, ninguém está completamente pronto.

Vocês conhecem Pollyana, o livro clássico infantil, onde a personagem principal sempre tenta ver o lado positivo em tudo? Algumas pessoas podem me ver dessa maneira, mas digo que a minha nunca foi procurar o outro lado da situação e sim enxergar a beleza quando a coisa tá ruim mesmo. Segundo a wikipédia a poesia “retrata algo em que tudo pode acontecer dependendo da imaginação do autor como a do leitor.” Sendo assim, tudo pode ser poesia! Não tenho nada contra o jogo do contente criado pela Pollyana, só que eu surfo em uma onda contrária a dela. Acho belo o feio, o rejeitado, o que ninguém mais quer. Assim como a arte dá sentido ao que não tem sentido, a poesia demonstra uma beleza em algo onde, aparentemente, não existe. É isso que me move! Essa é minha bênção e minha punição. (LOBO, 2014)

Uma professora que acredita que o de mais importante e valioso que tem para oferecer às e aos jovens é a compreensão de que a comunicação vai além de regras e estruturas da língua, que precisamos enxergar a outra e o outro como legítima outra e legítimo outro, como diz Maturana (2001). Assim, saberemos o tom, as palavras, a linguagem ideal para alcançá-la e alcançá-lo, além de entender que as e os estudantes igualmente têm a oferecer, que nos encontros ela mais aprende com as e os jovens do que talvez elas e eles com ela, talvez. Os encontros e as conversas<sup>25</sup> que se estabelecem são, ‘*espaçostempos*’ de troca de ‘*conhecimentossignificações*’<sup>26</sup>.

Sabemos que o fazer da professora e do professor se dá além da formação que recebemos na graduação. Inicia-se antes e continua após a formatura. Segundo ALVES (2019), as redes que formam a professora e o professor são diversas:

das ‘*práctasteorias*’ da formação acadêmico-escolar; das ‘*práctasteorias*’ pedagógicas cotidianas; a das ‘*práctasteorias*’ de criação e “uso” das artes; das ‘*práctasteorias*’ das políticas de governo; das ‘*práctasteorias*’ coletivas dos movimentos sociais; das ‘*práctasteorias*’ das pesquisas em educação; das ‘*práctasteorias*’ de produção e ‘usos’ de mídias; das ‘*práctasteorias*’ de vivências nas cidades, no campo e à beira das estradas (p. 175)

<sup>24</sup> *Pollyana* é um livro clássico da literatura infanto-juvenil. Escrito por Eleanor H. Porter, em 1913, conta a história de uma menina, Pollyana, que aprendeu com seu pai o “jogo do contente”, um jogo que tem como regra ver o lado positivo de tudo, até das situações mais desagradáveis.

<sup>25</sup> No grupo de pesquisa as conversas são consideradas o lócus central de realização das mesmas

<sup>26</sup> Aos poucos nas pesquisas realizadas, no grupo, fomos compreendendo que à criação de conhecimentos, corresponde, permanentemente, a criação de significações para os mesmos.

Thamy carrega para os encontros com as e os jovens, as redes que a fazem docente, não com o sentido de impô-las, mas que se teçam com as redes delas e deles e que assim sigam com os ‘*conhecimentossignificações*’ compartilhados. Acredita que independentemente de ser parte de uma rede educativa, o ‘*espaçotempo*’ pedagógico deve ser um território de troca de saberes, de fomentação de questões e percepções. E essa troca é possível através do diálogo, na concepção freireana, tão importante para dar significado aos saberes, pois este é

uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os seres humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e a refazem (FREIRE, 2018, p.123)

Por acreditar nos diálogos, nas conversas, ela fez a escolha de iniciar a escrita como em uma conversa que, estivesse se apresentando, de um jeito íntimo e leve, para que todos aqueles dispostos a ler entendam, não só os que dividem a mesma área de atuação. Um dos seus objetivos atuais é escrever para além da academia. Essa é uma vontade que divide com Alves (2015)

Uma questão que estava muito clara para mim desde o começo, mas que vai ganhando força com esse grupo, é a necessidade de ter outra escrita, uma escrita que desse para todo mundo entender, e isso foi motivo de muito problema para mim no começo, pois eu ouvi coisa como: “você escreve como professora primária”, “você escreve mal”, “você não tem uma escrita acadêmica”. E isso afetou meus orientandos, na época. Eu não ligava, estava me “lixando” um pouco para isso, mas o problema é que isso estava atingindo meus orientandos. Que queria que os professores me entendessem. (p. 53-54)

Thamy tece essa dissertação de uma maneira que quem leia siga os caminhos percorridos, se sinta pertencente ao texto, seja qual for a sua escolaridade e área de atuação. Quer que todas e todos adolescentes acompanhem o caminho da escrita. Compartilha todo o processo e caminho com calma, pois é a única forma que consegue caminhar. Deseja que as estrangeiras e os estrangeiros, os que não tiveram acesso a esse ‘*espaçotempo*’, como ela há pouco, compartilhem do que foi escrito e continuem na luta a favor da educação. As redes escolares são um dos poucos ‘*espaçotempo*’ que permitem a troca das e dos que pensam diferentes, o convívio por várias horas ao longo dos dias, que apostam na oportunidade de fazer as crianças e jovens criarem juntos. Manter esse ‘*espaçotempo*’, político e essencial, é uma luta de todas e todos.

## 2 OS CAMINHOS DA PESQUISA

### 2.1 Caminhar, caminhar, esperar, esperar. Conhecendo o grupo de pesquisas

Existem tantos professores fora da sala de aula. Com alguns aprendi a dividir. Já outros me ensinaram a não confiar. Muitos me lembraram como voltar a sorrir. Outros insistiam em me ensinar a desmoronar. Aprendi não só coisas boas, O bom é que se na vida há espaço para se aprender, podemos desaprender também. É até mais difícil, não nego mudar um hábito, ou algo que lhe foi passado com tanto zelo, depois de um tempo, ter que esquecer esses ensinamentos, nem sempre por serem ruins, às vezes só por não servirem mais para você. Se aprendemos um pouco a cada dia, temos que desaprender também.

*Thamy Lobo (2014)*

Às vezes a vida é um jogo do *Mario Bros*<sup>27</sup>. Tem fases favoritas. Fases temidas. Batemos a cabeça em tijolos de que não saem nada, no máximo míseras moedas que não valem o esforço. Corremos de tartarugas que tentam a todo custo nos diminuir. Diversas vezes aparece uma estrela, em forma de sonho, de amigo, que nos impulsiona e nos faz correr, invencíveis. Caímos, levantamos, entramos pelo cano, descobrimos que vários canos, que parecem furadas, são atalhos para mundos maravilhosos e quando achamos que já passamos de uma fase, bem lá no final, caímos em uma armadilha e temos que recomeçar toda a fase. E como é bom recomeçar uma fase já conhecida. Sabemos os segredos, desviamos com cautela e mesmo assim encontramos novidades. Uma hora as vidas acabam, não há cogumelo verde algum que nos salve desse fim, mas enquanto isso, é maravilhoso jogar. Na verdade, existe uma grande diferença entre o jogo e a vida, diferente do game, não há como nós Marios, possibilidades de diminuirmos, independentemente do modo que nos tocarm, independentemente do quanto sofremos, todo mundo cresce, somos todos Marios gigantes!

---

<sup>27</sup> *Mario Bros* é um jogo eletrônico de plataforma para *arcades* criado por Shigeru Miyamoto, desenvolvido pela Nintendo Research & Development 1 e publicado pela Nintendo em 1983. Foi colocado como um minijogo na série *Super Mario Advance* e em vários outros jogos da franquia. *Mario Bros.* foi relançado para o Wii, Nintendo 3DS, e Wii U no Virtual Console no Japão, América do Norte, Europa e Austrália.

Formada há uns anos, nossa personagem, tinha o desejo de retomar os estudos oficiais, já que como professora estava constantemente em busca de informações. Mas a vontade também era proporcional à insegurança e à falta de coragem para adentrar em um ambiente que ela não reconhecia como dela: uma universidade pública.

Há cinco anos, Thamy tinha tentado ingressar no mestrado, em uma história que acabou se transformando em uma de suas crônicas

Estava há uma semana, em uma corrida maluca, tentando pagar um documento para a inscrição de um mestrado. Bancos em greve. Era o último dia. Em uma última tentativa, correndo contra o tempo, pego enlouquecida, um táxi para o Ceasa, onde, segundo o funcionário, era a única agência do tal banco em funcionamento. De nada adiantou os meus olhos desesperados. A agência também estava em greve e ninguém se comoveu com minha história. Triste por ter escrito um projeto de 10 páginas em vão e por não ter tentado ir em outras agências, além das 7 que fui, saí chorando do Ceasa, em uma cena digna de um drama italiano. Fui trabalhar e após, passei nos Correios, para enviar a documentação sem o comprovante, mas com uma carta informando o ocorrido e prometendo o envio dele assim que possível. Vai que consigo? Já estava chorosa novamente, até o momento que vi uma senhora enrolada com a montagem de uma caixa. Fui ajudá-la e percebi que ela estava tentando colocar dois sacos de roupa, de um jeito confuso, em uma caixa pequena para tanto. Comecei a enrolar peça por peça, mostrando que assim, possivelmente, daria tudo. Enquanto estávamos ali, fazendo rolinhos, ela me explicou que estava enviando aquelas roupas para um familiar do Nordeste, que perdeu tudo em um incêndio. Lembrei das minhas lamúrias, por possivelmente perder uma possibilidade de fazer um mestrado, e me senti ridícula. Uma senhora, de aparência super humilde, separou um pouco do que tinha para ajudar alguém que perdeu tudo e eu que tudo tenho, chorando por um título. Lágrimas caíam em cada roupa que eu enrolava, coloquei o valor equivalente a inscrição no meio das roupas e saí feliz, com o melhor título que eu poderia ganhar naquele momento: um abraço apertado. (LOBO, 2014)

Após esse episódio, Thamy começava a sentir desejo em buscar novamente os estudos. Tinha se divorciado há pouco, aos 30 anos, de um homem que a amava de um jeito que a protegia de tudo, não permitindo assim a nossa personagem crescer. Hoje ela fala que a separação foi o presente mais lindo que ele lhe deu, pois reconheceu que não é só amor que faz uma relação, além de que nem todo tipo de afeto nos faz desenvolver. Ela sofreu a falta dele, eram dez anos entre namoro e casamento, mas aceitou a decisão. E assim começou um processo de *'praticarpensar'* mais em si, de retornar aos estudos, pois era do que mais sentia falta. Era hora de seguir, e como de costume, expressou seu sentimento através de uma crônica:

A vida é como uma viagem de barca. Você já está nessa há um tempo, acha que sabe como funciona, e sendo assim, cisma em sentar-se sempre no mesmo lugar. Só que as companhias de viagem mudam e com novas pessoas, surgem outros olhares para a barca. E, em um certo momento, uma delas cisma em te levar pra proa. Você nunca foi à proa, você quer sentar-se no seu lugar de sempre lá dentro, é confortável, é seguro e é conhecido, porém a possibilidade de tentar algo diferente é muito

tentadora. E mesmo um pouco contrariada, você tenta. Grudada na parede, você sofre muito no início. A barca treme, é barulhenta, mas aos poucos você se tranquiliza e percebe o quão incrível é esse novo lugar. Não tão confortável, não tão seguro, não tão estável, mas incrível justamente por essa fragilidade toda. As normas não recomendam que você faça a viagem assim, todos esperam que você fique no seu lugar, que foi feito especialmente para você, em segurança, mas eu entendo quem ame a proa. A vida é tão incrível e eu me sinto cada dia mais infinita que é impossível ficar imune a uma paisagem tão linda. Um dia talvez eu me canse e queria só ficar em um lugar seguro para descansar, pode ser que meu companheiro de proa também se canse e me acompanhe, pode ser que ele se canse antes e eu fique, mas o mais importante é entender que existe a proa, existe o assento e existe nossas vontades. É incrível quando ocorre a coincidência de querermos estar no mesmo lugar, mas é mais incrível ainda respeitar quando isso não ocorre. Podem tentar me convencer com o argumento que for: sacrifício, compromisso, promessa, persistência, para mim, amar é ver o outro feliz, no lugar que escolheu ficar na barca. (LOBO, 2016)

Após uns anos, um amigo que finalizava o seu Mestrado, a encorajou a conhecer o grupo de pesquisa. Ela relutava, não achava ainda que aquele *'espaçotempo'* de investigação era para ela, mas o desejo, que tinha, intensificou-se quando uma amiga que assistiu uma defesa mencionou que a linha estudada tinha ligação ao trabalho que Thamy desenvolvia na ONG. Ela decidiu ter coragem e, assim como o Mario Bros, se arriscar.

Começou no grupo como ouvinte e se identificava com o que a linha propunha, desconhecia a existência de diversas autoras e diversos autores que estudavam no grupo e valorizavam tudo o que ela acreditava referente à educação. Essa dissertação terá como base teórica e epistemológica alguns desses autores que encontrou nessa caminhada, ela irá intensificar a conversa com os autores no capítulo seguinte.

Após seis meses, participou do processo de inscrição para o Mestrado. No dia em que levou os documentos para realizar a inscrição, Thamy não se deslumbrou ao pisar na Faculdade de Formação de Professores/FFP, que fica no município de São Gonçalo.<sup>28</sup> Não por não ter se sentido tocada por todas as mensagens políticas que encontrou pelos corredores e banheiros, e tampouco não por não ter se sentido feliz naquele *'espaçotempo'* miúdo comparado às universidades que tinha conhecido até então, um ambiente acolhedor, com um ar de escola que deixou boas lembranças na memória, mas sim por ainda se sentir insegura em relação a conseguir passar pelo processo seletivo, já que há tanto estava afastada da academia. O seu ar blasé ao caminhar por aqueles corredores, era a sua proteção caso tudo ocorresse de outra forma.

---

<sup>28</sup> Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ, situada em São Gonçalo, município do leste da região metropolitana do Rio de Janeiro, é a maior unidade da UERJ fora do campus Maracanã (RJ). Dedicada à formação de professores, oferece hoje 6 (seis) cursos de licenciatura plena, 9 (nove) cursos de pós-graduação (especialização), 6 (seis) mestrados – sendo 4 acadêmicos e 2 profissionais – e um doutorado.

Mas se a nossa personagem tinha alguma dúvida de que seria capaz de acompanhar o Mestrado, ela se dissipou no dia da prova. Thamy se preparou antes: leu algumas das obras de bibliografias indicadas por amigas e amigos e tentou organizar alguns pensamentos referentes à educação, mas ao receber a prova, encontrou no meio dos textos motivadores a expressão “escola sem partido”, a palavra “golpe”, ou seja, ameaças à educação que iam ao encontro do que ela mesma acreditava e defendia com as jovens e os jovens. Sorriu e começou calmamente a escrever tudo que sentia e acreditava referente à educação. Tão calmamente que passou um sufoco perto de entregar a prova, já que o tempo marcado do relógio não acompanhava a sua escrita e vice-versa. Ele corria com pressa e nossa personagem precisou correr também para conseguir passar a limpo todos os seus pensamentos. Saiu da universidade naquele dia feliz. Feliz por conseguir entregar a prova. Feliz por ter tido a oportunidade de escrever o que acreditava e principalmente feliz, pois se passasse, iria fazer parte de um Programa que acreditava no que ela mesma acreditava referente à educação. Thamy se sentiu encontrando um ‘*espaçotempo*’ secreto e mágico, onde poderia compartilhar suas poções, ‘*aprendereensinar*’ outras e seguir realizando magias.

Ela foi aprovada no processo de seleção para o Mestrado e está participando desse grupo em que a pesquisa realmente vai ao encontro de tudo que acredita que deva existir nos encontros da sala de aula e fora dele. Dentro do grupo de pesquisas: “Currículos cotidianos: redes educativas, imagens e sons”, coordenado por Nilda Alves, ela estuda ‘*nosdoscom*’ cotidianos, as redes educativas que formam discentes e docentes, com imagens, sons, gostos e todos os sentidos possíveis.

Thamy se identifica com o grupo, pois as possibilidades de pesquisas que nele trabalham são as que acreditam que devam estar presentes na prática das professoras e dos professores. Respeita e valoriza todas as redes que formam as pessoas, e sabe que os cotidianos e todos os seus ‘detalhes’ são essenciais tanto para o desenvolvimento de atividades como para a vida em geral.

Sabe que diversas orientandas e diversos orientandos escrevem seus projetos pensando em uma linha, e acabam sendo escolhidas e escolhidos por outra, o que não desmerece o caminho de nenhuma maneira. Mas precisa mencionar que desde o início da sua caminhada como professora, já entendia que não é possível existir um só currículo, e que ao tentar impor isso, algumas redes educativas acabam criando uma base que não contempla todas as especificidades dos ‘*praticantespensantes*’ dos cotidianos. Questionava, sem se dar conta da possibilidade de currículos no plural, em que a linha se posiciona. Mas, no grupo, percebeu que podia desenvolver conversas porque lia escrito pela coordenadora que

Alguns grupos se reúnem dizem o que é e como é um currículo e, como em um passe de mágica, “o currículo” – entendido no singular e pensando que é possível o estabelecimento de uma Base Nacional Comum de Currículo que por si só é portadora do “dom” de transformação de processos pedagógicos múltiplos – acontece. As pesquisas com os cotidianos, no entanto, vêm permitindo perceber que esses processos são muito mais complexos. Em primeiro lugar, porque são inúmeras as redes educativas que os *‘praticantespensantes’* que atuam nas escolas formam e nas quais são formados ... Pelas tantas pesquisas realizadas nos cotidianos, se pode indicar que os processos de implantação, articulação e criação de currículos são lentos, caóticos e com enorme complexidade, como diversas outras medidas. Os processos de criação curricular exigem muito mais do que sua criação oficial por lei ou outro ato governamental. (ALVES, 2014, p.8)

Em relação às redes que nos formam, Thamy possui uma prática nas quais identifica e considera todas as redes que a formam e que são por ela formadas, principalmente em relação às artes. Entende que todo esse movimento que fez em relação à literatura, não só a formou, como também está formando a professora que é. No projeto do grupo de pesquisa há um destaque para as redes das *‘praticasteorias’* de criação e *‘uso’* das artes, que vai ao encontro da importância das artes para sua prática.

Em diversos projetos de pesquisa que foram se sucedendo, nos quais buscávamos compreender os modos como artefatos culturais diversos – livros infantis; xilogravuras; estandartes; televisão; vídeos; filmes etc - se articulavam com os processos curriculares e didáticos, através da ação docentes, íamos percebendo, modos diversos e complexos que os *‘praticantespensantes’* da docência estabeleciam com a cultura, em seu sentido mais extenso. Encontramos nesses projetos, docentes que tocavam diversos instrumentos musicais e que trabalhavam com eles em suas aulas; outros que “amavam tanto cinema” que os filmes não podiam estar ausente dos processos didáticos que desenvolviam; alguns tinham feito cursos de teatro e incorporavam pequenas peças nas aulas ou iam a alguns espetáculos com seus estudantes; outros gostavam tanto de ler que, houve um, que introduzia literatura “até em suas aulas de matemática”. Contatos com professores de artes, então, era sempre uma descoberta.

Desse modo, nas *‘conversas’* que íamos tendo com docentes – em formação ou já em serviço – entendemos que uma das redes importantes de sua formação aquela de fruição, criação e uso das artes. E, em consequência, modos muito interessantes de trazê-las aos processos pedagógicos desenvolvidos. Havia mais: a enorme possibilidade que percebiam nesses artefatos e nesses processos porque descobriam quando os articulava em aulas: estudantes que cantavam, que tocavam instrumentos, que desenhavam muito bem, que gostavam de representar. E que, naturalmente, sentiam o interesse pelos tantos conteúdos que tinham que *‘aprenderensinar’*. (ALVES, 2019, p.4)

O projeto desenvolvido atualmente pelo grupo tem por título “Processos Curriculares e Movimentos migratórios: os modos como questões sociais se transformam em questões curriculares nas redes educativas”. O objetivo não seria estudar diretamente o migrante, focar em dados, levantamentos e abordar políticas públicas acerca desse movimento, mas sim entender como essa questão surge nos currículos. Como o assunto é entendido nas redes

educativas, que artefatos podemos conhecer e produzir para nos auxiliar na questão, como por exemplo, imagens, livros e filmes que abordam o tema.

Surge assim outra ligação da Thamy com o grupo de pesquisas. Ela atua em uma ONG que faz parceria com a Cáritas<sup>29</sup>, um programa de atendimentos a refugiados e solicitantes de refúgio e recebe imigrantes nos grupos, vivencia essas questões conversadas no grupo na prática.

precisamos nos perguntar sobre as mudanças que teremos que fazer nos processos que neles ocorrem. As tantas redes educativas que formamos e que nos formam nas relações com os outros seres humanos estão, pois, em questionamento e, nesse sentido, nos exigem pensar, em especial, nos tantos jovens e crianças que precisarão receber Educação sistematizada no país a que chegarem, aprendendo: outra língua, outros costumes, outras formas de vestir, morar, se alimentar, além de modos de sentir e de amar, de brincar e festar. E com que hibridismos, pela sua contribuição, irão se estabelecer novas identidades nas populações que recebem estas levas migratórias, pelos diferentes contatos e relações que teremos/estamos tendo? Como mudaremos/com tantas coisas? Nós todos... Como educar tanta gente nestas questões? Nós todos... (GRPESQ Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons, 2017- 2022)

Thamy acredita que esta seja uma questão de importância. As redes educativas são ‘invadidas’ por estes assuntos atuais e nelas vão surgir atividades que intensificam seu debate, permitindo a criação de múltiplas soluções. A migração é um tema urgente, necessário e que diversas vezes aparece na mídia e na fala de alguns políticos associada a medidas de exclusão e intolerância. Por isso, deveriam ter lugar nos ‘*espaçostempos*’ de acolhimento e empatia. Acredita que ao criarmos o tema com as jovens os jovens, criamos potência para entender e acolher a temática, buscando as melhores saídas ao acolhimento do outro.

Sua maior identificação com o grupo é o fato de o mesmo desenvolver estudos com os cotidianos e a perspectiva dos cotidianistas entenderem que as pequenas ações corriqueiras e suas especificidades são onde encontramos o caminho para a criação de realidades. Como nos dizem Andrade, Caldas e Alves.

Nas pesquisas com os cotidianos partimos da ideia de que pensar as práticas cotidianas de viver dentro e para além das macro-negociações políticas e econômicas permite nos aproximar da complexidade da vida sem abrir mão de todas as redes que formamos e nas quais nos formamos. Neste sentido, nunca buscamos estudar sobre *os cotidianos*, mas, estudar *nos/dos/com os cotidianos*, assumindo a nossa total implicação neste processo, entendendo-nos, sempre, como neles

---

<sup>29</sup> A Cáritas Brasileira, fundada em 12 de novembro de 1956, é uma das 170 organizações-membro da Cáritas Internacional. Sua origem está na ação mobilizadora de Dom Helder Câmara, então Secretário-Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Entre outros eixos, a Cáritas Brasileira atua na acolhida, integração e proteção de migrantes e refugiados, por meio de projetos em diversas cidades do Brasil, autorizada pelo governo brasileiro e em acordo com o ACNUR, organismo da ONU que trabalha com os refugiados.

mergulhadas. Estudar e pesquisar com os cotidianos de pessoas comuns, com as histórias comuns que nos são contadas – porque nessas pesquisas as narrativas (todos os sons) e imagens contam - encontrando nestas, sentimentos e ‘conhecimentossignificações’ que seus ‘praticantespensantes’ (OLIVEIRA, 2012) criam, exigiu admitir a riqueza e complexidade desses ‘espaçostempos’. (ALVES et al, 2019, p. 19)

É nos cotidianos que Thamy exercita todas as suas atividades pois, para ela, são ‘espaçostempos’ de curiosidade, nos quais conseguia observar e sentir, já que em toda a sua história, eram ‘espaçostempos’ de potência e criação. *Eu ando pelo mundo prestando atenção em coisas que não sei o nome*, Adriana Calcanhoto ao cantar isto, sintetiza o que nossa personagem sentiu ao caminhar. Ela anda devagar, é observadora e ama quando os jovens compartilham seus cotidianos. É a partir deles que inicia os encontros, que tenta entender ideias que serão apresentadas e que caminham juntas, resistindo e criando com textos e livros em um momento tão delicado para as letras.

Como no título do capítulo é mencionado que a nossa personagem conhece o grupo de pesquisas, Thamy achou prudente escrever um pouco acerca da formação do grupo em 2019, ano que o conheceu, e como cada um dos integrantes a auxiliou, está auxiliando, em sua caminhada.

Figura 9 - Grupo de pesquisas reunido



Fonte: Foto de Marcelo Machado, 2019.

Marcelo Machado é o amigo como irmão de Thamy. Foi quem a incentivou a começar a participar do grupo e é a pessoa que ela conta para todas as horas. Renata Rocha tem de lutadora o que nossa personagem tem de sonhadora, repleta de características que nossa

personagem sonha desenvolver. Nilton tem uma generosidade no olhar e uma vontade de *'aprender e ensinar'*, de admirar. Rosa tem a audácia e a coragem de quem tem muito a viver. Rossana mostra que é preciso defender o que se acredita, com tom firme. Izadora ensina praticidade, além de adoçar com seus bolos incríveis as reuniões semanais do grupo. Elaine nos faz lembrar que não podemos desistir. Maria Cecília ensina que sem leveza não se chega a lugar algum. Maria transmite calma, paz e fé. Noale demonstra que a criatividade deve ser estimulada, mas que alguns já nascem artistas. Joana espalha serenidade. Jaqueline revela que o riso largo pode abrir portas. Alessandra comprova que se pode dar conta de diversas coisas ao mesmo tempo. Rebeca nos lembra de que podemos dar um jeito em nossa rotina em busca dos nossos sonhos. Letícia transmite autenticidade. Juliana mostra que é preciso acreditar, mas também transgredir. Fernanda repassa curiosidade com as novidades. Leonardo demonstra que o caminhar é cheio de surpresas. Claudinha faz acreditar que Thamy é capaz e Nilda orchestra todos esses sentimentos<sup>30</sup>.

Figura 10 - Grupo de pesquisas em outro momento



Fonte: Foto de Marcelo Machado, 2019.

Há alguns anos um estudante, em uma oficina de texto, escreveu acerca de um mundo preto e branco, onde as pessoas eram todas de cor cinza. Ele descreveu como a cidade era sombria e as pessoas tristes e que, certo dia, uma luz colorida fez um rastro pela cidade e ele

---

<sup>30</sup> Na descrição do grupo aparecem alguns membros que não estão na fotografia que a introduz.

seguiu esse rastro até chegar a mim. As cores saiam de mim e coloriam todos que estavam à minha volta, mas eu era cinza. Para entender e acreditar na potência das coisas, pessoas e narrativas, precisei, primeiramente, entender essa potência em mim, por isso achei importante dividir o meu caminho como também *‘escritoraleitora’*, até conhecer o grupo e reconhecer as cores em mim.

Amo autobiografias, pois a pessoa nos conta a história de sua vida da maneira que ela deseja contar, dando destaque ao que acha interessante, se fazendo lembrar o jeito que deseja lembrar-se de si e das outras e dos outros. Eu desejava contar minha história com vários “eus” espalhados pelas páginas: minhas criações, minhas leituras, minhas percepções, mas para chegar até aqui eu precisei contar a minha história, a que aconteceu antes do grupo de pesquisas e antes desse grupo eu não tinha a coragem para escrever em primeira pessoa.

Acreditava que era mais fácil e mais cauteloso escrever, ou me esconder, em terceira pessoa, mas o grupo de pesquisas me forneceu essa coragem. Entendi que todas as miudezas em que constantemente prestei atenção, fazem parte dos cotidianos e que têm a sua importância na educação. Percebi o valor disso e assim percebi o valor de todas as miudezas que fazem parte de mim, ao invés de só olhar as do caminho. Assim, peço permissão para continuar esta história e este trabalho em primeira pessoa e aproveito para justificar porque não o fiz no início da minha apresentação no texto. É justamente quando conheço e me encontro no grupo de pesquisas que me fortifico como *‘praticantepensante’*. É no coletivo que me percebo como uma mulher única e devido a isso fiz questão de registrar essa mudança de percepção, através da mudança de narração, de escrita e linguagem.

Certeau defendeu que o ensino não tenha por princípio um conteúdo comum e sim um estilo, tornando-se, dessa forma, compatível com a heterogeneidade dos conhecimentos e das experiências dos estudantes e professores. A universidade, nessa perspectiva, deve semear o “ato criador” e tornar-se um laboratório de produção cultural, adequando os seus métodos às questões e às necessidades socioculturais, além de falar uma linguagem que não seja estranha à maioria de seus praticantes. (FERRAÇO et al, 2018, p. 52- 53)

Sabe aquele programa onde o participante fica em uma cabine à prova de som enquanto troca prêmios aleatórios? Por exemplo: Troca um carro do ano por uma bicicleta? Simmm. Não tem horas que a vida parece ser assim? Não sabemos do depois, por quais caminhos nossas escolhas nos levarão. Só sabemos que é preciso arriscar. Só que tem pessoas que não conseguem desapegar, se agarram ao prêmio capenga da vez sem nem querer saber se o seguinte seria mais incrível. Há outros que têm mania da troca constante sem nem saber a utilidade do que têm em mãos. Sei que é necessário preservar o que temos, assim como sei

que a novidade constante nos instiga. Mas com equilíbrio, é interessante jogar. Seria mais fácil já dar logo o prêmio mais legal para o participante? Sim! Mas o que a plateia e o apresentador exigem de nós é que saibamos aceitar o prêmio da vez. Hoje aprendi a me agarrar ao prêmio, a não duvidar da minha capacidade em aceitá-lo e usufruir dele. Acredito que cheguei até o grupo de pesquisas, não porque sou merecedora, mas sim porque todos são merecedores. Eu me apeguei a esse prêmio da vez e decidi usá-lo da melhor maneira que consigo, e seguir em rumo da próxima surpresa da vida.

Assim como os migrantes, que fazem parte do projeto atual do grupo, eu teria o momento de caminhar, que foi o início da minha trajetória, o momento de esperar, que foi esse período de 15 anos onde continuei me desenvolvendo, fora da academia, e a retomada ao caminhar, no início do Mestrado. Para isso acontecer, também foi necessário um período em que vivenciei o grupo, fui recebida em um local diferente para mim. Era necessário conversar, presenciar e criar com eles enquanto eu aprendia e compreendia como funcionava um grupo de pesquisas, qual a importância das publicações, as culturas daqueles ‘*espaçotempos*’. Agora já não me sinto deslocada. Estou preparada para seguir!

## 2.2 Com quem e como caminhar?

O sol quente invade a janela do ônibus lotado. Sinto meu rosto arder enquanto tento me concentrar na leitura. *WhatsApp*, trabalhos para corrigir, comidinhas para dieta, você. A cabeça voa longe. O ônibus se arrasta. Jura que já estamos no fim do ano? Tanta coisa para resolver, tantos momentos para viver. A vida está correndo muito ou meu ônibus que está muito devagar? Preguiça de levantar-se, medo de fazer uma escolha errada, incerteza do itinerário. Por que para alguns a estrada é tão lisinha e para outros há tantos buracos? A senhora ao meu lado sorri, complacente. Sempre é bom ter companhia no caminho.

*Thamy Lobo (2015)*

Esta dissertação é criada com pequenas narrativas que fui escrevendo em momentos diversos. A sua maior parte foi escrita previamente à mão, quando a urgência não entendia a necessidade do computador. Na verdade, seus melhores trechos foram compostos em cadernos, durante viagens, palestras, intervalos de aulas e trajetos de metrô. Como se o esforço e o contato da caneta com o papel dessem mais significado às palavras, como se assim minha escrita fluísse melhor, fosse mais fácil escrever. Meu sobrinho, que aos quatro anos é pura poesia, costuma dizer que a lua faz magias, eu acredito que o caderno também ofereça magias, a quem se permitir jogar suas poções nele.

Figura 11 - Alguns cadernos que a autora utilizou para escrever trechos da dissertação



Fonte: A autora, 2019.

Sou louca por papelarias e tudo que as envolvem. Desde pequena um dos meus passeios favoritos era pegar o ônibus com meu pai e ir ao Centro chamado por nós de Cidade, ir até a Rua da Alfândega, localizada no Centro da cidade do Rio de Janeiro e nos aventurar nas lojas chinesas em busca de lápis e canetas “diferentes”. Engraçado que meus pais não tinham condições para comprar, por exemplo, a caixa de lápis de 36 cores da Fabber-Castell desejo de várias crianças que amem desenhar, mas eu e minha irmã tínhamos uns lápis com uns desenhos bem diferentes, devido a esses passeios à Cidade. Até hoje sou louca por novidades e adquiri diversos cadernos durante esse período do mestrado, como se as capas inspirassem e as novas folhas fossem convites à criatividade. A folha em branco me atrai mais que uma tela vazia do computador. Então preciso destacar que uma das metodologias minhas

foi essa escrita através de anotações prévias em cadernos que me permitiram organizar e desorganizar meus pensamentos com a proposta de uma escrita próxima e cotidiana. Nisso, me aproximo da seguinte observação de Certeau (2014):

Supõe que a maneira dos povos indígenas ou usuários “façam uma bricolagem” com e na economia cultural dominante, usando inúmeras e infinitesimais metamorfoses da lei, segundo seus interesses próprios e suas próprias regras. Desta atividade de formigas é mister descobrir os procedimentos, as bases, os efeitos, as possibilidades. (p. 40)

Outra escolha foi o uso de imagens por todo o texto. Ao me propor a trabalhar com narrativas, quis demonstrar que não só temos textos, mas sim imagens, o tempo inteiro. Várias vezes elas nos ajudam a contar histórias, já outras as contrapõem, fornecendo outra interpretação daquele mesmo momento descrito. A ideia é fornecer possibilidades de narrativas, até visuais e que textos e imagens juntos contêm a mesma história, e ao mesmo tempo, histórias diferentes. Manoel de Barros<sup>31</sup>, certa vez, comentando acerca de Antônio Houaiss<sup>32</sup> durante uma entrevista mencionou

O Houaiss é um bom amigo. Eu disse uma vez que o Houaiss nunca vai fazer um verso porque o verso exige quase sempre uma imagem, e a imagem é consequência de uma falta de vocabulário. É uma indigência vocabular que provoca a imagem. Assim, quando um sujeito sabe quase tudo, ele não faz a imagem, ele solta a palavra precisa. Por isso acho que o Houaiss nunca fará um verso, não precisa. O verso é um socorro para aqueles que não dominam tão bem o idioma. (BARROS, 2014, p. 9)

Vivemos em um momento visual. E não são todos? Uma das redes sociais mais utilizadas pelos jovens, o *Instagram*<sup>33</sup>, é uma rede que é formada por postagens sequenciais de imagens. As e os jovens as utilizam para contar as suas histórias. Desejo, assim, que a dissertação seja formada por elas também, pois a ideia não é entender que o texto se sobrepõe à imagem, que lhe é superior. Certeau, o escritor que irei apresentar daqui a pouco, já disse

<sup>31</sup> Manoel Wenceslau Leite de Barros (Cuiabá, 19 de dezembro de 1916 — Campo Grande, 13 de novembro de 2014) foi um poeta brasileiro do século XX, pertencente, cronologicamente à Geração de 45, mas formalmente ao pós-Modernismo brasileiro, se situando mais próximo das vanguardas europeias do início do século e da Poesia Pau-Brasil e da Antropofagia de Oswald de Andrade. É considerado o poeta das miudezas por suas temáticas cotidianas e desimportantes como ele mesmo falava.

<sup>32</sup> Antônio Houaiss (Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1915 — Rio de Janeiro, 7 de março de 1999) foi um destacado intelectual brasileiro — filólogo, crítico literário, tradutor, diplomata, enciclopedista e ministro da cultura do Brasil no governo Itamar Franco. Autor de dezenove livros, Houaiss organizou e elaborou duas das enciclopédias mais importantes já feitas no Brasil, a Delta-Larousse e a Mirador Internacional. Publicou dois dicionários bilíngues inglês-português, organizou a primeira edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP), da Academia Brasileira de Letras.

<sup>33</sup> Instagram é uma rede social *online* de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, como Facebook, Twitter, Tumblr e Flickr.

que “*a leitura é apenas um aspecto parcial do consumo, mas fundamental*” (2014, p.239). As imagens fazem parte da pesquisa em nosso grupo.

Podemos lembrar, ainda, que em todas as pesquisas realizadas, a presença de imagens, sons e narrativas trazidas pelos participantes é uma certeza nas conversas. Um dia, é alguém que traz uma fotografia sua de escola, em alguma situação tratada pela pesquisa, permitindo que voltemos às conversas sobre esta; ora, é alguém que, durante uma pesquisa, lembra da música-tema de um seriado ou de um programa de variedades na televisão. Assim, trazidas por memórias coletivas ou individuais, as imagens e os sons estão presentes em narrativas nos sucessivos projetos. Nos do grupo, elas são muito bem-vindas e incorporadas aos modos de ‘*sentirpensar*’ nos processos que realizamos. Por isso, afirmamos que elas, sempre, contribuem para aquilo que fazemos nas atividades de pesquisa que realizamos. (ALVES, 2019, p.10)

Outra escolha metodológica é em relação à linguagem. Já mencionei que gostaria que fosse informal, como a linguagem das conversas. Às vezes sou contratada para revisar dissertações e teses, adoro adentrar em diversas temáticas e contribuir com o texto alheio e uma tendência que percebo nas últimas escritas é o aparecimento da primeira pessoa. Como se entendessem que até em terceira pessoa não há como fugir de suas percepções. Como se tivessem despertado para a questão que o “eu” não diminui e desqualifica uma pesquisa. Sendo assim, esse texto, em sua maior parte, está sendo narrado em primeira pessoa. Isto é confirmado por Ferrazo (2003)

É preciso, pois, que incorporem a ideia de que, ao dizer uma história, somos “*narradorespraticantes*” traçando/trançando as redes dos múltiplos relatos que chegaram/chegam até nós, neles inserindo, sempre, o fio do nosso modo próprio de contar (g.n.). Exercemos, assim, a “*arte de contar histórias*”, tão importante para quem vive o cotidiano do aprenderensinar. Buscamos acrescentar ao grande prazer de contar histórias, o também prazeroso ato da pertinência do que é científico. É possível? Bem, se outros e outras fizeram antes de nós e continuam fazendo, por que não (g.n.) (p. 170)

Faço aqui o que gostaria de encontrar em uma dissertação. Diversas delas citam autores de certa maneira que as pessoas que não conhecem os citados se sentem intimidadas, por não terem ouvido falar e não terem lido acerca de determinada pessoa. Gostaria de, como em uma conversa, apresentar um pouco do que as e os autores mais citados neste texto significam para mim e que parte da caminhada delas e deles decidi compartilhar. Converso com elas e eles a todo o momento. Espero que quem não as e os conheçam sintam vontade de ler mais acerca de cada uma e cada um. E será tudo bem se essa vontade não acontecer.

Não gostaria de caminhar constantemente em companhia, embora mesmo que sozinha, estou cercada das minhas vivências e seus encontros. Terei momentos sozinha para arejar a cabeça, já em outros, desejo conversar com uma, um autor, talvez, mais de uma e um ao

mesmo tempo, o que faz parte da metodologia que me proponho. Como nos diz Deleuze (2013)

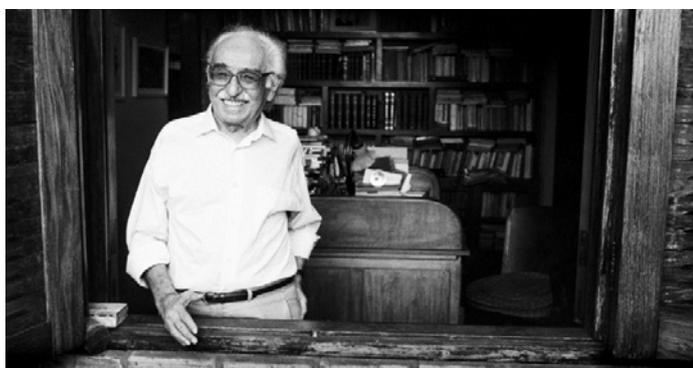
o importante nunca foi acompanhar o movimento do vizinho, mas fazer seu próprio movimento. Se ninguém começa, ninguém se mexe. As interferências também não são trocas: tudo acontece por dom ou captura. (p.160).

Algumas e alguns caminharão comigo em silêncio, não haverá citações, mas não significa que minhas palavras não têm um pouco das delas e deles.

Um dos primeiros autores que gostaria de apresentar, também, entre os citados, é o primeiro que conheci. Manoel de Barros, o poeta das miudezas. Com ele, percebi bem pequena, que todos os cacarecos que chamavam a minha atenção pelos caminhos poderiam ser transformados, já eram, poesia. Entendi que não deveria me preocupar por estar tão atenta às miudezas e com o poeta tive forças para escrever essa dissertação como sonhei. Repleta de narrativas cotidianas.

Não é por me gabar  
Mas eu não tenho um esplendor.  
Sou referente pra ferrugem  
Mais do que referente pra fulgor.  
Trabalho arduamente para fazer o que é desnecessário.  
O que não presta não tem confirmação,  
O que presta, tem.  
Não serei mais um pobre-diabo que sofre de nobrezas.  
Só as coisas rasteiras me celestam.  
Eu tenho cacoete pra vadio.  
As violetas me imensam. (BARROS, 2015: 97)

Figura 12 - Manoel de Barros em uma janela



Fonte: [http://portal-ssets.icnetworks.org/uploads/picture/file/102105/Manoel\\_de\\_Barros\\_-\\_2.jpg](http://portal-ssets.icnetworks.org/uploads/picture/file/102105/Manoel_de_Barros_-_2.jpg)

Outra característica, do poeta, admirada e emprestada é em relação à linguagem. Não cheguei a inventar palavras como o Manoel, mas me permiti navegar entre a informalidade e a

formalidade, de acordo com que o texto pedia para que houvesse leveza e intensidade nas narrativas. Assim como o poeta faz em meu poema favorito, Se achante:

Era um caranguejo muito se achante.  
 Ele se achava idôneo para flor.  
 Passava por nossa casa  
 Sem nem olhar de lado.  
 Parece que estava montado num coche  
 de princesa.  
 Ia bem devagar  
 Conforme o protocolo  
 A fim de receber aplausos.  
 Muito achante demais.  
 Nem parou para comer goiaba.  
 (Acho que quem anda de coche não come  
 goiaba).  
 Ia como se fosse tomar posse de deputado.  
 Mas o coche quebrou  
 E o caranguejo voltou a ser idôneo para  
 mangue (BARROS, 2015, p. 133)

Michel de Certeau<sup>34</sup> é um autor que tenho conversado ao desenvolver esta dissertação. É o autor dos cotidianos, que acredita que escrever é uma prática que demonstra iniciação na sociedade.

Portanto, com toda razão, nos últimos três séculos aprender a escrever define a iniciação por excelência em uma sociedade capitalista e conquistadora. É a sua *prática* iniciática fundamental. Foi preciso sentir os efeitos inquietantes de um tão prodigioso avanço para que suspeitássemos ser a formação da criança moderna uma prática escriturística. (CERTEAU, 2014, p. 206)

É interessante, pois as jovens e os jovens para iniciarem no programa jovem aprendiz (existe algo que marca mais a participação na sociedade que o trabalho?) precisam passar, obrigatoriamente, por uma fase de seleção onde necessitam escrever um texto dissertativo argumentativo de no mínimo 15 linhas acerca de alguns temas previamente escolhidos, como: “A importância de ser um jovem aprendiz”, “A importância do primeiro emprego” ou algum tema voltado a um assunto da realidade, confirmando a importância dada pela sociedade a uma escrita dominante.

Os escritos de Certeau (2014) me fizeram recordar de alguns momentos de minha caminhada literária, como quando escreve que a Bíblia, durante vários séculos, foi a escritura de excelência e poder, dizendo:

---

<sup>34</sup> Michel de Certeau (Chambéry, (França), 1925 - Paris, 9 de janeiro de 1986) foi um historiador e erudito francês. Intelectual jesuíta, dedicou-se ao estudo nas áreas da psicanálise, filosofia, ciências sociais, teologia, teoria da história, entre outras. Um dos seus estudos foi voltado aos cotidianos, é uma das temáticas que possui em comum ao grupo de pesquisas onde atuou.

A escritura se torna um princípio de hierarquização social que privilegia, ontem o burguês, hoje o tecnocrata. Ela funciona como a lei de uma educação organizada pela classe dominante que pode fazer da linguagem (retórica ou matemática) o seu instrumento de produção. (p. 209)

Isto me lembrou o que senti ao ler *O nome da rosa*<sup>35</sup>, livro onde são narradas as investigações de crimes misteriosos ocorridos em uma abadia medieval e que teriam ligação com a biblioteca do mosteiro, onde ocorria envenenamento aos curiosos que lambiam os dedos para facilitar virar as páginas de livros considerados proibidos.

Em *A invenção do Cotidiano* de Certeau (2014), diversas passagens e explicações utilizando como exemplo o livro *Robinson Crusoe*<sup>36</sup>, que quebra o que víamos até então na literatura, pois inclui “manchas” e outros elementos como linguagem, além de apresentar uma realidade fantástica

Na página escrita aparece então uma mancha – como as garatujas de uma criança no livro que é a autoridade do lugar. Insinua-se na linguagem um lapso. O território da apropriação se vê alterado pelo rastro de alguma coisa que não está lá e não ocupa lugar (como o mito) (p. 225 - 226)

Esta passagem me lembrou do livro *Se um viajante em uma noite de inverno*<sup>37</sup> que apresenta um erro de impressão no livro e ficamos perdidos junto com o personagem, lendo diversos começos de romance, até percebermos que o personagem somos nós. O que me deixou encantada, pois foi o primeiro contato com uma estrutura que saiu do padrão que eu costumava encontrar na literatura.

Concordo com Certeau quando escreve que cada um lê de um jeito, por isso, sofremos com adaptações de filmes. Assim, ele escreve que “análises recentes mostram que ‘toda

<sup>35</sup> O Nome da Rosa (em italiano: *Il nome della rosa*) é um romance histórico do escritor italiano Umberto Eco, lançado em 1980 que o tornou conhecido mundialmente.

<sup>36</sup> *Robinson Crusoe* é um romance escrito por Daniel Defoe e publicado originalmente em 1719 no Reino Unido. Epistolar, confessional e didático em seu tom, a obra é a autobiografia fictícia do personagem-título, um naufrago que passou 28 anos em uma remota ilha tropical próxima a Trinidad, encontrando canibais, cativos e revoltosos antes de ser resgatado. O livro foi originalmente publicado na forma de folhetins em *The Daily Post*, sendo o primeiro romance-folhetim.

<sup>37</sup> No romance *Se um viajante em uma noite de inverno*, escrito em 1979 por Italo Calvino. No centro de sua preocupação está um tema que os teóricos chamam de "crise da representação", ou seja, no mundo capitalista contemporâneo, dividido, múltiplo, alienado, não teriam mais lugar os romances tradicionais, com princípio, meio e fim, que constroem personagens e organizam o mundo, dando um sentido às coisas. O leitor de hoje estaria condenado ou à leitura espinhosa de obras que se debruçam sobre si mesmas e procuram desesperadamente uma saída para a literatura, ou à superficialidade descartável das obras de simples entretenimento. Calvino "socorre" esse leitor que é inquieto e exigente, mas que gostaria que os autores escrevessem livros "como uma macieira faz maçãs". Para isso, faz do próprio leitor seu personagem principal, cuja grande missão é ler romances. E tal como você, leitor(a), ele entra numa livraria e compra este livro: *Se um viajante numa noite de inverno*. É aí que começa a história.

leitura modifica o seu objeto’, que (já dizia Borges) ‘uma literatura difere de outra menos pelo texto que pela maneira como é lida’” (CERTEAU, 2014, p. 240 - 241).

Espero caminhar com Certeau por este ‘*espaçotempo*’ desafiador que a escritura de uma dissertação, conversando acerca das potências dos cotidianos e das leituras, entendendo que há muito o que se estudar e celebrar a quem se permitir e que eu posso, assim como ele, apresentar algumas e alguns autores para seguir por outro caminho.

A primeira vez que ouvi acerca de Certeau e seu trabalho com os cotidianos, talvez tenha duvidado um pouco. Será que uma pesquisa que ocorreu na França, serviria para eu ter uma dimensão dos meus cotidianos no subúrbio do Rio de Janeiro? Seria possível, em meu estudo, comparar realidades tão distintas? Será que seria necessária a comparação? Essas dúvidas se dissiparam à medida que fui adentrando em seu trabalho. Entendi que ele escreveu várias percepções que eu já tinha dos cotidianos, vendo poesia onde não tem. Sou apegada aos detalhes, ao simples, ao que diversas vezes não é observado. Não imaginava que existia um estudo dessas questões. Poderia escrever um longo texto acerca do que estou aprendendo com Certeau, mas se pudesse destacar um ensinamento, seria o sentimento de que não estou sozinha, nem nas práticas, nem nos pensamentos. Somos dois ‘*praticantespensantes*’ preocupados com as miudezas e suas delicadezas.

Figura 13 - *Meme* criado pela autora com a imagem de Certeau em um artigo que escrevi acerca de



Fonte: A autora.

Deleuze<sup>38</sup>, para mim, é um filósofo daqueles que você lê algo pela primeira vez e jura que não tem capacidade alguma para ler aquilo, mas é só lermos com mais cuidado, mais calma e atenção para nos admirarmos com tantas conversas interessantes. Em especial, lê-lo em um grupo ajuda, imensamente, a aceitar inúmeras compreensões acerca de suas obras. Algo que aprendi com ele e desejo utilizar é a sua ideia de *intercessor* que posteriormente foi entendido por ele, junto com Félix Guattari, como *personagens conceituais*, o que além de ser um nome mais poético, em minha percepção, não remete às ideias de religião, que a ideia de intercessor poderia trazer, pois estaria olhando e agindo por nós.

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais como em Castaneda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê. E mais ainda quando é visível: Felix Guatarri e eu somos intercessores um do outro. (DELEUZE, 2013, p. 160)

Assim, não há limites do que possa vir a ser um *personagem conceitual*, o importante é que seja algo ou alguém que nos faça ‘*praticarpensar*’, inspirar, criar pensamentos e propostas a partir do que pesquisamos. Acho que esse pensamento é o que mais me encanta no autor, considerando que possuo limitados ‘*conhecimentossignificações*’ da sua obra, pois retira o peso de que os autores citados são os únicos que nos inspiram e realizam uma troca com nossos escritos e nossas práticas em pesquisa.

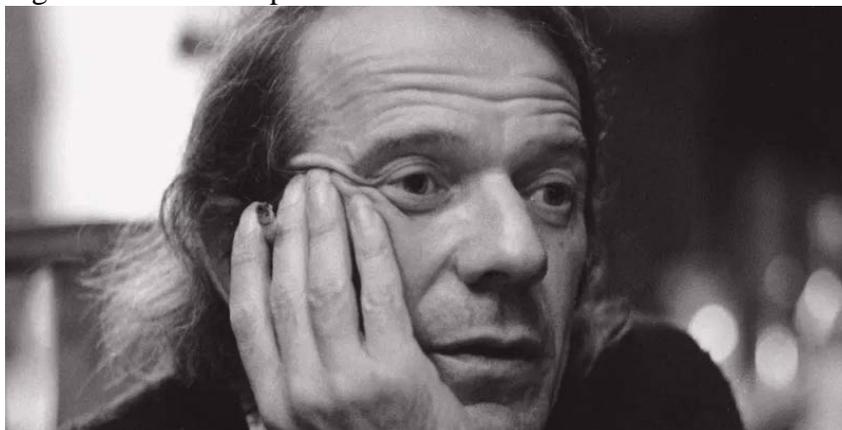
É preciso considerar, então, que há valor e potência em artefatos, pessoas, cenários que nos formam (redes educativas). Em um trabalho, uma pesquisa, uma conversa com uma e um estudante, uma fala dela e dele tem tanta importância para o que estamos criando quanto um trecho de um livro de um intelectual. Talvez até mais importância, dependendo do que estamos pesquisando. Deleuze, ao trabalhar esta ideia de personagens conceituais, não quer tirar o mérito dos estudiosos, mas sim nos fazer perceber que para ‘*praticarpensar*’ – já que ele trabalha com a filosofia – é necessário que criemos nossos personagens conceituais e com eles ‘*conversar*’ longamente para que possamos criar pensamento, ‘*conhecimentossignificações*’, dentro daquilo que pesquisamos. No grupo de pesquisa, consideramos esta ideia central e estará presente em todo este trabalho, onde as e os jovens,

---

<sup>38</sup> Gilles Deleuze (Paris, 18 de janeiro de 1925 — Paris, 4 de novembro de 1995) foi um filósofo francês Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos, singularidades, enfim conceitos que nos ajudam a transformar a nós mesmos.

suas falas e os livros com que juntos trabalhamos, aparecem como meus personagens conceituais.

Figura 14 - Deleuze pensativo



Fonte: [http://4.bp.blogspot.com/-KoaQsZd\\_j20/UqPhYpDnKZI/AAAAAAAAAgbk/05Gic0QPR1g/s1600/Deleuze+Paris+1987+©+Raymond+Depardon-Magnum+Photos.jpg](http://4.bp.blogspot.com/-KoaQsZd_j20/UqPhYpDnKZI/AAAAAAAAAgbk/05Gic0QPR1g/s1600/Deleuze+Paris+1987+©+Raymond+Depardon-Magnum+Photos.jpg)

Outro destaque seria a sua relação com a criação, criamos a todo instante e devemos estimular a necessidade e o interesse e não a verdade. “ As noções de importância, de necessidade, de interesse são mil vezes mais determinantes que a noção de verdade.” (DELEUZE, 2013, p. 166)

O grande desafio deste trabalho é que essa criação das e dos jovens seja estimulada, e também desejada por elas e eles, que haja atenção a outras criações que são realizadas nos cotidianos e que essas apareçam e conversem com a criação dos livros. Com Deleuze, conheci um filósofo que conversa com outras áreas, que me mostra que não há fonte a se beber, além de cavar seu próprio poço, feito com as referências que desejar, pois se torna necessário “que lembremos de gestos ou de um riso, mais que de datas” (DELEUZE, 2013, p.109). Aprendi a me importar, com o que eu desejo me importar.

Larrosa<sup>39</sup> é um autor que me apresentou desafios e acalantos. Desafios, pois, por indicação de uma professora querida Anelice<sup>40</sup>, comecei a ler dois livros acerca dos temas que

---

<sup>39</sup> Professor de Filosofia da Educação na Universidade de Barcelona. Licenciado em Pedagogia e em Filosofia, doutor em Pedagogia, realizou estudos de pós-doutorado no Instituto de Educação da Universidade de Londres e no Centro Michel Foucault da Sorbonne, em Paris. Foi professor convidado e ministrou cursos e conferências em diversas universidades europeias e latino-americanas. É membro de conselhos de redação e comitês científicos de uma dezena de revistas internacionais. Seus trabalhos, de clara vocação ensaística, se situam em um terreno fronteiriço entre a filosofia, a literatura, o cinema e a educação. Trabalhou com artistas tanto das artes cênicas quanto das artes plásticas.

<sup>40</sup> Anelice Ribetto é professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e pesquisadora procientista da mesma instituição. Lotada no Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores (UERJ/FFP/DEDU) participa de projetos de ensino, pesquisa e extensão na Licenciatura em Pedagogia e atua como professora efetiva e coordenadora no Programa de Pós-Graduação em Educação -

abordo: leitura e formação do leitor: *La experiencia de la lectura* e *Entre Pedagogia y Literatura*. Estes são livros difíceis de encontrar no Brasil e a referida professora me emprestou as edições na língua original, em espanhol. Eu entrei no mestrado com a língua inglesa, tenho dificuldades com espanhol. É uma leitura feita com o dobro de cuidado, que exige mais pesquisas, até de vocábulos comuns na língua para que ocorra a compreensão. Como metodologia, fiz a escolha de escrever todas as citações em espanhol, que ainda aparecerão, para que quem leia, caso não tenha facilidade na língua, também faça esse movimento que fiz de calma e atenção.

Figura 15 - Jorge Larrosa



Fonte: <https://www.utadeo.edu.co/es/noticia/destacadas/home/1/atencion-y-ejercicio-palabras-que-pueden-permitir-dar-un-sentido-lo-que>

Nesses livros, seu autor aborda questões pertinentes em relação à leitura, de como ela é importante para as outras atividades da vida, sendo um dos temas principais para um professor, e o principal, que ela não se restringe a textos. É um autor necessário às conversas quando for o momento de apresentar o movimento de criação de narrativas com os jovens, a partir uma ideia que ele nos expõe:

Desde mi punto de vista, todo lo que nos pasa puede ser considerado un texto, algo que compromete nuestra capacidad de escucha, algo a lo que tenemos que prestar atención. Es como si los libros pero también las personas, los objetos, las obras de arte, la naturaleza, o los acontecimientos que suceden a nuestro alrededor quisieran decirnos algo. Y la formación implica necesariamente nuestra capacidad de escuchar (o de leer) eso que tienen que decirnos. Una persona que no es capaz de ponerse a la escucha ha cancelado su potencial de formación y de transformación. (LARROSA, 2003, p.29)

---

Processos formativos e desigualdades sociais na Linha Políticas, Direitos e Desigualdades. Faz parte do Coletivo "Diferenças e Alteridade na Educação" e do Grupo de Pesquisa Vozes da Educação (CNPq) Se interessa pelas políticas, poéticas e práticas na/da diferença, alteridade e experiência na educação, e na produção de políticas narrativas outras para contar a prática e a pesquisa em educação.

Nilda Alves, minha orientadora, é uma daquelas pessoas que você fica se sentindo mal por ter demorado a conhecer. Entendo que nunca tive um período de pesquisa acerca de educação, mas ela é tão importante nessa área que não sei como ela, e um de seus textos, não tinham me aparecido antes. Professora, pesquisadora, militante, coordena o grupo de pesquisas de que faço parte.

Com ela aprendi que precisamos nos impor para sermos ouvidas e entendidas, mas que isso não quer dizer perder a ternura e o acolhimento com os que chegam e desejam se desenvolver. Aprendi que todo reconhecimento está envolvido de luta, estudo e uma fome curiosa de mundo e sua mudança.

Aprendi que podemos ler diversos autores, mas não precisamos e nem conseguiríamos ser fiéis a eles, que tudo bem discordar às vezes e que estudantes, poesias, pegadas, céu, filmes, desenhos e flores, são tão importantes quantos filósofos e intelectuais. Conheci uma pessoa tão louca por livros quanto eu e que me ouviu quando chego empolgada com algum exemplar novo, pedindo até para que eu compre alguns, para que o grupo todo tenha acesso a eles. E aqui está outra importante descoberta: tudo o que aparece, deve ser conversado no grupo de pesquisa. Somos todas e todos orientadores de todas e todos e desde que entramos no grupo, vamos escrevendo textos com alguma outra ou algum outro membro do grupo. O trabalho coletivo é presente.

Aprendi que todos os *'conhecimentossignificações'* que carregamos, de diversas fases da vida, podem ter vindo de diversos *'espaçostempos'*. Por isso, não há como dizermos que pessoas são iguais ou que um Curso de Formação, seja de qualquer área, nos igualará, somos formados por e formamos diversas redes.

Aprendi que as imagens contam narrativas, que algumas vezes condizem com o texto, outras vezes não. Não existe essa obrigatoriedade, cada um as interpretará de um jeito, por isso este texto, repleto de imagens que ajudam a contar a minha história, minha pesquisa, e que pode, talvez, a interromper, fazendo a leitora e o leitor seguir seu próprio caminho.

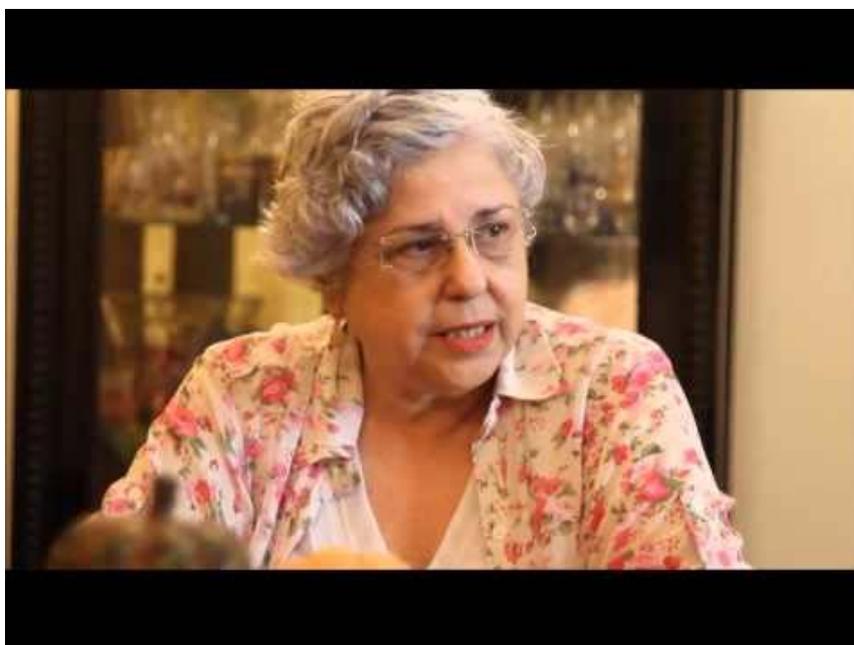
Aprendi que nem os intelectuais podem dizer que já estão prontos. Eu a vi aceitar sugestões em alguns textos seus e dizer, diversas vezes, como aprendeu em um encontro e começou a *'praticarpensar'* diferente em um determinado momento da vida acerca de algo escrito e até publicado por ela, o que pode parecer simples, mas não costuma ocorrer frequentemente na Academia.

Aprendi a cada vez mais viver as redes educativas, buscando compreendê-las, pois

Hoje, para se entender a escola, é preciso que estejamos dispostos a, inteiramente mergulhar nessa realidade dançando/ouvindo a sua música, sentindo os seus sabores e odores, tocando profundamente os eu tecidos, bem como vendo o que ela mostra e não aquilo que queremos ver. É, então, dentro dessas ideias do tempo presente, que o convite é feito para se ouvir a música da escola, nos seus compassos e descompassos. (ALVES, 2015, p.87)

A frequente presença no grupo de pesquisa que me foi possibilitada e as ações e falas da orientadora nele me deram coragem e incentivo para escrever e falar acerca de questões nas quais acredito e que eu achava banais. Mas sua história não nos faz esquecer que tudo que criamos exige dedicação e responsabilidade<sup>41</sup>.

Figura 16 - Nilda Alves em uma entrevista no ano de 2013



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=ZbxP6QEpnAc>

Michele Petit foi uma das últimas autoras que conheci. Estava feliz com todas e todos escritores e pensadores que conversam comigo neste texto, mas sentia que ainda conheceria alguém para dialogar acerca de leitura e jovens especificamente e ao pesquisar, através da internet, autores que conversam com Certeau, a encontrei. Uma antropóloga francesa que possui diversas obras que abordam temas relacionados à leitura, jovens, bibliotecas e conflitos sociais. Eu me encantei tanto com seus títulos que comprei quatro de uma vez só, seria um caso de amor, ou de ódio, caso não conseguisse conversar com ela, após ter gasto tanto com

---

<sup>41</sup> Este parágrafo começava com a seguinte frase: “Nilda Alves trouxe uma luz para o meu dia.” Naturalmente, a orientadora a cortou fazendo uma brincadeira que faz sempre, dizendo: “pois é sou a luz que vos ilumina, mas se queremos ir além do sentido do olhar – hegemônico na Modernidade – e trabalhar com todos os nossos sentidos, como se faz necessário nas pesquisas com os cotidianos... esqueçamos as luzes que nos iluminam...”

os livros, mas minha intuição não falhou. Seus textos leves e repletos de narrativas são convites para eu seguir nesta temática tão cara a mim: o universo dos livros

Ao contrário de outras práticas de lazer que tendem a contribuir para que seus adeptos se fechem em suas tribos, e a confundir a identidade pessoal com o lugar onde vivem, a leitura pode ser uma via privilegiada para inventar um caminho singular, para construir uma identidade aberta, em evolução, não excludente. (PETIT, 2009, p.73)

Figura 17 - Michele Petit em entrevista de 2011



Fonte: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/entrevistas/artigo/1679/entrevista-michle-petit>

Não poderia escrever acerca de metodologia e não citar outras mulheres que caminharam e caminham comigo há anos. Com Clarice Lispector aprendi que uma história se torna singular se você focar nos sentimentos envolvidos naquele momento. Virgínia Woolf me mostrou que a mulher tem narrativas interessantes, elas só precisam de ‘*espaçostempos*’ para chamar de seus, para se concentrarem e criarem. Chimamanda Ngozi Adichie me mostrou que devemos ter cuidado para não generalizarmos histórias. Patti Smith que há singularidade e multifacetada em todas e todos. Rupi Kaur me mostrou que falar dos sentimentos não é banal. Cora Coralina me ensinou que a leitura salva. Carolina Maria de Jesus me elucidou que só a literatura não basta. bell hooks me mostra que lecionar é lutar contra desigualdades. Todas elas podem ser encontradas ao longo do texto, estão na maneira

que encontrei para contar essa história. Eu aprendi e aprendo a escrever com cada uma delas. Elas fazem parte da metodologia.

Figura 18 - Montagem com capas de livros de algumas das autoras que acompanham a Thamy



Fonte: A autora, 2019.

### 2.3 Precisamos falar acerca de livros: apresentando a pesquisa

Depois de uma seca ou de uma temporada ensolarada. A chuva aparece. E tem dias que a chuva é interna. Quando não se tem mais o que chorar, quando precisamos manter um sorriso externo, acredito que choramos pra dentro. Lágrimas que se transformam em um montinho de água, que chega de mansinho limpando com cuidado todos os órgãos, principalmente o coração e, às vezes, dependendo do volume, também chega com força, arrebentando artérias, inundando pulmão... Tem momentos que parecemos que não resistiremos, transbordaremos de lágrimas contidas. Suamos as mãos, a testa pinga devido à febre, choramos de rir só pra disfarçar e escoar um pouco aquele líquido todo. Mas nada dura. Muita água

maltrata, mas também hidrata, renova, irriga. E aí não importa se lá fora está chovendo ou se está caindo um temporal, pois nós já estamos prontos. Já começou a florescer dentro de nós. (LOBO, 2014)

Os artefatos culturais são peças interessantes para conhecer e criar cotidianos. Nos currículos e nas relações *'dentrofora'* das redes educativas, eles nos possibilitam apresentar questões importantes para a sociedade, compreender aspectos culturais e políticos e adentrar em outros universos. Filmes, livros, peças teatrais, exposições, são potências e não meros instrumentos. São *'espaçotempos'* de resistências no momento político que estamos atravessando em 2019/2020, onde a cultura e a educação, além de não serem prioridades, são vistas como algo ameaçador.

Nas eleições de 2018, Jair Bolsonaro, atualmente sem partido, foi eleito presidente. O Rio de Janeiro elegeu como governador, Wilson Witzel, do partido PSC. O atual governo federal não prioriza a cultura e comprova isso através de cada pronunciamento e medidas realizadas. Somente durante os cem primeiros dias de governo, já havia acontecido a extinção do Ministério da Cultura, o corte no orçamento voltado a eventos culturais e a perseguição à Lei nº 8.313 de 23 de dezembro de 1991, a Lei Federal de Incentivo à Cultura, conhecida como Lei Rouanet, que se refere às políticas públicas para a cultura nacional e teve seu orçamento reduzido.

Tendo em vista este momento tão sensível às questões culturais, escolho, nesta dissertação, escrever acerca de uma oficina de produção de narrativas, pois além de entender que esse processo é interessante para desenvolver a invenção; a escolha do livro como artefato também acontece em um momento de crise econômica que se reflete na produção editorial e nas livrarias do Rio de Janeiro.

Diversas livrarias e redes fecharam suas portas, o que reverberou também na crise do mercado editorial. São apontadas como causas, a crise econômica que faz com que as pessoas escolham itens para compra que consideram mais essenciais à sobrevivência; o crescente barateamento e uso de smartphones e a escolha da leitura digital em detrimento dos livros físicos.

No final de 2018, o diretor de uma das maiores editoras de livros do Brasil, Luiz Schwarcz, da Companhia das Letras, escreveu um relato emocionado que serviu como campanha para compra de livros como presente de Natal:

Aos que, como eu, têm no afeto aos livros sua razão de viver, peço que espalhem mensagens; que espalhem o desejo de comprar livros neste final de ano, livros dos seus autores preferidos, de novos escritores que queiram descobrir, livros comprados em livrarias que sobrevivem heroicamente à crise, cumprindo com seus

compromissos, e também nas livrarias que estão em dificuldades, mas que precisam de nossa ajuda para se reerguer. Divulguem livros com especialíssima atenção ao editor pequeno que precisa da venda imediata para continuar existindo, pensem no editor humanista que defende a diversidade, não só entre raças, gêneros, credos e ideais, mas também a diversidade entre os livros de ambição comercial discreta e os de ambição de venda mais ampla. Todos os tipos de livro precisam sobreviver. Pensem em como será nossa vida sem os livros minoritários, não só no número de exemplares, mas nas causas que defendem, tão importantes quanto os de larga divulgação. Pensem nos editores que, com poucos recursos, continuam neste ramo que exige tanto de nós e que podem não estar conosco em breve. Cada editora e livraria que fechar suas portas fechará múltiplas outras em nossa vida intelectual e afetiva. (SCHWARCZ, 2018)

Acredito que os apaixonados por livros, como eu, mesmo às vezes recorrendo à leitura digital por praticidade e comodidade, têm, por livros impressos, amor. Não há nada melhor para quem é amante da leitura do que entrar em uma livraria e se perder entre tantas opções. Chegamos com a ideia de carregar um Carlos Drummond, esbarramos com um José Saramago e saímos depois de umas horas, carregando também um livro de um novo autor de quem nunca ouvimos falar, mas que nos encantamos com as primeiras páginas do seu romance.

As livrarias fazem parte da minha vida. Desde bem pequena me sentia bem, estando rodeada de livros. Visitá-las é um hábito. Seja em busca de um livro específico, para conhecer uma nova autora, um novo autor, para encontrar os meus amigos ou beber um chá, rodeada de exemplares. É um *‘espaçotempo’* que me conforta. Um dia não estava me sentindo bem, emocionalmente. Liguei para uma amiga que me sugeriu ir à praia, olhar o mar. Eu entrei na Livraria Cultura<sup>42</sup> e me senti incrivelmente bem, telefonei novamente para ela e disse que já estava melhor, estava no meu mar.

Outra justificativa potente, dessa interferência governamental, agora municipal, encontro em um episódio que ocorreu na edição da Bienal do Livro no Rio de Janeiro, em 2019. O prefeito da cidade na época, Marcelo Crivella, solicitou o recolhimento da edição de uma revista em quadrinhos dos *“Vingadores”*<sup>43</sup>. Sua justificativa foi que a HQ, como são popularmente chamadas as histórias em quadrinhos, continha imagens inapropriadas para as crianças, já que exibia em uma de suas páginas um beijo entre dois personagens do gênero masculino. O prefeito alegou que as crianças não deveriam ter acesso a esse material e citou o Estatuto da Criança e do Adolescente como defesa. A questão é que o Estatuto só prevê que obras que contenham na capa uma reprodução de ato obsceno, nudez e pornografia tenham

<sup>42</sup> Livraria localizada no antigo CineVitória, na Cinelândia, Centro do Rio de Janeiro. Era uma das maiores da Cidade. Abriga lançamentos de livros e diversos outros eventos culturais. Foi inaugurada em 2013 e, devido à crise econômica sofrida pela rede das livrarias Cultura, fechou em 2018.

<sup>43</sup> Vingadores ou Os Vingadores (em original The Avengers) é o título de um quadrinho com diversos super-heróis criado pela Editora Marvel Comics.

suas capas cobertas. De acordo com o artigo 78 do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069, de 13 de julho de 1990):

As revistas e publicações contendo material impróprio ou inadequado a crianças e adolescentes deverão ser comercializadas em embalagem lacrada, com a advertência de seu conteúdo. Parágrafo único. As editoras cuidarão para que as capas que contenham mensagens pornográficas ou obscenas sejam protegidas com embalagem opaca. (BRASIL, 1990)

Após o pronunciamento, o Crivella enviou fiscais para confiscar as obras, mas todas já haviam se esgotado. Os organizadores da Bienal e responsáveis de editoras consideraram o ocorrido um ato de censura, como declarado em uma nota publicada no Facebook pelo Grupo Editorial Record:

Recebemos um aviso no nosso estande na Bienal de que haveria uma fiscalização da Secretaria de Ordem Pública do Rio de Janeiro exigindo que todos os livros com conteúdo LGBTQS fossem lacrados e sinalizados como livros com conteúdo impróprio. A Galera Record repudia qualquer tipo de censura e reitera a importância da representatividade na literatura jovem como forma de combate ao preconceito. Homofobia é crime e acreditamos que o papel do estado é incentivar a leitura e não criar barreiras que marginalizem uma parcela da população que já sofre com a intolerância. Nossos livros estão à venda no estande e em todas as livrarias brasileiras, online e físicas. Vamos continuar lutando para que todos os jovens se vejam representados em nossas histórias. (FACEBOOK, 2019)

Figura 19 - Fiscais recolhendo livros na Bienal do livro



Fonte: <https://ogimg.infoglobo.com.br/in/23931625-85d-176/FT299A/xSeop-bienal.jpg.pagespeed.ic.mmctiHrrPt.jpg>

Assim como sempre são nos cotidianos, este ato incentivou criações diversas de resistência, como a de Felipe Neto<sup>44</sup> que realizou a compra de 14 mil livros com a temática LGBTI e os distribuiu gratuitamente durante a Bienal.

Fernanda Montenegro, uma consagrada atriz brasileira, que completou 90 anos em outubro de 2019, também respondeu ao ato do prefeito através de um convite da revista literária “*quatrocincoum*” e posou, na edição de outubro, como se fosse uma bruxa prestes a ser queimada em uma fogueira formada por livros. Em entrevista a um programa de televisão, ela mencionou que o convite da revista já tinha sido feito, mas após o episódio ocorrido na Bienal do Livro, decidiu aceitá-lo.

Esse convite [para tirar a foto] veio muito antes da crise deste senhor. A Companhia das Letras me perguntou se eu queria fazer há uns dois meses. E teve essa coincidência de coisas”, explicou Fernanda. “Já que aconteceu a conjunção dos astros, assino embaixo, não se pode proibir nada. (Informação verbal)

Segundo a editora da revista, as bruxas de Salem, Joana D’Arc e o romance distópico *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, em que livros são proibidos - e de onde vem o nome da publicação – foram algumas das inspirações para o ensaio.

Figura 20 - Fernanda Montenegro em imagem da revista *quatrocincoum*



Fonte: Revista *Quatrocincoum*

<sup>44</sup> Felipe Neto Rodrigues Vieira mais conhecido por Felipe Neto, é um youtuber, empresário, ator, comediante, escritor e filantropo brasileiro. É conhecido por ter um dos maiores canais brasileiros do YouTube, com 41 milhões de inscritos e mais de doze bilhões de visualizações acumuladas.

Como entendo que os livros físicos estão ameaçados em nosso país e tenho como principal objetivo em meus encontros com os *'praticantespensantes'* apresentar obras de literaturas e criar um processo de aproximação e reconhecimento para que aconteça, além de um desenvolvimento da escrita, uma potência de criação, realizei, entre outros artefatos, a escolha de livros para a pesquisa.

Em um encontro de disciplina do Mestrado, fui questionada por uma colega se eu considero todos os livros “bons”, portanto acho importante mencionar que não sou ingênua a ponto de acreditar que todos os livros têm ideias positivas, são antirracistas e possuem características inventivas e altruístas. Alguns livros estão sendo utilizados para propagar ideias retrógradas e pensamentos preconceituosos. Na verdade, existem diversos tipos de livros e dizer o que é válido, não depende apenas, da leitora e do leitor, mas sim de sua leitura.

Destacando a ética e valores condizentes aos direitos humanos, até um livro que podemos chamar de “ruim” pode ser lido e interpretado como exemplo do que não fazer. Ninguém deixa de ler um livro acerca da Segunda Guerra Mundial por ser um evento histórico que matou pessoas ou boicota a biografia de uma pessoa por ela ter pertencido ao tráfico.

O trabalho que proponho é focar na criação. No que pode ser tecido a partir desses artefatos. Não desejo colocar juízo no objeto, mas assim, como Certeau, focar em seus usos:

É preciso, portanto, especificar esquemas de operações. Como na literatura se podem diferenciar “estilos” ou maneiras de escrever, também se podem distinguir “maneiras de fazer” - de caminhar, ler, produzir, falar etc. Esses estilos de ação intervêm num campo que os regula num primeiro nível (por exemplo, o sistema da indústria), mas introduzem aí uma maneira de tirar partido dele, que obedece a outras regras e constitui como que um segundo nível imbricado no primeiro (é o que acontece com a “sucata”). Assimiláveis a *modos de emprego*, essas “maneiras de fazer” criam um jogo mediante a estratificação de funcionamentos diferentes e interferentes. Assim, as “maneiras” de habitar (uma casa ou uma língua) próprias de sua Kabília natal, o magrebino que mora em Paris ou Roubaix as insinua *no* sistema que lhe é imposto na construção de um conjunto residencial popular ou no francês. Ele os superimpõe e, por essa combinação, cria para si um espaço de jogo para *maneiras de utilizar* a ordem imposta do lugar ou da língua. Sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe impõe uma lei, ele aí instaura *pluralidade* e criatividade. Por uma arte de intermediação ele tira daí efeitos imprevistos.

Essas operações de emprego – ou melhor, de reemprego – se multiplicam com a extensão dos fenômenos de aculturação, ou seja, com os deslocamentos que substituem maneiras ou “métodos” de transitar pela identificação com o lugar. Isso não impede que correspondam a uma arte muito antiga de “fazer com”. Gosto de dar-lhes o nome de *usos*, embora a palavra designe geralmente procedimentos estereotipados recebidos e reproduzidos por um grupo, seus “usos e costumes”. (CERTEAU, 2014, p. 87)

Pretendo, com minha escrita, mostrar a importância dos livros como artefatos culturais. Conversar acerca da preocupação ao se escolher esses materiais e, principalmente

ao apresentá-los às e aos estudantes, priorizando gêneros e estruturas textuais que estejam de acordo tanto com a proposta, quanto com os cotidianos e a experiência de leitura das e dos jovens.

Desejo problematizar a produção desses artefatos no ambiente de redes educativas, incentivando os *'praticantespensantes'* e suas relações *'dentrofora'* dessas redes. Além de ampliar a questão acerca da discussão da desvalorização da cultura pelos atuais governos e a crise editorial, que impacta na produção e venda de livros.

Procuro desnaturalizar a imagem acerca dos livros *'infantojuvenis'*, de serem só proveitosos para as crianças, os apresentando como potência para debates, conversas e criações de *'conhecimentossignificações'*. Utilizo a minha própria experiência como narrativa na dissertação, o que subverte, de certo modo, a escrita acadêmica, onde comumente se escreve mais formalmente, ressaltando que a formalidade e o distanciamento, ainda utilizados por diversas pessoas, não são formas por si só criticáveis. Por fim, na perspectiva dos estudos com os cotidianos, tenho a intenção de desnaturalizar a ideia de estudantes como *'objetos'* de pesquisa para incluí-los como *personagens conceituais* da dissertação, ao conversarem com as narrativas e criarem os livros.

Escolho a temática da migração, pois além de ser tema do grupo de pesquisas, acredito que nas redes educativas apareçam todos os assuntos pertinentes à sociedade e que esses precisam se transformar em questões curriculares e em artefatos pedagógicos para que sejam percebidos e conversados. A ideia não é discorrer acerca das problemáticas da migração. Existem diversos, excelentes e necessários, trabalhos que apresentam essa questão em números e especificidades apontam caminhos para lidar com migrações. Há diversas formas de trabalhar esse tema. Esta dissertação se propõe criar narrativas para que a temática esteja presente nas redes educativas e, em especial, nas relações pedagógicas das escolas.

Esta escolha se reflete no processo em que a pesquisa será realizada. Não tenho como ideia, simplesmente, apresentar a temática e propor uma oficina de escrita, mas sim mostrar as possibilidades que a leitura pode oferecer. Entender como esse artefato cotidiano – o livro – nos enriquece e nos leva à criação. Que pode nos levar a *'conversas'*<sup>45</sup> interessantes e a produção de outros livros.

Essa pesquisa não pode existir somente considerando um lado técnico. Escrever um livro envolve emoções e sentimentos. Temos que nos envolver com o que é proposto, ver sentido naquilo, para que as narrativas criadas reflitam o que desejarmos.

---

<sup>45</sup> Torno a lembrar de que as conversas são entendidas como o principal lócus para as pesquisas com os cotidianos.

A Associação São Martinho<sup>46</sup>, instituição na qual atuo, é uma entidade filantrópica existente há 36 anos, cujo trabalho se destina a atender crianças, adolescentes e jovens moradores do Rio de Janeiro, que estão inseridos em diversos níveis de vulnerabilidade social, como aqueles em situação de rua e os moradores de comunidades, atendidos com atividades culturais e educativas, defesa jurídica social e preparação e inserção do jovem no mercado de trabalho.

Com a ideia de ser “líder na garantia dos direitos das crianças e jovens em situação de vulnerabilidade, através da vivência da espiritualidade e de políticas sustentáveis de inclusão social, formação profissional, cultural e esportiva”, a Associação não faz só um atendimento emergencial, mas sim, desenvolve programas que visam o auxílio no desenvolvimento pleno de seus atendidos.

O programa de inserção do jovem em seu primeiro emprego, chamado de Mundo do Trabalho, a que já me referi no início deste texto, possui o objetivo, não só de incluir a e o jovem no quadro de funcionários da empresa, mas sim estimular seu aprendizado e autonomia. Os conteúdos apresentados ao longo do curso, distribuídos em módulos, ajudam nessa proposta. Segundo a visão e os valores da instituição, utilizando os termos tão comumente *`vistosouvidossentidospensados`* nas reuniões<sup>47</sup>: não se trata de conteúdos que desenvolvam habilidades limitadas, mas sim, visam o desenvolvimento pleno dessa e desse jovem, não somente a e o capacitando para participar de um processo seletivo, como também o relacionamento interpessoal, afirmação de autoestima e capacidade de diálogo. Competências essenciais, não só para o mercado de trabalho, como para qualquer relação.

O Curso Básico foi criado a partir da ideia de auxiliar os pequenos engraxates que trabalhavam nas ruas do Centro do Rio de Janeiro. Adolescentes que sofriam preconceitos, discriminação e racismo nas ruas, mas precisavam trabalhar para compor a renda familiar. O curso serviria para repassar noções básicas de relacionamento interpessoal, leis trabalhistas, aulas de canto e música, entre outros, e como os meninos precisavam do trabalho era um curso curto, de aproximadamente três meses.

Após o término do primeiro Curso a instituição percebeu a dificuldade de inserir os jovens no mercado de trabalho, devido ao preconceito racial e social, por tratar-se de meninos em situação de rua. Começou então uma parceria com Colégios Católicos, Museu de Belas

---

<sup>46</sup> A Associação Beneficente São Martinho, fundada em 1984, é uma organização sem fins lucrativos, vinculada à Província Carmelitana de Santo Elias, possui o intuito de promover e defender os direitos de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social.

<sup>47</sup> Palavras e termos como “desenvolver a capacidade”, “habilidade” e “competência”, comumente, não fazem parte do grupo de pesquisas com os cotidianos por acreditarmos que todas e todos ‘praticantespensantes’ já as possuem. No parágrafo referente, estas palavras aparecem como exemplos do trabalho, ideia e postura da ONG.

Artes e o Juizado de Menores, que recebiam esses jovens para estagiarem. Eles recebiam salários, mas ainda tinham o problema de estarem em situação de rua. Foi aí que a São Martinho decidiu organizar algumas casas para serem transformadas em um ambiente familiar para os adolescentes que participavam de todas as atividades, inclusive auxiliando financeiramente com parte de seus salários, uma situação não ideal, já que a instituição poderia arcar com todo o aluguel, não utilizando uma renda dos jovens, que poderiam aproveitar o salário, que beirava ao valor do salário mínimo, para suas outras necessidades.

O Curso tem duração de quatro meses, acontece de segunda a sexta em dois turnos, manhã, de 8:15 às 11:25, e a tarde, entre 13:15 às 16:25. Conta com atividades de Ética e Cidadania, Informática, Relações Humanas, Oficina de Texto, Comunicação Oral e Escrita, Jogos Educativos e Noções Administrativas. O objetivo é preparar as e os jovens para o mercado de trabalho e encaminhá-las e encaminhá-los para empresas conveniadas, para realizarem o contrato de jovem aprendiz que tem duração entre 11 meses e um ano e meio. Hoje, por questões burocráticas com a prefeitura, já não existem as casas que abrigavam as e os jovens. Todas e todos que participam do Curso moram com um responsável legal, que assina o contrato de emprego, exigência do projeto Jovem Aprendiz.

As jovens e os jovens que procuram a instituição são repletos de sonhos e urgências. Sonham em “ser melhores”, em estudar o que desejam: Educação Física, Enfermagem, Engenharia. Querem “ser alguém na vida”, sem a percepção que já o são, desejam ser felizes, mas possuem a urgência de ajudar na renda familiar, uma necessidade que não deveria existir para adolescentes tão jovens, de fazer o Curso para “não se meter em mais confusão” e não ser influenciados pelos “maus elementos” de onde moram. Querem brincar na rua e ficar na internet até de madrugada, mas desejam acordar mais cedo para cumprir todas as atividades do dia. Têm o sonho de “ajudar em casa”, mas precisam de ajuda para entender as mudanças do seu corpo e da sua mente. No fim, os sonhos podem esperar um pouco para serem ouvidos, já que as urgências têm os gritos mais altos.

Há cinco anos, o Curso Preparatório acontecia em uma casa localizada em Santa Teresa, região central do Rio de Janeiro. Mesmo com a proximidade do Centro e dos bairros da Zona Sul, as e os participantes do Curso são em sua maioria, de moradores da Zona Norte e da Zona Oeste, isso porque há a exigência de serem moradores do município do Rio de Janeiro, visando às empresas que possuem convênio e desejam contratar jovens do município para o deslocamento e o valor gasto com transporte público consequentemente ser baixo. São de Acari, Pavuna, Vila Kennedy /Bangu, essa última região, mesmo devido à distância de 41

quilômetros até Santa Teresa e de 23 quilômetros até Vila Kosmos, onde acontece atualmente o curso, e é um dos bairros que possui mais jovens no projeto.

Acredito que as e os adolescentes que residem próximo ao Centro e à Zona Sul possuem mais acesso a recursos, cursos, atividades oferecidas por diferentes ONGs, que se concentram em outras atividades que não sejam iniciação no mercado de trabalho, como por exemplo, cursos com foco no preparo para o ingresso na universidade, uma preocupação aceitável para as e os jovens de 15, 16 anos. Até as e os que têm renda igual ou abaixo do que os que iniciam no Curso possuem uma rotina diferente dos que as e os realizam. Essas e Esses têm acesso à praia, eventos culturais, diferentes possibilidades de se desenvolver. E a postura dos responsáveis de que o melhor momento não seria o foco no trabalho, mas sim no estudo, conta. Então, mesmo estando incluídos no projeto, essas e esses jovens nunca foram o principal público dele.

Uma vez em uma conversa com minha orientadora Nilda Alves acerca de criação, ela comentou para eu nunca esquecer que criamos sim, mas criamos a partir de um ‘*espaçotempo*’, em meio a uma situação que vivemos. Nenhum criar é isento. Esta conversa permeou a minha escrita, a minha pesquisa. Ao ‘*verouvirsentirpensar*’ nas jovens e nos jovens e no meu desejo para elas e eles, seria ter as mesmas oportunidades mencionadas anteriormente, mais comumente disponíveis para jovens que residem em áreas mais desenvolvidas, que possuem mais a frequência de políticas públicas. Eu incentivaria somente os estudos, até que tivessem uma formação e seguissem um pouco mais seguras e seguros para o mercado de trabalho. Comecei a trabalhar muito jovem e sei que nem tudo foi fácil devido à essa situação, principalmente a minha insegurança referente aos estudos e à universidade pública, mas incentivo à criação possível. Foco nas criações, enquanto as e os incentivo a caminhar, em busca de novos cenários de outras criações possíveis.

Algumas pessoas perguntam acerca dos conflitos existentes em uma instituição católica que prepara para o mercado de trabalho. Um conflito existente se refere às exigências das empresas em relação às e aos jovens aprendizes. Possuem o interesse em contratá-la e contratá-los, mas, algumas vezes, são tantas as exigências para o contrato que parecem desejar um profissional com anos de experiência. Solicitam uma escrita e uma linguagem oral dominante, habilidade avançada com o programa *Excell*, língua estrangeira fluente. Exigências que fazem com que a Associação, frequentemente, tenha que lembrar a empresa, o objetivo do contrato de jovem aprendiz, que é justamente uma oportunidade para quem está iniciando esse processo, e que a ideia é o aprendizado contínuo e o desenvolvimento profissional que ocorre durante o processo.

Outra questão recente é a preferência por jovens maiores de 18 anos, já que o programa jovem aprendiz compreende jovens entre 14 a 24 anos, mas tem diferenças na legislação quando esta se refere aos maiores de 18 anos. Estas e estes podem, segundo a lei, lidar com questões financeiras, fazer trabalho braçal, por exemplo, o que compromete a oportunidade para as e os jovens menores e retrata a questão econômica do Brasil a partir de 2019, que com a alta do desemprego, estão reduzindo o quadro e repassando para as e os aprendizes, tarefas que seriam de responsabilidade de uma funcionária ou um funcionário formado e experiente.

Ocorre também o inverso, empresas que contratam adolescentes somente pela questão legal, já que é obrigatória uma cota de aprendizes de acordo com o número de funcionários e acabam não repassando nenhuma atividade para essas e esses jovens, que ficam em um setor, auxiliando em poucas questões, entediadas e entediados e sem conseguirem alcançar o objetivo do contrato que é o seu desenvolvimento. Algumas vezes a São Martinho já precisou se manifestar e trocar aprendizes de setores e empresas para que elas e eles fossem beneficiados.

Uma vez, em uma conversa com colegas do mestrado pertencentes a outros grupos de pesquisa, me foi perguntado acerca da existência de conflitos religiosos na instituição, já que uma pessoa havia citado que trabalhou em outra ONG católica e que havia uma programação, com as e os jovens, voltada à religião, independentemente do credo ou de sua não existência, todas e todos deveriam participar semanalmente das missas, participar de “aulas de religião” e rezar, coletivamente, antes dos encontros.

Em relação às questões religiosas, a instituição hoje recebe mais oriundos de outras religiões do que católicos e podemos perceber mesmo sutilmente uma imposição de ações. Não há orações entre as atividades regulares e os encontros devem ser realizados isentos de crenças específicas e as e os professores são orientadas e orientados a acolher e conversar acerca de todas as manifestações religiosas que forem possíveis, o que não podemos confirmar se acontece em todos os encontros.

Porém, frequentemente ocorre algum festejo que envolve uma missa ou alguma oração realizada pela direção, que geralmente é um Frei, e que ocorre ao menos uma vez ao ano, no aniversário da instituição. Mas o que é repassado para as e os jovens, é que elas e eles podem frequentar em respeito à instituição que a e o acolheu, mas se não se sentirem à vontade e não desejarem, possuem a opção de ficarem na instituição em um encontro preparado para as e os que não se sentem à vontade de participar da missa e do festejo, o que para algumas e alguns jovens aparenta como chantagem ou imposição.

Atualmente o Curso Básico acontece em Vila Kosmos, em uma casa que pertence e é cedida pela Igreja Católica do Carmo, que também é dirigida por um frei. Em alguns momentos temos episódios em que essa proximidade com a igreja aparece nos cotidianos do Curso, ocasionando alguns conflitos. Uma vez foi mencionado que os freis da igreja ficavam observando as e os jovens e notaram que alguns estavam “dando calote” no BRT<sup>48</sup>, que tem uma estação em frente à igreja. Após um mês, em um encontro do módulo onde as e os jovens estavam criando *memes*<sup>49</sup>, com situações cotidianas, um dos jovens fez um *meme* onde vemos uma pessoa escondida observando algo e escreveram: Os padres olhando vocês pulando o BRT.

Figura 21 - *Meme* produzido pelas e pelos jovens



Fonte: A autora, 2019.

Essa situação cotidiana demonstra bem como é a relação das e dos jovens com os freis, é distante, aquela figura que devemos respeitar, porque sim, sem saber bem do seu papel naquele lugar. Elas e eles sabem como é a estrutura da Instituição e não tem contato, o que futuramente, irão vivenciar nas empresas em que cumprirão o contrato: a existência de um responsável importante e distante.

Mesmo com todos os desafios, busco levar para os encontros, atividades que proporcionem autonomia e que desenvolvam o lúdico. Por ter crescido em um ambiente onde

<sup>48</sup> Ônibus de trânsito rápido (em inglês: *Bus Rapid Transit* - BRT) é um tipo de sistema de transporte público baseado no uso de ônibus. Um verdadeiro sistema BRT geralmente tem design, serviços e infraestrutura especializados para melhorar a qualidade do sistema e remover causas típicas de atrasos. Às vezes descrito como um "metrô de superfície", o BRT visa combinar a capacidade e a velocidade do veículo leve sobre trilhos (VLT) ou do metrô com a flexibilidade, baixo custo e simplicidade de um sistema de linhas de ônibus.

<sup>49</sup> Usado num contexto coloquial e não especializado, o termo *meme* significa apenas a transmissão de informação de uma mente para outra. Este uso aproxima o termo da analogia da "linguagem como vírus", afastando-o do propósito original de Dawkins, que procurava definir os memes como replicadores de comportamentos.

as artes foram apresentadas, exploradas e incentivadas com a frequência a exposições e o estímulo a desenhos e leituras, carrego esses traços e os apresento nas atividades com as e os jovens, as e os incentivando a se comunicarem e se expressarem além do papel e caneta, através de conversas após a exibição de filmes, atividades de desenho, jogos teatrais, entre outros.

Não acredito que professoras e professores são só aquelas e aqueles que gostam de ler e que tenham uma relação prévia com os *'espaçostempos'* onde atuam, mas sei que ter paixão por livros e uma ligação com o *'espaçotempo'* onde atuo fazem a professora que sou e que estou me formando, pois ninguém está por inteiro, vamos nos metamorfoseando de acordo com os encontros e vivências que temos.

Na compreensão de que vivemos todos *'dentrofora'* dos *'espaçostempos'* reconhecidos como de currículos – as escolas – ao pesquisador com os cotidianos é exigido que a compreensão seja buscada nessas emaranhadas redes de contextos de formação dos docentes porque são, também, de formação de todos os discentes. Podemos pensar, por exemplo, na relação da vivência no urbano. Faço-o citando um trecho do texto que escrevi para o último ENDIPE (Alves, 2010): “o *'sentimento'* de estar, viver e sentir em ambiente urbano cria condições de compreender o quanto esse contexto atua na formação de todos os seus moradores, com os professores entre eles, por atuações e frequência em seus múltiplos *'ambientes'*, incorporando *'paisagens'* diferenciadas e se relacionando com diferentes *'praticantes'* oriundos de múltiplas *'comunidades'*”. Faço essa citação aqui chamando atenção para palavras que usei no texto que foram, de maneira rápida, incorporadas aos modos de comunicação pela internet, em cursos planejados on-line: ambientes, paisagens, comunidades... Saliento mais uma vez que ao entrarmos nos *'espaçostempos'* escolares, como, aliás, em todas as redes educativas, todos nós – docentes, discentes, pais e responsáveis, outros trabalhadores da educação, comunidade circundante da escola, bem como pesquisadores com os cotidianos escolares – temos “encarnado” em nós os conhecimentos e as significações que criamos em nossas redes de viver, fazer e sentir. Do mesmo modo, carregamos para elas muito do que *'aprendemos ensinamos'* nas escolas e outras redes educativas. (ALVES, 2015, p. 127 - 128)

O desafio que encontrei, e tenho até hoje, é como “criar soluções” para que as e os jovens consigam alcançar seus objetivos ao entrar no Curso Básico que é iniciar a vivência no mercado de trabalho, enquanto nos expressamos e nos identificamos como nós mesmos, com todas as particularidades que temos. É um conflito, pois as e os percebo como *'praticantes pensantes'* enquanto, o sistema só os deseja como praticantes, sem questionar.

Sim, são necessárias algumas táticas, alguns “truques” para que entrar no sistema, mesmo sendo absurdo. É preciso falar e escrever da maneira dominante, apresentar seus interesses nos vinte minutos da seleção. No fim, trata-se de uma competição cruel, mas a minha ideia nunca foi de as e os auxiliarem em um momento, mas sim criar possibilidades

para que elas e eles tenham criatividade e confiança para diversas etapas de suas vidas, a seleção seria uma delas.

Penso nos encontros para que eles sejam permeados de possibilidades de momentos para que os e as estudantes expressem o que sentem e desejam. No caminho, vou apresentando as temáticas que preciso apresentar. Quando eu vou repassar às e aos jovens dicas para escrever uma dissertação imparcial com tema polêmico, atento para lhes repassar que na vida também devemos respeitar diversos lados e que ouvir uma opinião diferente da sua, não a e o faz acreditar menos nas suas próprias verdades. Quando vou apresentar ortografia, lembro que devem ter carinho com quem fala e escreve de modo informal, por não ter estudo, por falta de oportunidade ou por escolha. Quando chamo atenção para, em alguns momentos, não usar abreviações, para melhor compreensão, digo que na internet, frequentemente, elas estão liberadas. Acredito no poder delas e deles em saber usar a melhor linguagem, a escrita necessária, em cada situação. Quando repasso dicas para redigir um e-mail corporativo, falo que o mais importante é tratar todas e todos da empresa de forma igual, do presidente ao auxiliar de limpeza. Quando uso o jornal para uma atividade, peço que se informem cada vez mais, não só para escreverem melhor, falarem melhor, mas para se situarem no mundo. E entre brincadeiras, músicas e oficinas de texto, aprendo a cada dia. O encontro parece incompleto, se não deixo um pouco de mim com elas e eles, se não levo um pouco delas e deles comigo. É que eu sou contratada para lecionar Língua Portuguesa, e ela é poderosa, múltipla, viva e fluida. Pode ser tanto um instrumento de submissão quanto de libertação.

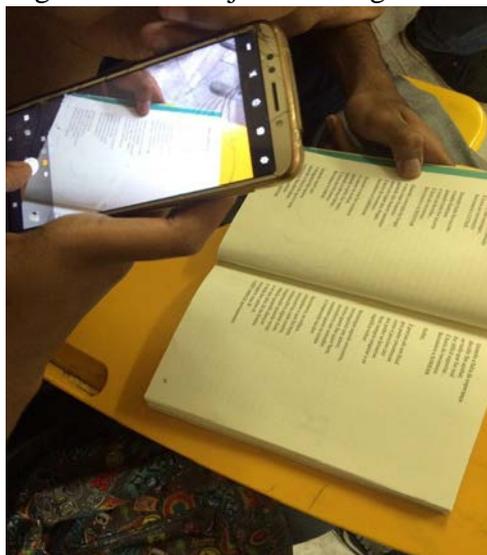
Com a leitura, as e os jovens podem ampliar seu vocabulário e viajar por culturas e universos diversos. Costumo indicar também que assistam filmes e séries, que elas e eles tanto amam, com legendas, já que com elas exercitam a leitura. Minha maneira de conseguir é fazendo-as e fazendo-os atentar para o fato de que com a dublagem elas e eles podem perder piadas, palavrões, expressões interessantes de outras línguas já que o objetivo às vezes é suavizar, mastigar a linguagem ao inseri-la na nossa língua. Em algumas situações, perdem-se frases inteiras, e assim, elas e eles começam a comparar uma película dublada com uma legenda e passam a gostar de ouvir as vozes e sotaques dos atores. Geralmente o início é difícil. Mencionam que não dá para ler e ver ao mesmo tempo, que a legenda é rápida demais, mas acabam gostando.

O meu objetivo nunca é diminuir uma possibilidade, mas sim ampliar, apresentar opções e conhecer também possibilidades com eles. Conversamos acerca de dublagem e digo como as da animação são maravilhosas, por exemplo, inserem piadas e personagens

brasileiros para fazer graça, mesmo o filme ocorrendo bem longe do Brasil. As dublagens auxiliam os que não leem, os que têm questões de visão e aqueles que desejam ouvir o filme em sua língua. Acredito que o compromisso da professora e do professor é apresentar possibilidades, sem discriminar nada que seja diferente do apresentado ou debatido.

Tenho como objetivo então, iniciar por um trabalho que já realizo e que chamo de namoro com os livros. Começo levando alguns e deixando de lado no *'espaçotempo'* onde ocorrem os encontros. Após isso, inicio algumas atividades que incluem a leitura e produção de pequenos textos e atividades voltadas ao livro. Nessa parte é essencial a escolha da bibliografia trabalhada. Existem diversos exemplares que são verdadeiras obras de arte em relação ao cuidado com a capa e com as ilustrações, bem como quanto à maneira de abordar as temáticas. Levo para as aulas livros de diversos tipos, somente com imagens, e pequenos textos como crônicas, contos, além de livros biográficos e de ficção, porém, nesse projeto, darei preferência a livros infantojuvenis por alguns motivos.

Figura 22 - Uma jovem fotografando uma página de livro que gostou



Fonte: A autora, 2019.

Primeiramente, livros infantis costumam ser relativamente curtos, em relação ao texto escrito, até para que as crianças consigam acompanhar. Isso os torna interessantes se queremos apresentá-los em um encontro, pois temos tempo de ler e realizar uma atividade acerca dele naquele momento. Em segundo, existem diversos livros infantis que priorizam a arte gráfica. São repletos de imagens, cores e modos de apresentar movimentos, o que ajuda a despertar a curiosidade e a criatividade das e dos leitores, sendo importante para a criação de narrativas. Em terceiro, livros infantojuvenis são ótimos para incentivar o *'gosto'* pela leitura.

Diversas jovens e diversos jovens que participam dos módulos não possuem o hábito de ler, com histórias curtas e cativantes, percebo um início dessa aproximação. Frequentemente uma ou um jovem se orgulha de ter conseguido ler um livro todo em um dos encontros, o que costuma encorajá-las e encorajá-los a começar a busca por outros livros.

Após a justificativa ética, estética e política acerca do artefato escolhido, existe também a questão de que a leitura é uma ferramenta importante quando tratamos acerca do desenvolvimento da escrita. Acredito que quando os *'praticantespensantes'* costumam ler, têm mais possibilidades de se aproximar das variações linguísticas, o que é necessário para que possa participar de todos os *'espaçostempos'* da sociedade que desejar. Como professora de Língua Portuguesa, abomino o preconceito linguístico, tenho consciência que a linguagem formal foi uma escolha de uma classe dominante, uma escolha política, dizendo-a mais correta, bonita e elegante.

As diversas linguagens são essenciais para que os *'praticantespensantes'* percebam que a língua é viva e múltipla e que suas múltiplas facetas nos auxiliam a viver em diversos ambientes da sociedade. Acredito que a professora e o professor de Língua Portuguesa estão ali também para apresentar a linguagem dominante, mediar o uso das variações e explicar que o domínio das variações é importante, afinal língua é poder, ou seja, quanto mais a dominamos, mais temos possibilidades de fazer escolhas e de adentrar espaços, mas com o cuidado para valorizar a criatividade e a potência das linguagens *'informais'*, de parcelas não-escolarizadas, não cometendo preconceito linguístico, explorando a multiplicidade da linguagem.

Entendo também a leitura como formação, como seu papel formativo, como nos diz LARROSA (2003), acredito que,

Pensar la lectura como formación implica pensarla como una actividad que tiene que ver con la subjetividad del lector: no sólo con lo que el lector sabe sino con lo que es. Se trata de pensar la lectura como algo que nos forma (o nos de-forma o nos transforma) como algo que nos constituye o nos pone es cuestión en aquello que somos. La lectura, por tanto, no es sólo un pasatiempo, un mecanismo de evasión del mundo real y del yo real. Y no se reduce tampoco a un medio para adquirir conocimientos. En el primer caso, la lectura no nos afecta en lo propio puesto que transcurre en un espacio-tiempo separado: en el ocio, o en el instante que precede al sueño, o en el mundo de la imaginación. (p. 25 - 26)

Trabalhar com a criação de livros faz com que a produção da escrita seja mais lúdica. Existem jovens que preferem se expressar através de imagens e desejo fornecer autonomia para que se organizem da melhor forma que acharem possível para a execução. Além das surpresas pelo caminho. Afinal os cotidianos, e as criações em torno deles, são incontrolláveis.

A partir do momento que demonstro às e aos jovens que criamos narrativas a todo o momento, as produções de texto começam a fluir de um jeito mais orgânico, mais livre. Uma atividade que faço de criação de crônicas: a verdade que parece mentira e a mentira que parece verdade. Elas e eles se dividem em duplas e pensam em histórias verídicas que conhecem e que sejam quase inacreditáveis e escolhem uma para contar. Juntos criam uma história fantasiosa que poderia ter acontecido. Depois cada dupla conta a história um e dois e nós temos que adivinhar qual é a verídica e qual é a inventada. É um bom exercício para entender que nossos cotidianos são permeados de histórias fantásticas e que somos bons em criar realidades.

As jovens e os jovens criam narrativas a todo o momento e eu amo observar e participar delas. Acredito que as redes educativas, uma ONG, como a São Martinho, tenha uma potência que permita essas ações e essa potência são os próprios jovens que são repletos de experiências e vivências diárias que ocorrem em seus bairros e quando estão juntos. Redes educativas permitem a interação de indivíduos diferentes e as criações que ocorrem são surpreendentes.

Em uma conversa com um determinado filme que estava em cartaz, uma jovem comentou que nunca tinha ido ao cinema. A turma se movimentou e organizou a estreia da colega em uma sessão. Em outro momento, uma jovem escreveu para os colegas, em um grupo de *WhatsApp*<sup>50</sup>, que não estava se sentindo bem em relação à autoestima, o grupo me pediu a chave da sala e a encheu de mensagens positivas, além de receber a colega com abraços e dizeres carinhosos. Um dia, ocorreu um processo seletivo e um jovem foi o primeiro do grupo a conseguir iniciar o contrato em uma empresa. Os jovens organizaram um café da manhã surpresa e fizeram um cartaz desejando a ele sorte e sucesso.

---

<sup>50</sup> *WhatsApp* é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet.

Figura 23 - Jovens criando para se protegerem do frio



Fonte: A autora, 2018.

Há uma atividade semanal em que as e os adolescentes trazem uma notícia, que não seja violência, para conversarmos com ela. É um momento da semana aguardado por elas e eles. Querem trazer uma notícia que as outras e os outros ainda não tenham lido, além de dar sua opinião acerca delas. Peço para que não sejam notícias acerca da violência, pois essas não precisamos buscar, estão, infelizmente, entre nós, além de incentivar a busca por outros assuntos e também problematizar o que seria violência para cada uma e um, pois diversas vezes as escolhas rendem conversas repletas de dúvidas. “Fome é violência?” pergunta uma jovem e percebemos que estamos rodeados e inseridos nela de diversas maneiras. Em uma atividade, um jovem escreveu uma rima à respeito do tema

#### DESIGUALDADE SOCIAL

Hoje é quinta e, Thamy nos lembra da notícia, que eu já até esquecia.  
 Hoje é sexta, dou bom dia, vou ver as notícias.  
 “Nenhum sofrimento é em vão”  
 Complexo do Alemão.  
 Menina Agatha tem sua vida tirada, disparada e atirada em plena luz do dia.  
 Desculpa, não consegui trazer boas notícias.  
 Vivemos num purgatório, onde a desigualdade é algo notório.  
 Playboy, no ar condicionado, dentro de um escritório.  
 Enquanto, preto favelado tem que agitar mais um velório.  
 Playboy, usuário de droga, nas notícias é estudante.  
 Preto favelado, acelerou seus passos é traficante.

“O morro chora, desespero, ainda tem barro lá.  
 Prefeito diz: “Senhor é meu pastor, mas nada te asfaltar!”  
 Tudo te faltará, se comprometerá  
 Pra consumir doses de alegria e não pagará.  
 É o “Homem na estrada” de todo dia.”  
 Nesse dia, lembrei da minha tia. Que chora ao saber da notícia que o primo Jé,  
 morria.  
 Um salve pro Jé, onde estiver.  
 Mantenho minha fé, pois tenho que manter de pé.  
 Um beijo, tia. Esse sofrimento acaba um dia.  
 Nascido na VK, onde tem bala pra lá e pra cá.  
 Não pode jogar uma bola, porque isso é si arriscar.  
 Já sei diferenciar balas e fogos.  
 “Já estou em outro patamar”  
 Me diz quando vai acabar?  
 Mantenho minha esperança, é fé em Deus e nas Crianças.  
 E ainda assim, continuou fazendo meu corre, pois a esperança é a última que morre.  
 E fora dos versos.  
 Meu nome é Fabio, em casa sou Fabinho, de notícia boa,  
 é só a São Martinho. (Fabinho, 2019)<sup>51</sup>

Além das ações que acontecem com os funcionários de diversos setores como quando nos reunimos, frequentemente, na sala de música para cantar na hora do almoço ou nos juntamos para fazer um churrasco improvisado, onde rimos e falamos besteiras, tão distantes dos afazeres diários corridos, o que nos mostra que as narrativas estão presentes.

A ideia é utilizar esse artefato e a criação de outros deles para a conversa e a criação de ‘*conhecimentossignificações*’ acerca dos demais assuntos que permeiam os nossos cotidianos ‘*dentrofora*’ das redes educativas e como formação. Para esse projeto, houve a escolha de desenvolver narrativas que tenham como temática os movimentos migratórios.

Apesar de o país ser reconhecido por ser receptivo, uma parte significativa da população e do governo, considera que a presença de estrangeiras e estrangeiros diminui as vagas de emprego, ajuda na proliferação de doenças e auxilia a macular a chamada identidade cultural do país. Assim é necessária e urgente a erradicação desses preconceitos, diversas vezes raciais. Há uma diferença em como a migrante e o migrante é recebido, a partir da sua etnia. Além disso, destaca-se o fato de que a própria instituição, onde atuo, recebe imigrantes através de parceria com a Cáritas, sendo necessário um trabalho constante do tema.

O interessante de tratar da migração é que ela é abrangente e não é difícil a identificação de casos na instituição de imigrantes e estrangeiros e de migrantes na própria cidade. A maioria das e dos jovens que participam do projeto onde atuo residem distante dos bairros onde ocorrem as atividades: Lapa e Vicente de Carvalho e enfrentam as mais diversas

---

<sup>51</sup> Para preservar a identidade do jovem, já que a intenção é que nenhuma/nenhum delas/deles sejam identificados nesta dissertação, o nomeei com o pseudônimo utilizado em sua rima.

adversidades para chegar ao projeto. Para a maioria é a primeira vez que precisam sair dos seus bairros sozinhas e sozinhos para chegar ao Curso. Tiroteios, problemas com o transporte, furtos e assaltos, insegurança ao caminhar, infelizmente, fazem parte dos cotidianos. Diariamente temos relatos de alguém que foi impossibilitado de chegar ao curso devido algum desses problemas, esse movimento pendular existe para elas e eles, além da diversidade que compõe o grupo, e as suas origens. Esse projeto também nos fornece a possibilidade de compreendermos que logicamente não podemos comparar nossa realidade com as das e dos refugiados, que precisam sair de seus países, mas que se pararmos para '*praticarpensar*' observaremos que, de certa forma, todos nós somos migrantes. Ninguém está fixo nesse mundo.

Jovens têm violência registrada no celular. A cada semana cenas inimagináveis, que frequentemente, ocorrem bem perto de suas casas, surgem em fotos e vídeos de horror. Eu converso acerca de sadismo. Eu explico crimes de internet. Nós debatemos acerca de respeito e ética. Mas a violência está ali, bem em suas mãos, mesmo quando não querem esbarrar nela. Sendo assim, minha revolução é com elas e eles e para elas e eles. Compro os livros mais lindos que encontro. Levo revistas com matérias interessantes. Peço frases motivacionais todas as quintas-feiras. Lemos notícias todas às sextas. Abraçamo-nos e começamos todos os encontros contando coisas boas do nosso dia. Minha luta é para que o celular delas e deles tenha cada vez mais momentos alegres e imagens positivas. Não porque não quero que '*vejamouçamsintampensem*' o mundo como está, mas porque não acredito que o mundo seja só ruim. É por isso que toda vez que elas e eles fotografam algo no nosso encontro, meu coração transborda. Existe a arte, existe a poesia, existe literatura, existe música, existimos nós resistindo, criando, buscando melhorar, existe amor. Esse é o objetivo do trabalho. Seguir. Criar. Amar. Seguir.

Tudo isto, se desenvolve em meio a conversas e estas – presentes na metodologia de pesquisa do grupo em que estou inserida no Mestrado – vão ganhando cada vez mais sentido quando a vemos como entendida por tecer nossos tantos cotidianos, permitindo trocas diversas e complexas, criação permanente de '*conhecimentossignificações*', tanto como expressões artísticas múltiplas.

### 3 ENQUANTO CONVERSAMOS, CRIAMOS NARRATIVAS

#### 3.1 Conversamos nos entendemos ou não. Os sentidos das leituras

Entro no restaurante já choramingando por um assunto aleatório da vez. Peço a comida ao atendente já conhecido e começo a comer no mesmo momento em que as lágrimas começam a rolar. Ele percebe e se aproxima  
Acho que para não me perguntar o porquê do choro, pergunta se a comida está boa. A salada está sem sal! Foi a primeira frase que surgiu em minha mente, embora eu nem tenha a tocado. Ele se afasta e volta com as duas mãos repletas de sachês e diz: Para você não chorar mais! Logo eu abro um sorriso. E não foi porque ele me trouxe sal. (LOBO, 2015)

Acredito que as conversas podem facilitar a aprendizagem. Dificilmente compreendemos uma ideia sem um exemplo cotidiano, sem mencionar o que achamos e entendemos acerca do que nos é apresentado, ou seja, *'aprendemosensinamos'* a partir das nossas vivências, *'dentrofora'* das escolas, e aos comentá-las, quando estamos em grupo, possibilitamos que as outras e os outros falem também das suas próprias experiências, iniciando assim uma troca, uma conversa.

Eu acredito na potência da conversa e antes de entender que ela é uma metodologia de pesquisa, já percebia sua importância no movimento de *'ensinoaprendizagem'*. Desde que iniciei a caminhada como professora, penso os encontros de uma maneira que permitam a conversa acerca das temáticas apresentadas, a todo o momento, pois ela, além de nos tornar mais próximas e próximos, ser uma introdução para o tema do dia e permitir o entendimento dos conteúdos, atua como uma força que nos permite *'aprendereensinar'* e repensar nossa prática, entendendo quais caminhos precisam ser (re)feitos.

Valorizar o cotidiano e aquilo que nele se produz e tece, entendendo a partilha de conhecimentos e reflexões, por meio das narrativas e rodas de conversas, como processo coletivo de aprendizagem, baseado na solidariedade entre os diferentes sujeitos na produção e socialização de conhecimentos e práticas. (REIS et al, 2018, p. 77)

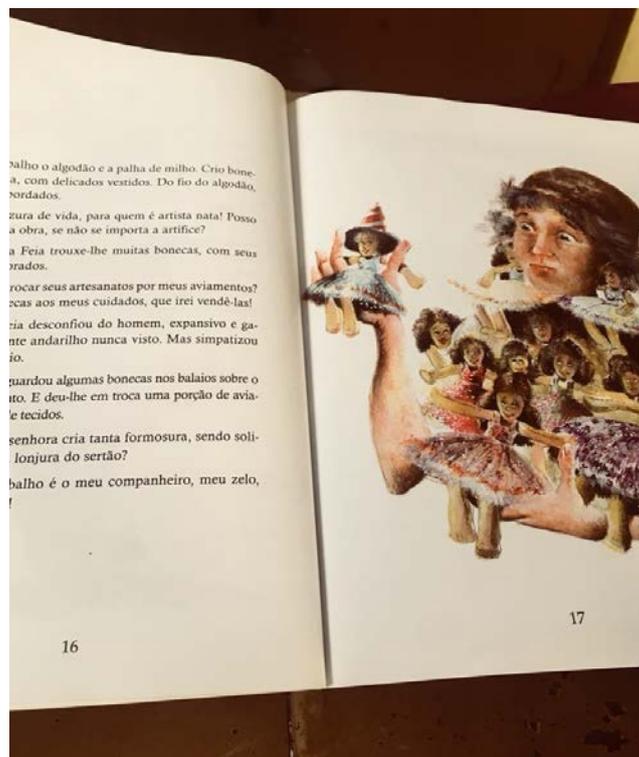
Quando escolhi criar livros infantojuvenis com as e os jovens nesta pesquisa, sabia que as conversas seriam a metodologia utilizada. As trocas, os entendimentos e desentendimentos em relação a qualquer assunto, fazem parte do processo de criação e nos possibilitam *'aprendereensinar'* a lidar com as surpresas que são os cotidianos das outras e outros.

Neste capítulo apresentarei alguns livros que escolhi para iniciar o contato da maioria das e dos jovens com a leitura e também que nos fariam perceber as possibilidades de criação. A escolha por livros voltados, a princípio, ao público menor do que as e os jovens que fazem parte da oficina, que possuem em média 15, 16 anos, se dá, pois livros infantojuvenis por serem mais curtos, nos permitem a leitura, a conversa e a realização de uma atividade no mesmo encontro. São obras que por suas ilustrações chamam atenção de quem não possui o hábito da leitura e conseguem, mesmo em poucas páginas, tocar em temas sensíveis e profundos, geralmente com bastante leveza.

Seria ingenuidade minha dizer que não desejo e tenho a intenção do incentivo à leitura, que não me emociono quando um das ou dos jovens chegam até a mim e mencionam que conseguiram pela primeira vez ler um livro completo, que desejam um livro que as e os apresentei, mas tenho o cuidado de não fazer da leitura a minha única bandeira e estendê-la ao alto, como se nada mais importasse, como nos lembra Pettit (2019)

Mas não é por isso que devemos idealizar a leitura. Henrique Miller lembrava que “as coisas podem perder todo o valor, todo o encanto e toda a sedução se você é arrastado pelos cabelos para admirá-las”. E explicava: “Desde o instante em que você recomenda um livro com excesso de entusiasmo, desperta-se no interlocutor uma certa resistência”. Se você também defende a leitura com demasiado entusiasmo, acaba parecendo agressivo. De resto, existem outras atividades que abrem espaços, deixam ouvir o mais profundo da experiência humana, nutrem o imaginário ou reativam o pensamento, segundo modalidades um pouco diferentes. (p.69)

Figura 24 - Livro que o jovem pegou emprestado na biblioteca da escola, onde entrou pela primeira vez



Fonte: A autora, 2019.

Menciono sutilmente a leitura que estou realizando no momento, diversas vezes esqueço um livro, de propósito, na mesa, que é rapidamente sequestrado, mas faço questão de mostrar que assim como as narrativas encontradas nos livros, as relatadas por elas e eles são igualmente importantes, que redes sociais, filmes, séries, músicas e jogos de vídeo games também possuem suas maravilhas e que todas as miudezas que percorrem nossos cotidianos possuem valor e que a ideia de apresentar o livro como artefato, é aumentar as possibilidades de escolhas para que possamos migrar e se encantar e se indignar a partir de outras possibilidades, pois como nos diz CERTEAU (2014, p. 239) “A leitura é apenas um aspecto parcial do consumo, mas fundamental.”

A migração, ou melhor, os questionamentos acerca de como os movimentos migratórios chegam até as escolas, que consta no projeto do grupo de pesquisas que faço parte, também está presente na escolha dos livros. Não de uma maneira direta, com temáticas de pessoas que caminham para outros países, mas sim de um modo mais sutil e poético, como um passarinho que voa para conversar com diferentes seres, o contato com uma língua diferente da nossa e a cultura de outro continente e o movimento de mudança de uma família.

Maneiras criativas e incomuns de apresentar a migração, mas que acabam apresentando o tema de perspectivas diversas,

Não tenho muito tempo para citar exemplos, o que é uma pena porque eles são sempre repletos de ensinamentos. O primeiro tomo de minha afilhada de quatro anos, que é adotada. Não sei como ocorre aqui, mas na França costuma-se classificar os livros nas livrarias ou bibliotecas por categorias temáticas destinadas a ajudar os pais a escolher títulos relacionados às dificuldades pelas quais os filhos passam: o nascimento de uma irmãzinha, o ingresso na escola, a descoberta da sexualidade, a morte de um ente querido. Há algum tempo encontra-se também a categoria “adoção”. Alguém comprou um livro sobre esse tema e o leu, conscienciosamente, para a minha afilhada. Entretanto, o que lhe permitiu simbolizar sua experiência não foi a obra feita sob medida, repleta de boas intenções, que escutou dando mostras de indiferença e tédio. O que lhe disse algo sobre si mesma, sobre sua experiência, foi ...Tarzan, história que pedia que lessem e relessem para ela, dia após dia, sobretudo as passagens em que, criança, Tarzan encontrava-se nos braços da macaca Kala. Em nenhuma livraria teve-se a ideia de colocar na seção “adoção” a história desse menino criado pelos macacos. Um dia contei esta história para a diretora de uma escola maternal, que fez uma observação bem pertinente: disse que o Tarzan era muito forte e salvava todo mundo, diferentemente dos pequenos bebês-objetos sobre os quais as famílias se compadeciam nos livros sobre adoção. Em todo caso era mais divertido e estimulante identifica-se com Tarzan que com uma pequena vítima. E ver papai e mamãe como um macaco e uma macaca. (PETIT, 2013, p. 137-138)

A narrativa acerca da afilhada de Petit (2013) é um exemplo de que diversas vezes a identificação e criação acerca de um determinado assunto podem acontecer a partir de artefatos que não necessariamente possuem o tema que desejamos como principal, na verdade, ele nem precisa existir conscientemente, o que não nos impede de realizar ligações e entender que as temáticas perpassam por diversos artefatos, de diversas maneiras, o que nos remete a ideia das redes educativas, como nos conta Alves (2019):

Essas “redes de conversas” se dão nas inúmeras redes educativas que formamos com muitos outros e nas quais nos formamos com muitos outros e nas quais nos formamos permanentemente, nos tantos ‘dentrofora’ das escolas. Nessas redes educativas criamos ‘conhecimentossignificações’, mas relações com os outros seres humanos, necessários ao nosso viver cotidiano. Que é criado passa por trocas e negociações entre as diversas redes porque seus ‘praticantespensantes’ entram nelas e saem delas em processos permanentes e diferenciados. Por isso mesmo – ao contrário do que aprendemos/nos ensinaram por influência da corrente pedagógica que foi chamada de “Escola nova”- não existem “muros” entre as escolas e essas outras redes. Nas escolas, as relações, ideias, ‘conhecimentossignificações’, crenças, artefatos culturais e tecnológicos – de que este momento é tão rico: telefones celulares, computadores, televisão etc. – produzidos em outras redes educativas estão todos presentes – quer os compreendamos ou não; quer entendamos que aí não deveriam estar, mas estão – porque “encarnados” em todos os seus ‘praticantespensantes’. (ALVES, 2019, p.19)

Previamente organizei algumas atividades para cada livro que possivelmente leríamos o que não me impediu de seguir as e os jovens e suas percepções acerca dos livros e

improvisar durante o encontro, pois assim como na vida, as atividades que compõem o currículo não precisariam ser rígidas, na caminhada vamos aprendendo, criando, modificando e seguindo.

Certeau (2014) nos diz que ler é uma “operação de caça”, logo buscamos, mesmo inconscientemente, por algo toda vez que iniciamos uma leitura, o que encontramos, carregamos com diversos outras caças feitas em outros livros e são essas buscas que certamente auxiliarão na criação dos nossos próprios livros. Assim como uma caça, em seu sentido tradicional, não utilizamos somente a visão, também abordarei os sentidos que as leituras nos possibilitaram, ampliando a ideia de significado e relacionando aos sentidos humanos: visão, olfato, paladar, audição e tato, não somente lemos, mas sim *‘vemosouvimosentimospensamos’* os livros. Destacarei um sentido para cada um dos cinco livros apresentados, apresentando algumas sensações que tivemos perante a leitura e a conversa acerca dela, Rangel (2018, p.39) nos diz:

Procuro problematizar as possibilidades de uma proposta de educação dos sentidos, de cariz não antropocêntrico, em que os sentidos sejam requisitados, em sua versão não hermenêutica, e possam nos abrir para processos mais ricos de estabilizações e desestabilizações, que ajudem a compreender esse mundo “em abertura”, “em se fazendo”.

A ideia não seria o aprofundamento de uma educação dos sentidos, mas sim não impedirmos de observar que a leitura nos possibilita diversas percepções e sentimentos, deixar fluir e criar pelo caminho como nos diz Certeau (2014, p.245): “O leitor é um produtor de jardins que miniaturizam e congregam um mundo.” Vamos florir!

### 3.1.1 O que é a liberdade? e a audição

Em um encontro, entrei na sala e organizei, as cadeiras em círculo. Escolhi o livro *O que é a liberdade?* de Renata Bueno para iniciarmos a nossa conversa. Iniciarmos é um modo de dizer, ou melhor, escrever, já que costumo ajudar a servir o lanche que antecipa os encontros e entre um biscoito e um suco, já começamos as nossas conversas do dia. Encontramos uma ou um jovem animada ou animado com uma novidade cotidiana ou mais calada ou calado que o de costume, devido a algum pensamento preocupante. Como os livros

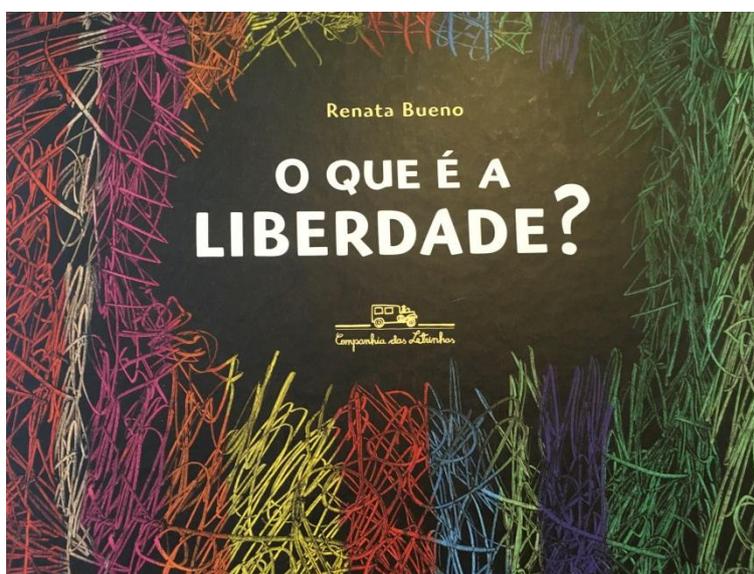
costumam ser mais que um artefato, um personagem presente, já me abordam, antes de entrarmos em sala, para saberem o livro escolhido do dia.

*O que é liberdade?* tem um texto curto, acompanhado de ilustrações simples, escolhidos por essa característica, assim como os outros que citarei aqui, por ser um livro que conseguimos ler rapidamente e termos tempo para conversarmos, realizarmos alguma atividade, o que não significa perda de qualidade ou mensagem, este é um dos diversos livros infantojuvenis existentes que cativam, tenha você 8 ou 80 anos, afinal livros possibilitam criações de sentidos

Não nos esqueçamos, o leitor não consome passivamente um texto, ele se apropria dele, o interpreta, deturpa seu sentido, desliza sua fantasia, seu desejo, suas angústias entre as linhas e as mescla com as do autor. É aí, em toda essa atividade fantasmática, nesse trabalho psíquico, que o leitor se constrói. (PETIT, 2013, p.27)

No livro, basicamente, acompanhamos a história de um pássaro em busca da liberdade, que voa por aí e que em seu caminho indaga a algumas e alguns que encontra o que seria essa palavra, recebendo as mais diversas respostas, já que cada uma, cada um a responde de acordo com sua perspectiva, sua existência.

Figura 25 - Capa do livro *O que é a liberdade?*



Fonte: A autora, 2020.

As e os jovens destacaram, na conversa acerca da obra, a diversidade que um sentimento cria nas pessoas, como podem ser até contraditórios. Alguns associaram liberdade a não responder mal aos pais, mas também poder dar seus passos sem serem a todo o

momento interrogadas e interrogados onde estão por eles. Um jovem disse que a liberdade para os pais, talvez, seja saber que suas filhas e filhos estejam seguros, entendendo que assim como no livro, o sentimento de liberdade é relativo para cada pessoa.

Pedi para que criassem um personagem para dialogar com o pássaro, para responder a sua tão frequente pergunta, um movimento que permite a criatividade e a percepção acerca de si e recebi respostas mais literais como “poder ir para onde se quer” e outras metafóricas como “voar sem sair do lugar”. Uma jovem mencionou que o pássaro migra por diversos ‘*espaçostempos*’, sem se dar conta que esse movimento já o faz livre. Enquanto outro mencionou algo que fez o grupo ficar em um silêncio pensativo por um momento. “A liberdade para o pássaro, talvez venha do saber o que seja liberdade para cada um.” O que me fez ‘*praticarpensar*’ acerca do meu trabalho nesta pesquisa. Seria interessante, se assim como o pássaro, eu conseguisse narrar a minha história, da minha perspectiva, já que assim como hooks (2020) acredito que esse é o caminho, mas respeitando a liberdade de cada um que compartilha comigo este trajeto.

Contar histórias é uma das maneiras que temos para começar o processo de construção de comunidade, dentro ou fora da sala de aula. Podemos compartilhar tanto fatos verídicos quanto histórias fictícias que nos ajudem a compreender uns aos outros. Durante anos, hesitei em compartilhar histórias pessoais. Fui treinada para acreditar que quem apoia em uma história pessoal como evidência para defender ou confirmar uma ideia jamais poderia ser acadêmica e/ou intelectual, de acordo com o pensamento do dominador no ensino superior. Contar uma história pessoal para documentar ou estruturar um argumento era sinal de que a pessoa não estava lidando com fatos comprovados, de que não era científica o suficiente. Sou grata por ter vivido para descobrir quanto do que nos diziam ser ciência dura ou dados era, na verdade, histórias, a interpretação de dados e fatos. Quando a informação recebida, sobretudo na ciência dura, contrariava os dados antes compreendidos como imutáveis, a história mudava. Sou grata por ter vivido para ver o momento na história da cultura em que sabemos, via ciência, sobre nosso cérebro e sobre como ele processa informação, sobre as histórias que ele conta e nos permite contar. (p.89)

Outra característica interessante referente a essa atividade foi à atenção dada pelas e pelos estudantes à ilustração. O livro utiliza guaches e desenhos de aparência simples, o que encantou alguns estudantes. Em um momento da leitura, um jovem exclamou que imagens eram interessantes e fáceis de serem reproduzidas, que dava até vontade de escrever um livro, iniciando assim nossas possibilidades de criações.

Figura 26 - Ilustração do livro *O que é a liberdade?*



Fonte: A autora, 2020.

Como foi uma das primeiras experiências de leitura em grupo, identificamos a importância da audição neste momento, pois como não possuímos exemplares suficientes para todos, na verdade só possuímos dois exemplares de cada livro que consta no nosso pequeno acervo, percebemos a importância de estar atento e ouvir quem estiver com os livros em mãos compartilhando em voz alta a leitura, somente assim leríamos o livro naquele momento: com os ouvidos. Ouvir também é o que move o livro, já que se trata de um pássaro que questiona a outra, o outro em busca de receber uma resposta. Percebemos que a audição pode ir além de somente escutar, podemos a partir do que ouvimos, ressignificar o que vivemos dizendo para nós mesmos. Como é necessário este sentido.

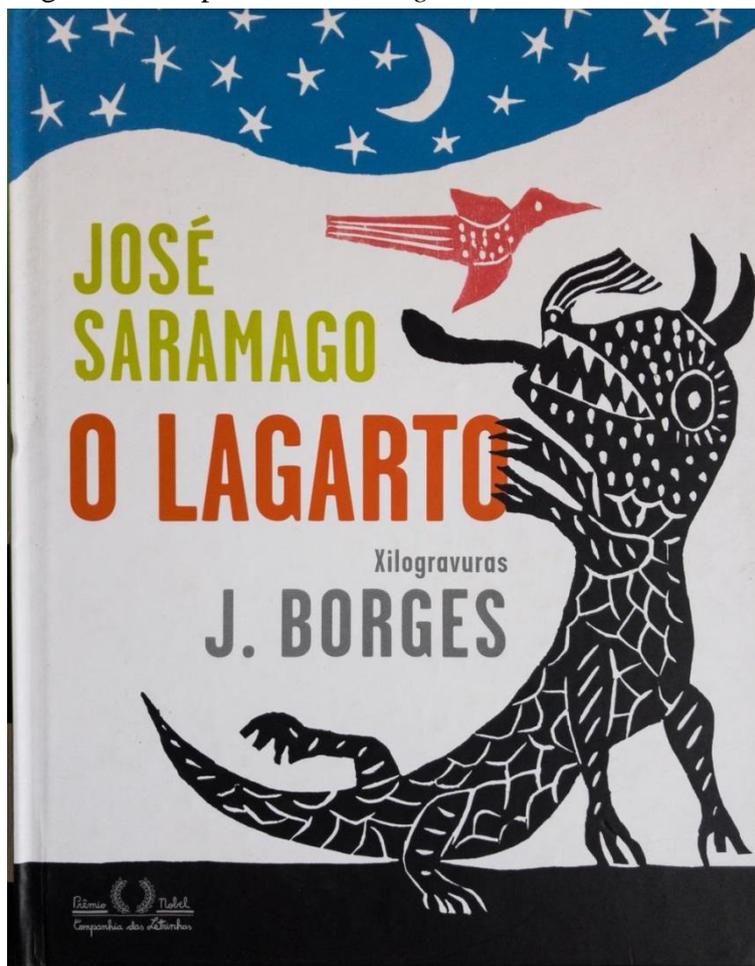
Hay que saber captar el timbre con el que un libro habla porque “*cada espíritu tiene su sonido*”: hay libros que hablan bajo y libros que hablan alto, libros de tono grave y de tono agudo y quizá, podríamos añadir, libros que suenan secos y sincopados como órdenes militares, melifluos y amenazadores como prédicas religiosas, confusos y mentirosos como mítines políticos, falsos y huecos como chácharas publicitarias. (LARROSA, 2003, p. 381)

O pássaro que migra, como observado por uma jovem, foi o livro que deu início a essa nossa caminhada de criação e conversa acerca de migrações. O movimento da vida nos impulsiona a andar com curiosidade. Todo caminhar atento envolve o encontro com a outra e o outro e também a vontade de conhecê-la e conhecê-la um pouquinho mais, o pássaro voou, voou perguntando e com isso aprendeu mais acerca de si. Essa é a ideia do caminho desta pesquisa, pesquisar pelo caminho, entendermos que somos migrantes em busca de conhecer mais as outras e outros, enquanto conhecemos nós mesmas e mesmos..

### 3.1.2 O lagarto e a visão

Era um dia bem quente, daqueles que agradecemos quando o ar condicionado do transporte público que pegamos no trajeto está funcionando, quando, na pilha de livros selecionados, as e os jovens escolheram a obra *O lagarto* de José Saramago para a leitura do dia. A história do animal, aparentemente gigante segundo as ilustrações, que aparece bem no meio do Chiado, provocando uma comoção e confusão no bairro. O personagem vai tocando a multidão, de senhoras que voltam das feiras às tropas militares, de forma física e metafórica, abalando os cotidianos do bairro, até se esvaír, transformando-se na cor rubra, depois em uma rosa e em uma pomba, que voa em direção aos céus.

Figura 27 - Capa do livro: *O lagarto*



Fonte: A autora, 2020.

Escolhi este livro para fazer parte do nosso pequeno acervo principalmente em relação à linguagem. O texto de Saramago, mesmo traduzido para o português do Brasil, mantém características do português de Portugal. Podemos perceber isto através da escolha de algumas estruturas de frase, como por exemplo: “A história está quase a acabar”. (SARAMAGO, 2016, p.19) e através do vocabulário “... e uma rapariga que vendia violetas (era o tempo delas)”. (SARAMAGO, 2016, p.10).

Assim que uma das jovens iniciou a leitura, percebi olhos arregalados de incompreensão, até que um estudante gritou que NÃO ESTAVA ENTENDENDO NADA!!! Depois de todas e todos rirem, aquele riso gostoso de adesão e alívio, conversamos que se tratava de uma linguagem diferente, mas que tínhamos capacidade de entender através do contexto e das ilustrações que o livro apresentava. Após a observação, foi iniciada uma nova leitura, dessa vez cada palavra era ar-ti-cu-la-da com to-do cui-da-do, e os olhos estavam voltados à boca de quem estava realizando a leitura no momento e às ilustrações que acompanhavam cada página. Percebemos que a visão foi o sentido tão usado quanto à audição nessa leitura, mas não como usualmente a visão é utilizada em relação aos livros. Não estávamos juntando letras e frases com eles, mas sim lendo a boca e os desenhos. Os olhos acompanhavam todos os movimentos em busca da criação de significado para a história.

La objetividad, disse Nietzsche, no se consigue buscando un único punto de vista, sino que se aprende multiplicando las perspectivas, aumentando el número de ojos, utilizando formas afectivas de mirar, dándole a la visión un mayor pluralidad, una mayor amplitud, una pasión más fuerte. Y también un sentido de la distancia, de la calma, de la lentitud..(LARROSA, 2003, p.379- 380)

Se invertêssemos e pensássemos no livro nos lendo, ele certamente ouviria algumas risadas a partir de algumas palavras encontradas que não fazem parte da linguagem cotidiana das e dos jovens. Sendo assim, sugeri como atividade que listassem as palavras que não encontramos tão comumente nos nossos cotidianos e fizessem uma busca dos significados. Foram escolhidas as palavras: imponente, soberba, súbita, transeunte, fadiga, insustentável, ápice, intervém e soerguido. Além de ampliarmos nosso vocabulário, escrevemos uma frase utilizando cada palavra escolhida, às lendo em voz alta, trocamos ideias de usos com as e os outras e outros estudantes.

Figura 28 - Ilustração do livro: *O lagarto*



Fonte: A autora, 2020.

A conversa acerca do livro nos possibilitou uma troca acerca da língua e do encontro com um livro ou uma pessoa que se expressa diferente de nós. Uma jovem mencionou que com atenção aos “sinais”, conseguimos entender até pessoas que falam diferente do que estamos acostumados. Outro jovem aproveitou a fala e mencionou que já auxiliou um casal de turistas a chegar à escadaria Selaron<sup>52</sup>, que fica próximo à ocupação onde mora. O casal imitou uma escada com gestos e ele foi apontando as direções a serem seguidas. Percebemos que boa vontade e atenção facilitam entender a outra e o outro e que não precisam ser de outro país para passarmos pela situação. Uma jovem lembrou que as profissões também costumam possibilitar um vocabulário próprio para cada área e que cada comunidade também possui suas gírias próprias. Concluímos que, na verdade, se pararmos para ‘*praticarpensar*’, cada pessoa tem o seu universo e seu modo de comunicar e que estamos nesse mundo, a todo o momento, traduzindo e criando ‘*conhecimentossignificações*’ a cada discurso ‘*vistoouvidosentidopensado*’. Uma das jovens alertou: “Cara, eu acho que a educação e a boa vontade são línguas universais.”.

<sup>52</sup> A Escadaria Selarón é uma obra arquitetônica localizada entre os bairros de Santa Teresa e Lapa, no Rio de Janeiro, Brasil, decorada pelo artista chileno radicado no Brasil de longa data, Jorge Selarón, que declarou-a como uma "homenagem ao povo brasileiro".

### 3.1.3 ABCDelas e o paladar

Para a maioria das e dos jovens que participam dos encontros, é difícil falar acerca de si. Como um dos objetivos é a inserção no mercado de trabalho, o pedido: Fale um pouco de você é algo frequente em entrevistas e ameaçador. Como se definirem se estão em uma fase em que frequentemente mudam? Como apontar qualidades se ainda estão na busca de se entender como ‘*praticantespensantes*’ repletos de particularidades? Já que a redação, que faz parte do processo seletivo, nos questiona: Quem é você? Não há ‘*espaçotempo*’ de aguardarmos todo o processo de autoconhecimento, será que algum dia ele se finaliza? A ideia então é criarmos o nosso perfil, observando pontos positivos que para diversas pessoas são miúdos, mas que certamente nos fazem, incrivelmente, únicas e únicos.

Pensando acerca deste tema, escolhi para o encontro o livro: *ABCDelas* de Janaina Tokitaka que apresenta, em sequência de abecedário, diversas personalidades femininas, com histórias pouco conhecidas. O livro além de contar com ilustrações no estilo aquarela da própria autora apresenta as narrativas de uma maneira lúdica, descrevendo um momento ou um dia da personalidade e inserindo em seus cotidianos, os seus feitos.

Depois da leitura, não teve jeito, as e os jovens ficaram espantadas e espantados de nunca terem sido apresentadas, apresentados a estas mulheres, como por exemplo, Hedy Lamarr, inventora do wi-fi<sup>53</sup>. Combinamos de devorar as narrativas e espalhá-las, reconhecendo que tradicionalmente não se há costume de dar destaque às mulheres importantes da história. Assim como o movimento da Tropicália<sup>54</sup> que trabalhava com a antropofagia e com a ideia de se deliciar com outras culturas enquanto criamos a nossa, este livro nos remeteu ao paladar, pois ao conhecer histórias tão incríveis, percebemos que existem outros sabores a serem apreciados e até digeridos, devido às dificuldades enfrentadas pelas mulheres durante o caminho. Um processo que faz parte da leitura, ler tudo, liberar o que não for interessante, se alimentar do que nos fortalece, como bem descreve Larrosa (2003):

Saber leer exige un estómago capaz de evacuar lo que no le conviene sin resentimiento (sin acidez de estómago), con rapidez y con alegría, sin perder

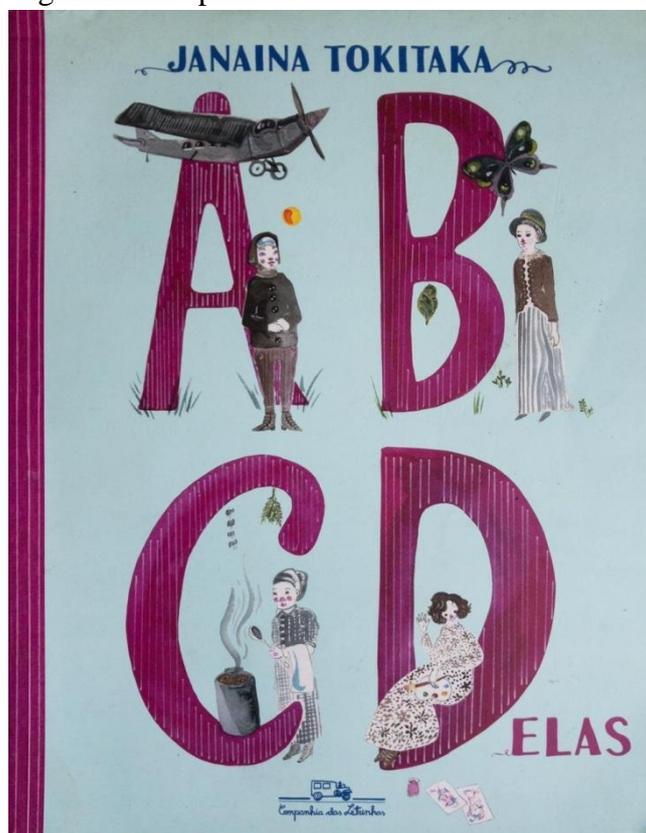
<sup>53</sup> Hedy Lamarr (1914, Áustria – 2000, Estados Unidos) atriz de grande sucesso em Hollywood, foi a criadora da tecnologia que possibilitou o sistema de internet sem fio wi-fi, além de outras invenções.

<sup>54</sup> Tropicália, tropicalismo ou movimento tropicalista foi um movimento cultural brasileiro que surgiu sob a influência das correntes artísticas da vanguarda e da cultura pop nacional e estrangeira (como o rock 'n' roll e o concretismo), misturando manifestações tradicionais da cultura brasileira a inovações estéticas radicais. Tinha objetivos comportamentais, que encontraram eco em boa parte da sociedade, sob a ditadura militar, no final da década de 1960.

energías en un trabajo meramente reactivo; exige además un estómago poderoso y valiente que se atreva, sin revolverse, com manjares osados y poco comunes; pero también exige um estómago que tenga una digestión ligera em aquello que le conviene: que convierta fácilmente lo ingerido en parte de la propia substancia, de la propia fuerza, y que sea capaz de eliminar el resto con prontitud.(p. 369 e 370)

Depois, logo depois de nos enchermos desse banquete, realizamos uma atividade que consistia em fazer o nosso perfil, assim como o das mulheres que lemos, destacando uma característica que talvez pouco dividisse com o grupo, talvez por achar que seja insignificante, mas entendendo agora que são justamente as particularidades, as miudezas são o que temos de mais incrível.

Figura 29 - Capa do livro *ABCDelas*



Fonte: A autora, 2020.

No grupo há uma jovem concentrada nos encontros, indicando um livro interessante que acabou de ler e expressando suas opiniões de maneira calma com uma voz suave, nos apresentou a sua paixão: a dança. Sambista, participa dos desfiles de uma escola de samba desde pequena e mencionou que toda a sua timidez se esvai quando coloca uma roupa com lantejoulas e samba livremente. A partir dessa atividade, tivemos a oportunidade de assistir

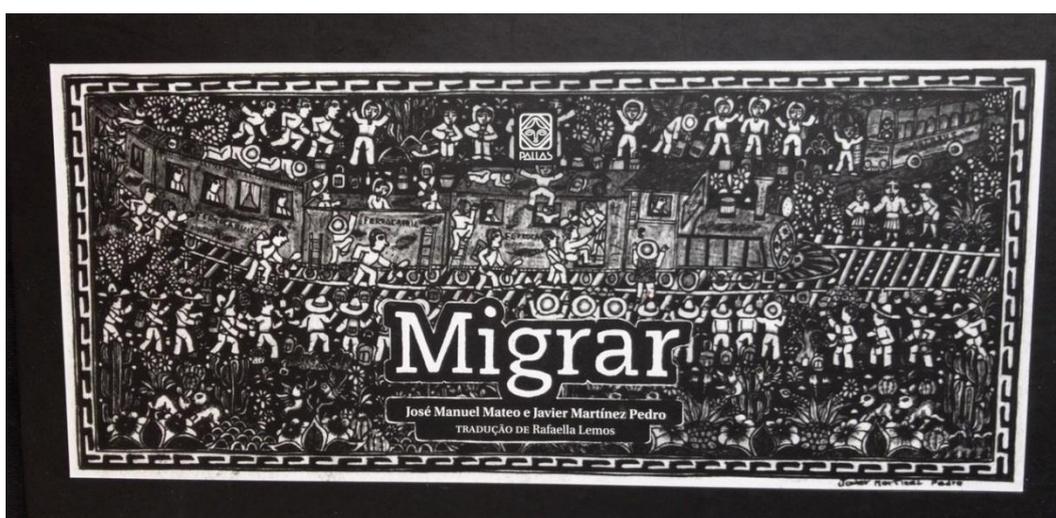
sua apresentação, com traje e tudo e nos encantamos com tanta desenvoltura e leveza, que levava da sua personalidade e entregava no palco.

O livro *ABCDelas* nos fez conhecer um pouco mais da outra, outro que divide a sala conosco nos encontros, a migração deste livro estava no trajeto que fazíamos para caminhar de uma pessoa para outra, universos distintos que possibilitaram a empatia e o encantamento pela outra e outro.

### 3.1.4 Migrar e o tato

*Migrar* de José Manuel Mateo e Javier Martínez Pedro é um livro que a princípio não constava na seleção que fiz para o projeto com as, os jovens, mas foi uma obra que me encantou em um encontro na livraria, seu formato não convencional, retangular, já era um convite, e o fato de ser um livro fechado com um laço por duas fitas, lembrava um presente bonito, daqueles que quando ganhamos desejamos logo abrir, e foi assim, que mesmo tendo prometido não gastar com livros por um período, já que a pilha dos comprados e aguardando a leitura não parava de crescer, saí da livraria em direção à UERJ toda feliz com aquela obra de arte nas mãos.

Figura 30 - Capa do livro *Migrar*

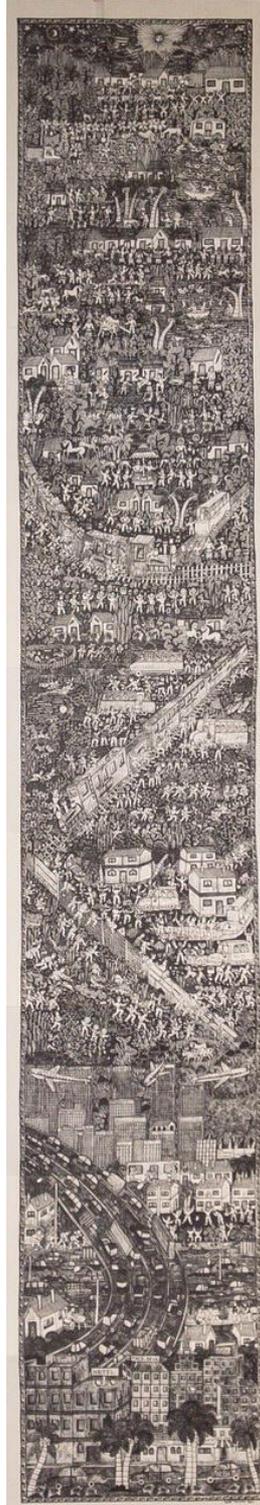


Fonte: A autora, 2020.

O livro retrata a história de um menino que vivia com sua família no campo até que surge a necessidade de iniciarem um movimento de migração. Acompanhamos a sua

descrição do local que nasceu e viveu feliz, até que a partir de um determinado momento, começam a vivenciar, ele, sua irmã e mãe, um trajeto de incertezas e preocupações enquanto cruzavam diversas paisagens a caminho de Los Angeles, cidade onde o pai já se encontrava.

Figura 31 - Ilustração do livro Migrar para uma ideia da dimensão da imagem



Fonte: A autora, 2020.

A narrativa do livro é separada por estrofes, é um texto curto, mas potente, como o de várias obras voltadas ao público infantojuvenil:

Fomos de caminhão até a linha  
do trem e lá esperamos. Quando a  
máquina apareceu na nossa frente  
ficamos com medo; parecia um  
animal. O trem não parou, e tivemos  
que subir correndo, com o trem  
em movimento. Quase fiquei para  
trás, mas minha irmã conseguiu me  
puxar. Um senhor baixinho também  
me empurrou para ajudar, mas ele  
mesmo não conseguiu subir. Correr  
não foi divertido dessa vez. (MATEO, 2013, p.4)

As ilustrações de Javier Martinez Pedro foram feitas em papel amate, uma técnica dos povos xalitla, do Estado de Guerrero, que ele faz parte. Acerca da técnica ele nos diz:

Há muitos e muitos anos escrevíamos no barro, na terra; e da terra passamos ao papel, ao papel amate. Sobre essa tela vegetal contávamos histórias com desenhos, e agora, neste livro, as contamos também com palavras. Falamos de uma mãe, com sua filha e seu filho, falamos do tempo em que se viram obrigados a deixar sua casa para ir em busca de uma nova esperança de vida ... (PEDRO, 2013, p. 10)

Quando o livro chegou até a sala onde realizamos nossos encontros, não houve atenção para as palavras do texto, as jovens e os jovens entraram em uma disputa para saber quem iria manusear primeiramente o livro. São diversos detalhes para se ver. Nessas horas parece que nossos olhos não dão conta e o sentido que nos auxiliou a visão foi o tato. Dedos curiosos seguiram todo o trajeto realizado pelo protagonista e sua família. Uma roda de jovens ao redor do livro aberto, apontando a todo o momento algum detalhe que outras e outros ainda não tinham percebido. Os animais, as plantações, a polícia, o *Burger King*<sup>55</sup> e o outdoor do Taco Bell, nada passava pelos dedos nervosos, ansiosos por ver todas as miudezas contidas na enorme e única ilustração do livro.

Houve como com os outros livros, conversa acerca da temática. A atividade acerca do livro foi a conversa, havia pensado em solicitar realizarmos um desenho do trajeto que realizam da sua casa até a ONG, mas os relatos acerca de familiares e amigos que precisaram se mudar, por diversos motivos, preencheu os nossos minutos. Alguns jovens mencionaram a dificuldade enfrentada pelos personagens do livro até chegaram aos Estados Unidos, relataram algumas mudanças realizadas na própria família, que migraram, principalmente de

---

<sup>55</sup> Burger King, muitas vezes abreviado como BK, é uma rede de restaurantes especializada em *fast-food*, fundada nos Estados Unidos por James McLamore e David Edgerton, que abriram a primeira unidade em Miami, Flórida.

alguns estados do nordeste para o Rio de Janeiro em busca de oportunidades de estudo e emprego. Um jovem mencionou que se sentia como o personagem do livro, pois enfrentava uma região complicada da comunidade que ele habita e que se encontra em um momento de conflitos entre grupo de traficantes de facções rivais, vivenciava dificuldades no transporte público, pois utiliza o BRT<sup>56</sup> transporte que mesmo possuindo somente nove anos de funcionamento, possui defasagem nos ônibus, atrasos, estações depredadas e superlotação, e fazia um longo caminho até a ONG, parece uma travessia do livro por dia, relatou para as e os jovens, finalizando sua fala destacando a importância do curso para se desenvolver e ter uma oportunidade de conseguir uma vaga de emprego em uma empresa.

Percebi que mesmo com alguns exemplos, a conversa acerca do tema foi diferente dos demais livros. Em nenhum deles destaquei a migração nas conversas, a temática surgiu devido à seleção dos livros, pois mesmo os que não abordavam diretamente o tema, a migração estava presente.

### 3.1.5 Amoras e o olfato

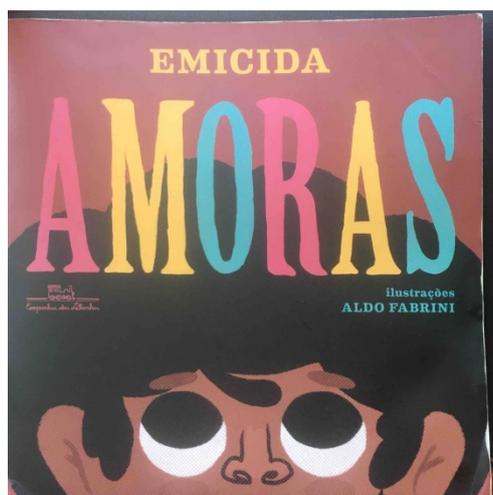
Conversas acerca de etnia e identidade permeiam os encontros. Seja no momento que lemos as notícias da semana, que precisam “marcar um x” para identificar sua etnia em um formulário de candidatura à vaga de emprego ou ao ouvirmos e comentarmos algum rap que as e os jovens acabaram de descobrir. Atividades envolvendo a temática estão presentes.

A cada mês de 2019 acompanhamos lançamentos de livros que conversam com este tema e com a seção infantojuvenil não é diferente. Coleções e exemplares antirracistas preenchem prateleiras de livrarias e começam a fazer parte da rotina de leitura de alguns adultos e crianças. Entre diversos títulos interessantes, escolhi o livro *Amoras* para conversar com as e os estudantes, pois além de uma narrativa linda, é escrita por um rapper que elas e eles adoram, o Emicida.<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> O sistema de ônibus de trânsito rápido ou autocarro de trânsito rápido (em inglês: Bus rapid transit, BRT), também conhecido como metrobús, ônibus de alto nível de serviço ou autocarro de alto nível de serviço, é um sistema de transporte público massivo baseado em ônibus (autocarros)

<sup>57</sup> Leandro Roque de Oliveira, mais conhecido pelo nome artístico Emicida, é um rapper, cantor e compositor brasileiro. É considerado uma das maiores revelações do hip hop do Brasil da década de 2000. O nome "Emicida" é uma fusão das palavras "MC" e "homicida"

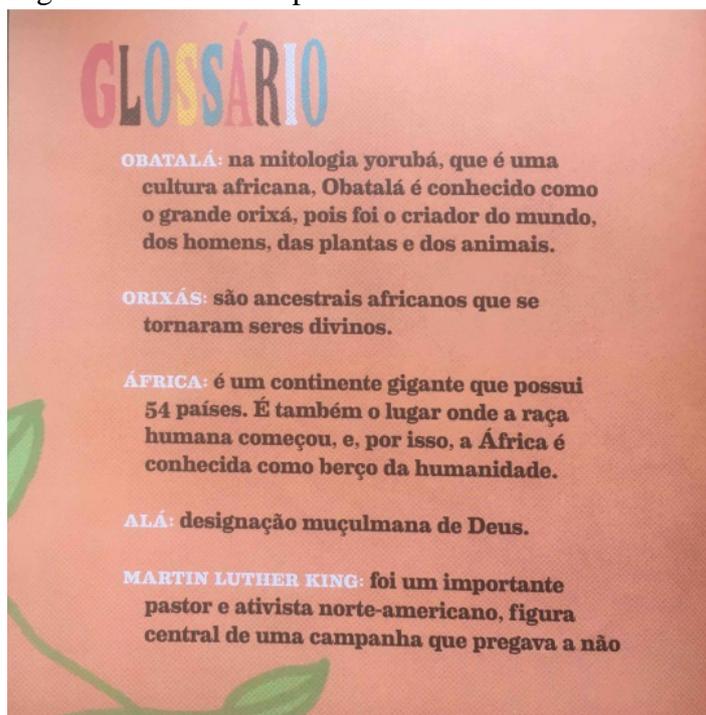
Figura 32 - Capa do livro *Amoras*

Fonte: A autora 2020

As e os jovens se encantaram com as ilustrações e o texto do livro, que aborda o nascimento e as curiosidades de uma criança em uma narrativa repleta de referências negras. Conversaram acerca da importância da espiritualidade. Elas e eles falaram um pouquinho da sua relação com o tema, como também a família é um elo dessa ligação. É ela que costuma apresentar, acompanhar, incentivar à espiritualidade e até algumas e alguns que comentaram não estar mais inseridos na religião de sua família, mencionaram a importância desses momentos, já outras e outros comentaram o oposto que entendiam a intenção, mas que achavam ruim a obrigação, mesmo observando a atitude como genuína e bem intencionada.

Destacaram as palavras aprendidas com o glossário do livro, que já eram familiares para as e os estudantes que participam do Candomblé e Umbanda, e outras e outros que já pesquisaram acerca do assunto.

Figura 33 - Glossário presente no livro *Amoras*



Fonte: A autora 2020

O olfato foi um sentido que surgiu na conversa devido às explicações de alguns jovens acerca de orixás e oferendas. Mencionaram que são os cheiros que importam, que os orixás não comem o que oferecem, mas o cheiro é que importa neste ato. A partir deste momento a conversa foi acerca de espiritualidade e seus cheiros, abordaram que outras religiões utilizam incensos e outras fontes que despertam o olfato. Perguntei se o livro do Emicida tivesse um cheiro, qual seria e um jovem prontamente me respondeu que teria cheiro de terra, já que ele fala de ancestralidade, de lar.

Como atividade, consegui, de modo improvisado, algumas especiarias na cozinha: canela, pimenta do reino, cravo e noz-moscada. Pedi para que cheirassem e escrevessem o que o cheiro remetia. Conversamos acerca do que escrevemos e sentimos e descobrimos que os cheiros trazem memórias únicas: cheiro de vó, de carinho, de aflição, de poesia e de alergia, foram algumas respostas. “Cheiro mexe com a gente, professora!”.

Uma jovem pediu emprestado o livro para ler para a irmã pequena e depois me contou que não sabia se ela tinha entendido a história, mas que ela riu com as imagens e bateu palmas. Aproveitei no próximo encontro e levei amoras, pois diversas e diversos jovens mencionaram que nunca tinham provado. “É gostosa, mas gostei mais do livro professora!”, “é porque ele escreveu a partir do que sentiu com a amora”, respondeu outra jovem.

### 3.2 Criando possibilidades e narrativas

Jardim secreto<sup>58</sup> para quê? Têm momentos que a nossa vida se transforma em um grande livro de colorir para adultos. Da mesma maneira que temos capacidade de ver cores no mundo que muitos não se deixam perceber. Se algo nos abala, rapidamente não enxergamos cor alguma. Um mundão branco. Calmo. Impassível Sem cheiro de novo. Sem caixa de lápis de cor de 36 cores da *Faber-Castell*. Você, o mundo e alguns lápis capengas que sobraram da última pintura. Haja disposição para colorir tudo de novo (LOBO, 2015).

Após os encontros repletos de conversas e atividades acerca dos livros escolhidos e lidos, iniciamos o caminho da criação das nossas próprias narrativas infantojuvenis. Pedi para elas e eles que os livros conversassem, que tivessem o mesmo tema principal, para podermos perceber como um assunto pode ser criado e apresentado de maneiras diversas. Perguntei se poderíamos criar em torno de um tema que estava presente, de diferentes jeitos nos livros lidos: a migração, o que foi bem recebido por todas e todos. Migração é um tema que de certa maneira as e os unem, recém-jovens de 15, 16 anos que estavam acostumados até pouco ‘*espaçotempo*’ a realizarem vivências somente nas comunidades e bairros que habitam e se aventuram a atravessar a cidade, para realizar o curso, em busca de uma oportunidade. Para a maioria das jovens e dos jovens ir até a ONG é o início de uma caminhada que se realiza sozinha e sozinho pela cidade. A maioria estuda em escolas próximas onde mora, o trajeto para o curso é o primeiro que fazem sem a companhia de alguém mais velho para assegurar a segurança e a direção.

As e os jovens solicitaram que as criações fossem em grupos e que elas e eles pudessem formá-los, já possuíam o costume de realizar tarefas de maneira coletiva, e neste primeiro encontro voltado às criações já foram escolhidas as e os companheiras e companheiros. Conversamos acerca do que seria importante decidir antes do início da produção do livro como público de leitores, o que influencia, por exemplo, na linguagem escolhida, enredo e ilustrações. Elas e eles se organizaram e começaram a ‘*praticarpensar*’ juntas e juntos.

Foi interessante perceber este caminho da leitura e da produção, pois não houve uma marcação de posição, agora ler, agora escrever, foi um movimento fluido. Quando lemos os livros já citados, também houve criação, intervenções e sugestões, além das atividades solicitadas. Criamos o nosso livro ao lermos, talvez por isso, as adaptações para o cinema de obras literárias sejam frequentemente comentadas se foram ou não “fiéis ao livro”, o que é

---

<sup>58</sup> Livro de colorir antiestresse criado por Johanna Basford e Renata Dib em 2013 pela editora Sextante.

uma bobagem, em minha opinião, já que não deveria existir este compromisso, por ser impossível, cada livro nos toca, nos lê e o lemos de maneira única, somos todos *‘escritoresleitores’*.

O leitor não é passivo, ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve. Altera o sentido, faz o que bem entende, distorce, reemprega, introduz variantes, deixa de lado os usos corretos, Mas ele também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca onde isso poderá levá-lo. (PETIT, 2009, p. 28 e 29)

Na escolha para a formação do grupo que criaria os livros, os jovens utilizaram como critério a afinidade, como já era esperado, o que eu não considero negativo. Acredito que há aprendizado das duas maneiras, onde escolhemos um grupo de modo aleatório, como por exemplo, escolhendo números e os dividindo e assim formando grupos com pessoas de diversos pensamentos e ideias, o que pode se transformam em um ótimo exercício de empatia, respeito e argumentação até que as escolhas sejam realizadas, assim como quando os grupos são formados por elas e eles, e onde devem ter cuidado em ser justos em relação às habilidades individuais e ter a liberdade e a comodidade de que talvez mais facilmente suas ideias sejam ao menos entendidas e assim o trabalho pode fluir melhor. Desta vez deixei a decisão com elas e eles, pois assim foi resolvida a maior parte das questões envolvidas neste trabalho, decisões coletivas.

No primeiro volume de *A invenção do cotidiano* (1994), Michel de Certeau nos ensinou que as práticas ordinárias, as experiências singulares, as frequentações, as solidariedades, os enfrentamentos, as tensões, os consensos, as rotinas produtivas e as relações de forças organizam os diferentes *‘espacostempos’* em que vivemos, *‘ensinamosaprendemos’* e pesquisamos, constituindo não apenas a “paisagem de uma pesquisa” e “uma maneira de caminhar”, como também o que vai sendo considerado como científico, educativo e cultural, entre outros domínios de nossa existência. As maneiras de fazer constituem, nessa perspectiva, processos mudos de apropriação que organizam a ordenação sociopolítica e instauram um presente relativo a um determinado momento e lugar, estabelecendo contato com outro numa rede de relações. (FERRAÇO et al, 201, p.37-38)

Foram realizados cinco encontros de cinquenta minutos até que conseguíssemos concluir uma parte da criação dos livros. Escolhi, em um processo de indecisão e alguma insegurança, três deles para apresentar neste capítulo. Gostaria de escrever acerca de todos que foram criados, mas as páginas se estenderiam e dificilmente conseguiria concluir a pesquisa. A escolha foi feita considerando a criatividade em apresentar o tema e as questões curiosas apresentadas no processo de criação. Como se trata de uma dissertação de criação de narrativas, a história da criação foi o que motivou a escolha, mas não posso dizer que os

outros livros não contenham suas particularidades e beleza. Assim, disponibilizarei, em anexo, todos os outros livros criados.

### 3.2.1 O abismo dos sonhos

Assim como diversos grupos, este formado por seis meninos estavam repletos de dúvidas e receios perante o papel de rascunho vazio que os encarava, mas tinham já uma ideia que não abriram mão durante o processo, a narrativa deles seria no estilo sombrio, com um texto curto, porém cortante, como um dos jovens descreveu. Levaram um ‘*espaçotempo*’ para escolherem os personagens, talvez um homem errante, talvez um indivíduo que fosse estigmatizado, pela sociedade. Queriam escrever para uma leitora ou um leitor com mais idade, seria um livro sinistro, assim como eles se definiam e nada clichê, indo ao encontro a ideia de Guéron (2011) ao mencionar a função do clichê:

A função do clichê deveria ser, exatamente, a tranquilidade, o conforto, garantido pelo esquema sensório-motor que ele mesmo é: um esquema para, por exemplo, nosso desviar de uma situação quando ela é “desagradável demais”, como nos diz Deleuze (p.117)

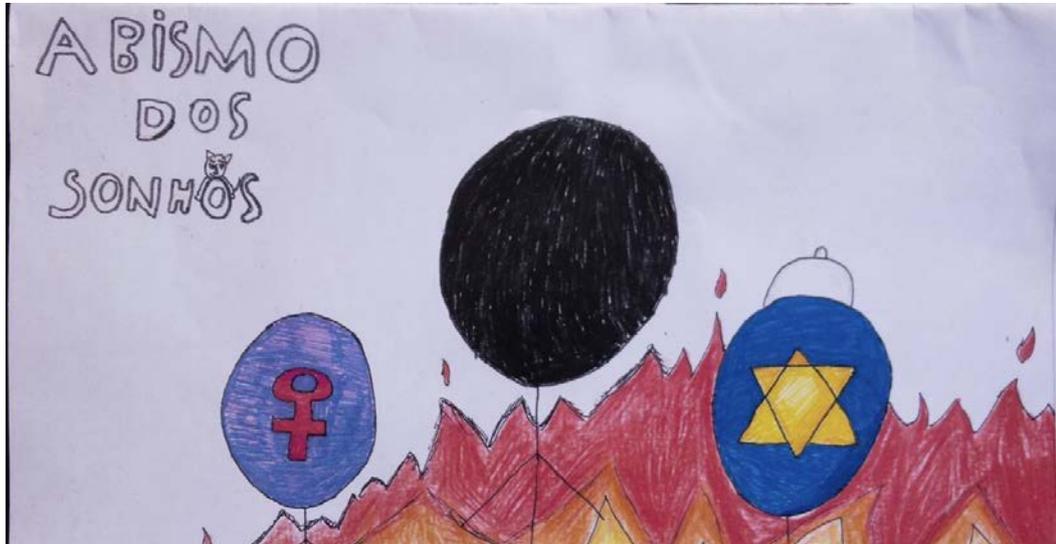
Não que sinistro fosse a melhor característica para descrever os integrantes do grupo. Jovens de 15 anos que já chegaram à ONG com o hábito da leitura, graças ao *RPG*<sup>59</sup>, que jogavam já há algum ‘*espaçotempo*’ e depois de se conhecerem no curso, realizarem partidas antes dos encontros. Reservados, curiosos, perspicazes e com um humor que algumas e alguns considerariam ácidos, não costumam sequer se sentar perto nos encontros, mas se conhecem e complementam em um só olhar. Interagem de uma forma respeitosa com todos do grupo, têm paciência e empolgação para explicar acerca de alguma temática que tenham estudado e são curiosos em relação a qualquer material que aborde guerra, suas táticas e desdobramentos.

Definiram após um encontro ter como personagens um negro, uma mulher e um judeu, justificando a escolha por serem alvos de agressões e desrespeito em nossa sociedade, um jovem mencionou que a própria existência desses três personagens já era como um sofrido caminho que diversas e diversos migrantes atravessam, seriam ilustrados de maneira simples,

---

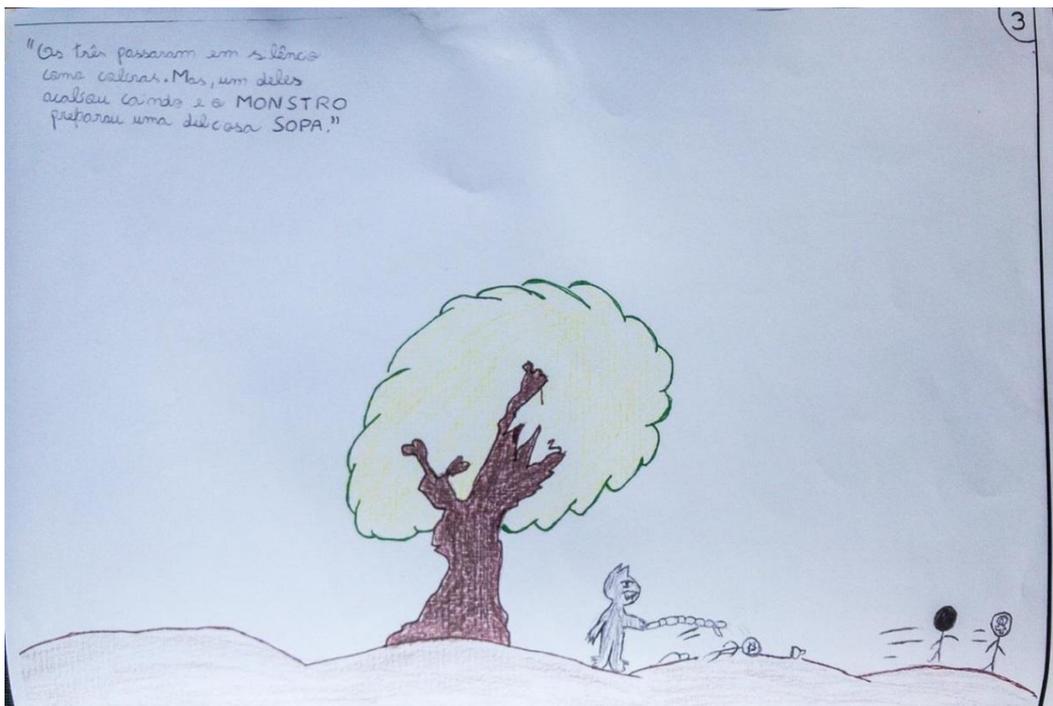
<sup>59</sup> Role-playing game, também conhecido como RPG (em português: "jogo narrativo", "jogo de interpretação de papéis" ou "jogo de representação"),<sup>[1][2][3]</sup> é um tipo de jogo em que os jogadores assumem papéis de personagens e criam narrativas colaborativamente.

já que mencionaram que não tinham aptidão em desenhar e que a ideia era que os desenhos fossem, em suas palavras, "toscos" e que a história se basearia na busca de um lugar seguro para viver. Segue a produção deles:

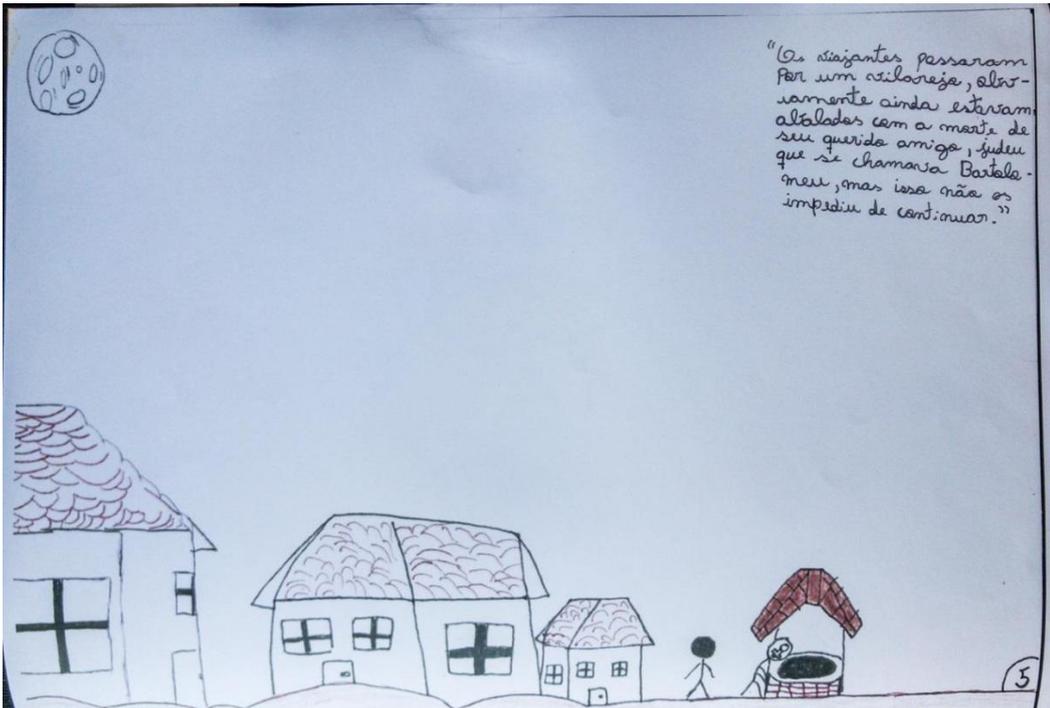


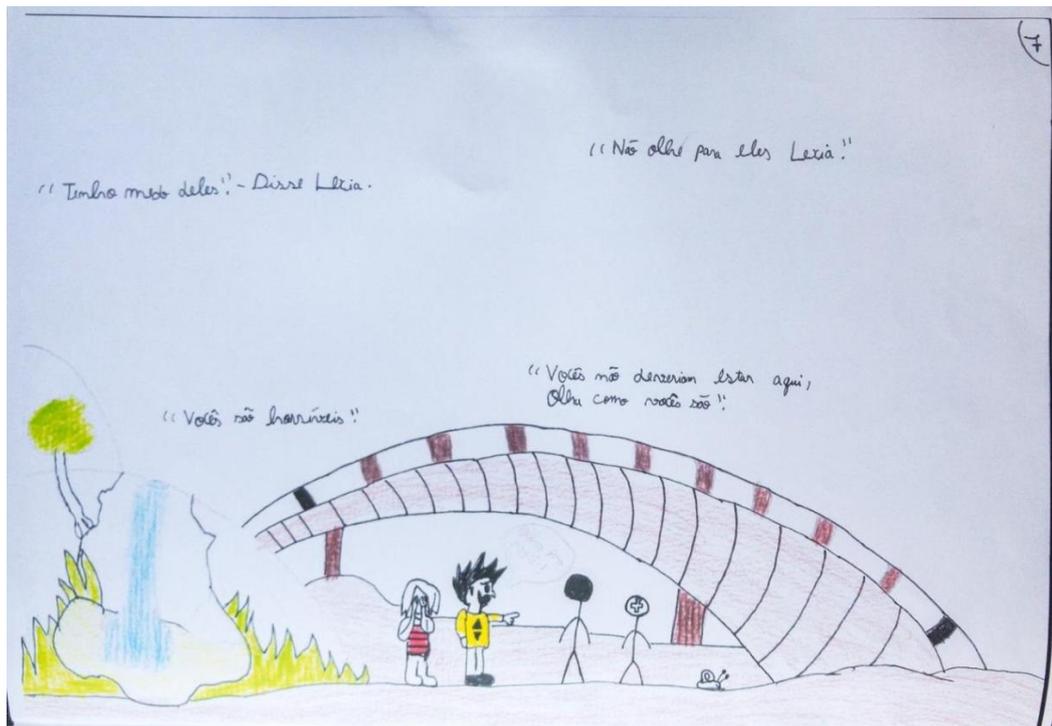


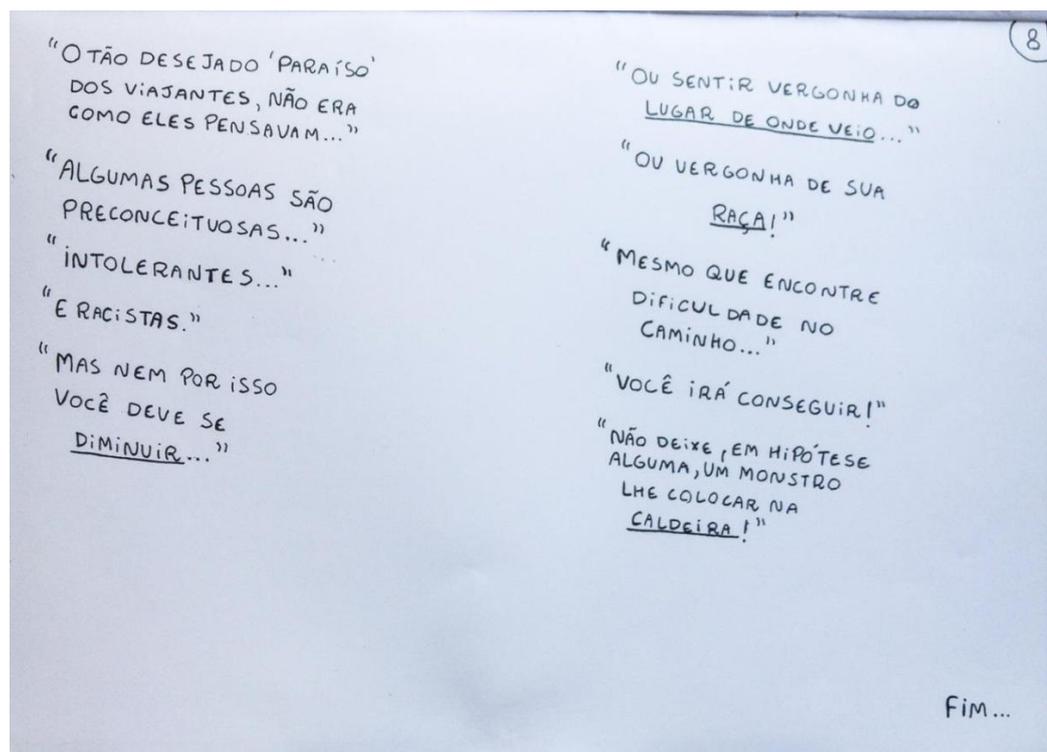
"Eles continuaram sua jornada, e próxima destino era o "abismo das sombras", um local que dava sin ao seu nome, um perigoso enorme que se via através um deler "brapicassim" entravam em um caldeirão que eles conheciam muito bem!"



"Os três passaram em silêncio como calmaria. Mas, um deles acabou caindo e o MONSTRO preparou uma deliciosa SOPA."







Assim como defendi que as imagens contêm narrativas próprias, preferi transpor este e os outros dois livros na íntegra, sem interrupções em sua história, pois acredito que seus livros compõem esta pesquisa.<sup>60</sup>

Os jovens mencionaram que o destaque da história é mostrar que a busca por um lugar seguro é complexa, que nem sempre o final da história nos trará segurança, que algumas narrativas servem mais como alertas de como o processo de se sentir bem é constante. Mencionaram que escolheram personagens, um judeu, uma mulher e um negro que representam diversas pessoas na sociedade que sofrem preconceitos raciais e sociais e que mudando de país ou não, a vida de algumas destas pessoas é repleta de desafios, como as dos migrantes que fazem a travessia para outros países.

Como um dos objetivos do curso é a inserção no mercado de trabalho, perguntei aos autores se eles percebiam alguma relação entre o livro e a busca do primeiro emprego. Eles mencionaram que a entendiam que a esperança e a persistência são encontradas em ambos, pois assim como no livro, quem está no processo de busca de emprego precisa ter paciência, não desanimar com as possíveis eliminações em um processo seletivo, não cair nas caldeiras que poderiam ser exemplificadas como os trabalhos informais e até ilegais, como no tráfico de

<sup>60</sup> Na dúvida entre "legendar" as produções ou não, as mantive no original, com a ideia de termos a possibilidade de ampliarmos as imagens para melhor leitura.

drogas ilícitas, que aparecem no caminho e ter paciência para seguir até conseguir a tão esperada vaga.

Os estudantes mencionaram que se inspiraram no livro *Migrar*, em sua linguagem, que seria, nas palavras deles, “direta e marcante”, com um texto curto, mas forte. Que ficaram satisfeitos com o resultado, pois queriam passar a mensagem de uma maneira dura, sem sentimentalismo e que queriam deixar uma mensagem final, mas sem um desfecho, “como se o livro continuasse na cabeça de quem os lesse”: “Não deixe, em hipótese alguma, um monstro lhe colocar na caldeira!”

Em uma conversa acerca do livro produzido, as e os jovens da turma elogiaram o livro, mencionaram que acharam a capa e o título, *Abismo dos sonhos*, marcantes, que conseguiram ter empatia pelos personagens e que deveria existir um segundo livro, para sabermos o desfecho das histórias dos personagens. O que um jovem respondeu que essa era a graça, não saber ao certo o que aconteceu com eles.

O livro *Abismo dos sonhos* nos mostrou que com criatividade, conseguimos explorar um tema e criar uma narrativa com características que nos identificamos e gostamos. Que além da ideia, precisamos de proatividade e coragem para criar algo, talvez por isso encontremos a palavra ação dentro da palavra **inspiração** e que colocamos um pouco do que vivemos em tudo que fazemos. Certeau ficaria orgulhoso.

(Certeau) Tomou para si, desde então, a tarefa de afirmar a vida cotidiana como *espaçotempo* de criação permanente de conhecimentos e de modos de conhecer, de existir e de viver com outros, depositando sua confiança na inteligência e na inventividade dos homens e mulheres comuns, praticantes da cultura e usuários de artefatos que não foram produzidos por eles, mas que lhe são impostos. Ao invés de submissão, conformismo, alienação e passividade, ele enxergou nessas operações de praticantes mecanismos de resistência forjados com os usos que fazem do que lhes é imposto: uma produção secundária, clandestina e silenciosa que pode construir microliberdades e, no limite, redes de indisciplina. (FERRAÇO; SOARES; ALVES, 2018, p. 36).

### 3.2.2. Sentimentos em palavras

Caso me pedissem para citar uma das atividades que começou a encantar as jovens em 2019, certamente eu citaria o *lettering*<sup>61</sup>. A arte de desenhar letras preenche boa parte do ‘*espaçotempo*’ livre e também das atividades realizadas. Quando estas são voltadas à escrita, costumo encontrar uma letra sombreada e caprichosamente desenhada. Diversas conversas entre as jovens perpassam este universo: os vídeos assistidos no *youtube*<sup>62</sup> gravados por jovens que trabalham ou têm como uma das atividades preferidas o *lettering* e repassam dicas, trocas de informações acerca dos materiais profissionais, caros e inacessíveis que acabam sendo substituídos por outros materiais improvisados e também as novas técnicas aprendidas. Todo assunto com esta temática. É compartilhado com atenção.

Figura 34 - Lettering criado por uma ‘*escritoraleitora*’ em um encontro acerca de etnias



Fonte: A autora, 2020.

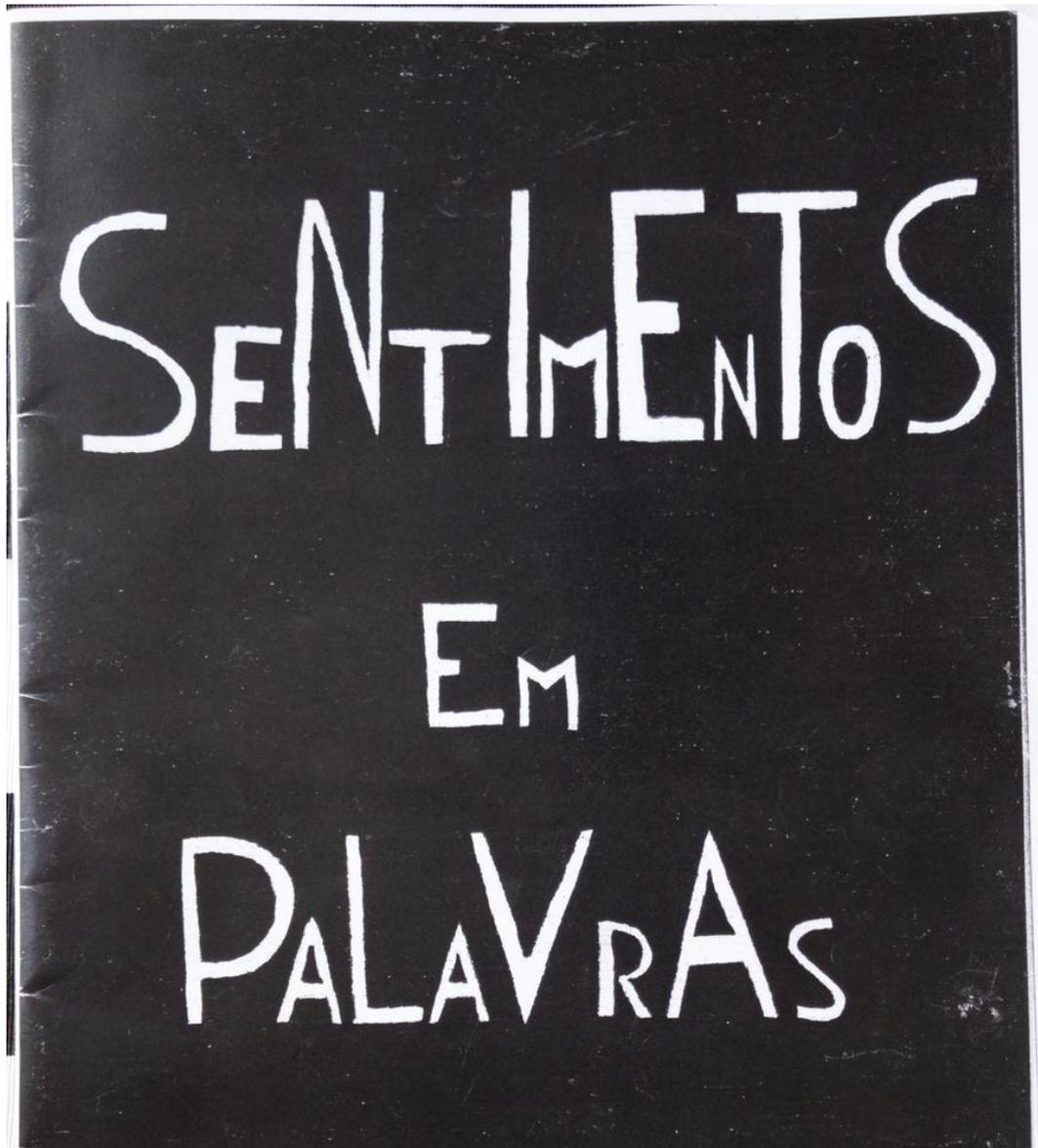
<sup>61</sup> Traduzido do inglês-Letras é um termo genérico que abrange a arte de desenhar letras, em vez de simplesmente escrevê-las. A rotulação é considerada uma forma de arte, em que cada letra de uma frase ou citação atua como uma ilustração

<sup>62</sup> YouTube é uma plataforma de compartilhamento de vídeos com sede em San Bruno, Califórnia. O serviço foi criado por três ex-funcionários do PayPal - Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim - em fevereiro de 2005.

Em uma conversa acerca dessa atividade, comentei que até pouco ‘*espaçotempo*’ existia o costume de contratar calígrafos para escrever os nomes dos convidados em convites de casamento, por exemplo. Busquei algumas imagens dos trabalhos destes profissionais na internet e algumas jovens ficaram encantadas com a profissão, até porque achavam que a técnica de “desenhar” as letras era algo recém-inventado, aproveitei o comentário e conversei com elas e eles acerca de que dificilmente uma ideia já não foi realizada ou pensada anteriormente, como a minha orientadora conversa tanto com o grupo e que encontramos também nos textos de hooks (2020):

Na realidade. Ideias estão sempre circulando. Elas se renovam quando nos envolvem em reflexões críticas internas, em conversas internas que dão expressão nova a um pensamento comum. (p. 85 e 86)

Três jovens que compartilham o amor por essa atividade se uniram para compor um grupo e desenvolver a criação do livro. Elas se reuniram e levam uns dois encontros para iniciar o rascunho de sua produção. Mencionavam que queriam alinhar direitinho as ideias, que queriam respeitar o desejo das três e sendo assim não tinham pressa para começar. Queriam mostrar a migração de uma maneira criativa, com ilustrações focadas em pessoas, já que uma das integrantes era conhecida por sua habilidade de desenhar “rostos fofos”. Após ‘*espaçotempo*’ de conversas repletas de carinho e atenção e atividades conduzidas com atenção, finalizaram a obra *Sentimentos em Palavras*:



Passa este caderno  
adiante para que a  
sua experiência seja  
tão revigorante quanto  
a minha

Ass:º Romeu Gerard  
De:º Paris  
Ano:º 2005  
Idade:º 14 anos

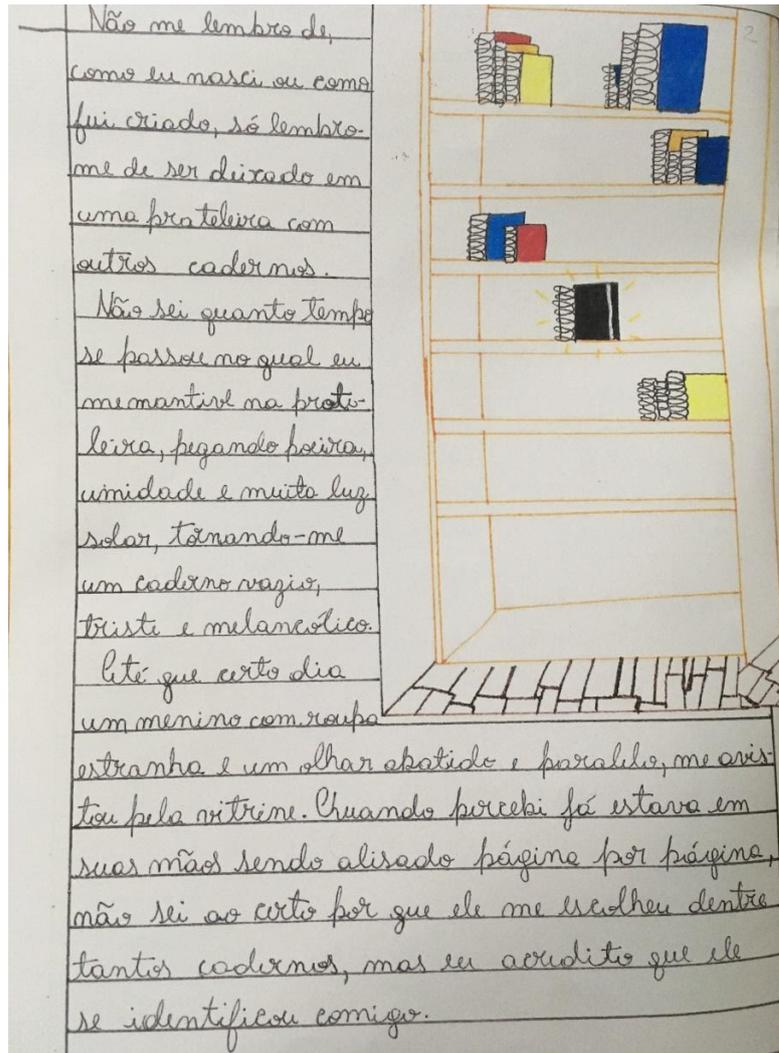


Nome: Romeu Gerard  
 Idade: 14  
 Atividade: Bailarina

Romeu era um menino com uma enorme paixão pelo ballet, mas por causa de sua paixão ele sofria uma grande discriminação nas ruas e pelos seus pais que não apoiavam esta escolha.

Ele tinha um apoio gigantesco de sua professora de ballet que se chamava Marry. Sua professora sabia que Romeu não tinha o apoio de seus pais e que ele sofria por causa disso, por isso Marry está sempre ajudando seu querido aluno a evoluir cada vez mais no ballet.

Mas Romeu queria alguém para desabafar a todo momento, pois seus sentimentos ruins o inundavam, e estava cada vez mais difícil para ele respirar.





Pouco tempo depois ele escreveu em mim, despe-  
jando seus sentimentos através de palavras.

Romeu explicava com lágrimas na alma como  
era apaixonado pelo Ballet e como sofria  
por estar realizando algo que ama, e seu sonho  
de se tornar bailarino profissional.

Toda dia no final da tarde após suas aulas  
de ballet ele sentava em baixo da torre  
simples para transmitir o que sentia e tirar  
um peso de seus ombros pelo preconceito que  
sofia pela sociedade.

4

Após um mês com Romeu, eu já não me sentia tão vazio e Romeu já se sentia bem consigo mesma e com a arte que amava praticar, a partir do que sentiu enquanto convivia com o seu caderno decidiu passá-lo para outra pessoa para que ela também pudesse se sentir da mesma forma.

Ele escreveu na capa de seu caderno:

"Passe este caderno adiante para que a sua experiência seja tão revigorante quanto a minha" Pitt: Romeu Gerard De: Paris  
Ano de: 2005 Idade: 14 anos.

Romeu decidiu deixar o livro com uma garota de olhos puxados que parecia estar de férias em Paris, e que possuía um olhar semelhante ao seu antes de ter em mãos seu caderno.

4

Nome: Flaxu Kamado

Idade: 13

Qualidade: Influencer, Atriz ou Idol



Flaxu uma menina japonesa de apenas 13 anos de idade com cabelos pretos como corvino e curtos como seu temperamento. Ela possuía o sonho de entrar

para o mundo do entretenimen-  
to, mas desidia o padrão de  
beleza exigido em seu país  
para adentrar nesse meio,  
Flaxu foi muito criticada, ali-  
nal, uma menina, acima do peso  
aceito pela sua sociedade, com  
sardas, usava óculos e com  
um nariz mais achatado, as  
pessoas pensavam e afirmavam  
a sua reeta: "Você nun-  
ca vai alcançar o que você  
almeja, a menos que você faça  
uma cirurgia plástica e per-  
ca peso".

ca peso".

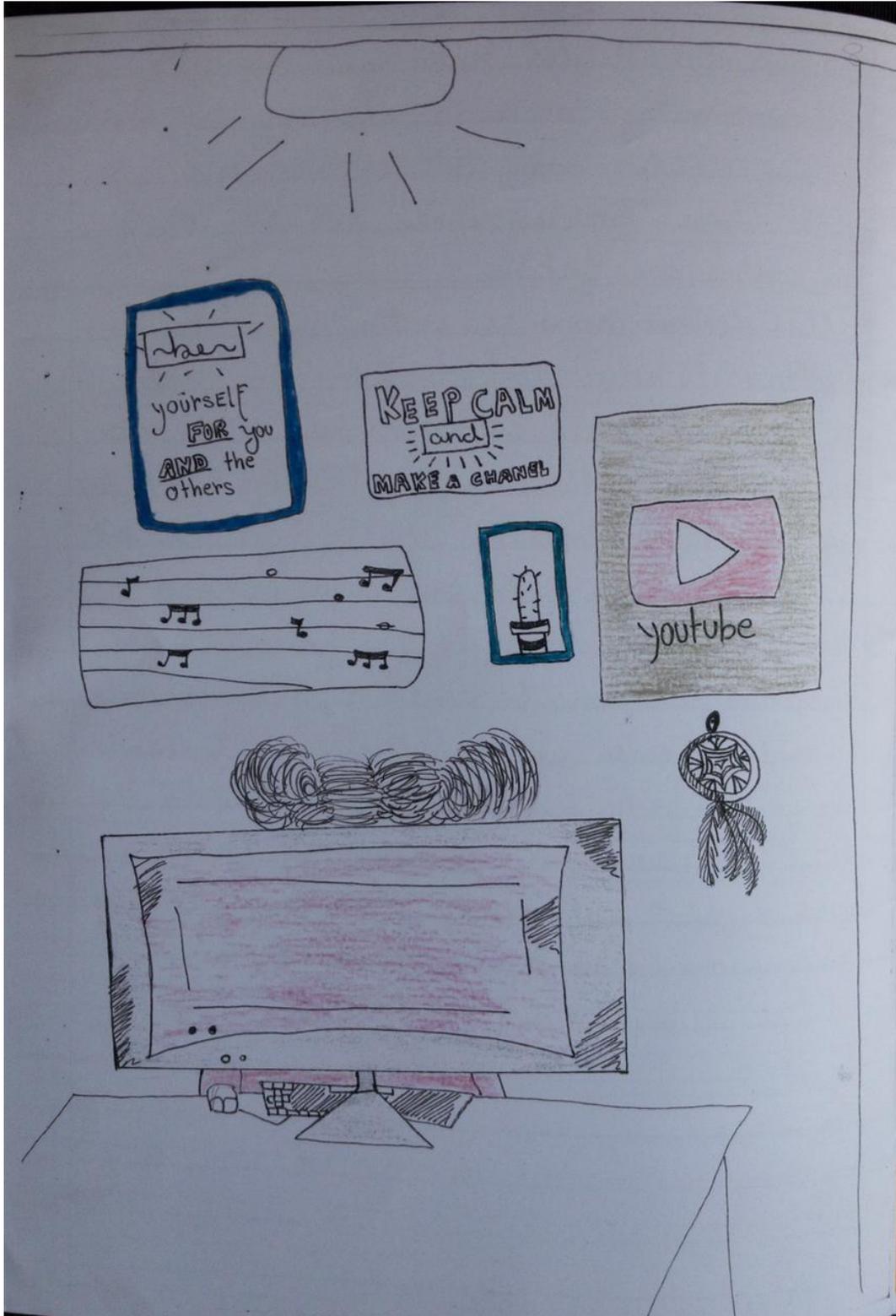
Flaxu nunca realmente deu ouvidos a esses  
comentários, apesar que a machucaram, seguiu adian-  
te atrás do que acreditava e buscou seus  
sonhos para tornar-se parte do mundo do entre-  
tenimento.



Depois daquele dia Haru uma menina japonesa de treze anos, de cabelos pretos como carvão e curtos como seu temperamento, foi minha dona por um curto período depois que voltou ao Japão.

Ela exercia como se sentia sufocada pelo padrão de beleza imposto pela sua sociedade, pois ela queria entrar no mundo do entretenimento, mas para Haru isso era muito difícil, por que ela não atendia nenhum desses padrões.

Passando suas palavras, contando seus sentimentos para mim, ela foi pouco a pouco mudando seu conceito de beleza, se reinventando, sentindo-se cada vez mais impoderada, criando seu próprio padrão de beleza, através disso ela decidiu passar o que aprendeu, se tornando uma digital influencer, então Haru decidiu me passar a diante assim como Romeu



Nome: Raj Brashim

Idade: 15

Qualidade: liderar protestos

Raj um menino tem diferente de sua cidade, Raj acredita que as mulheres devem ter mais valorizadas em seu país.

A cultura de seu país é bem rígida e machista com as mulheres, e Raj acredita que todos são iguais, ele se sente bem solitário por conta de ser o único



garoto que pensa diferente. Então ele resolveu contar sua vontade para a professora, disse a ela que queria fazer um protesto pelas mulheres da Índia pois para ele elas também deveriam ter seus direitos, e sua professora ficou encantada com sua atitude e o apoiou.

Ele deixou o caderno na Índia em uma feira que visitou<sup>10</sup> em uma de suas viagens, com um garoto que aparentava sentir-se solitário.

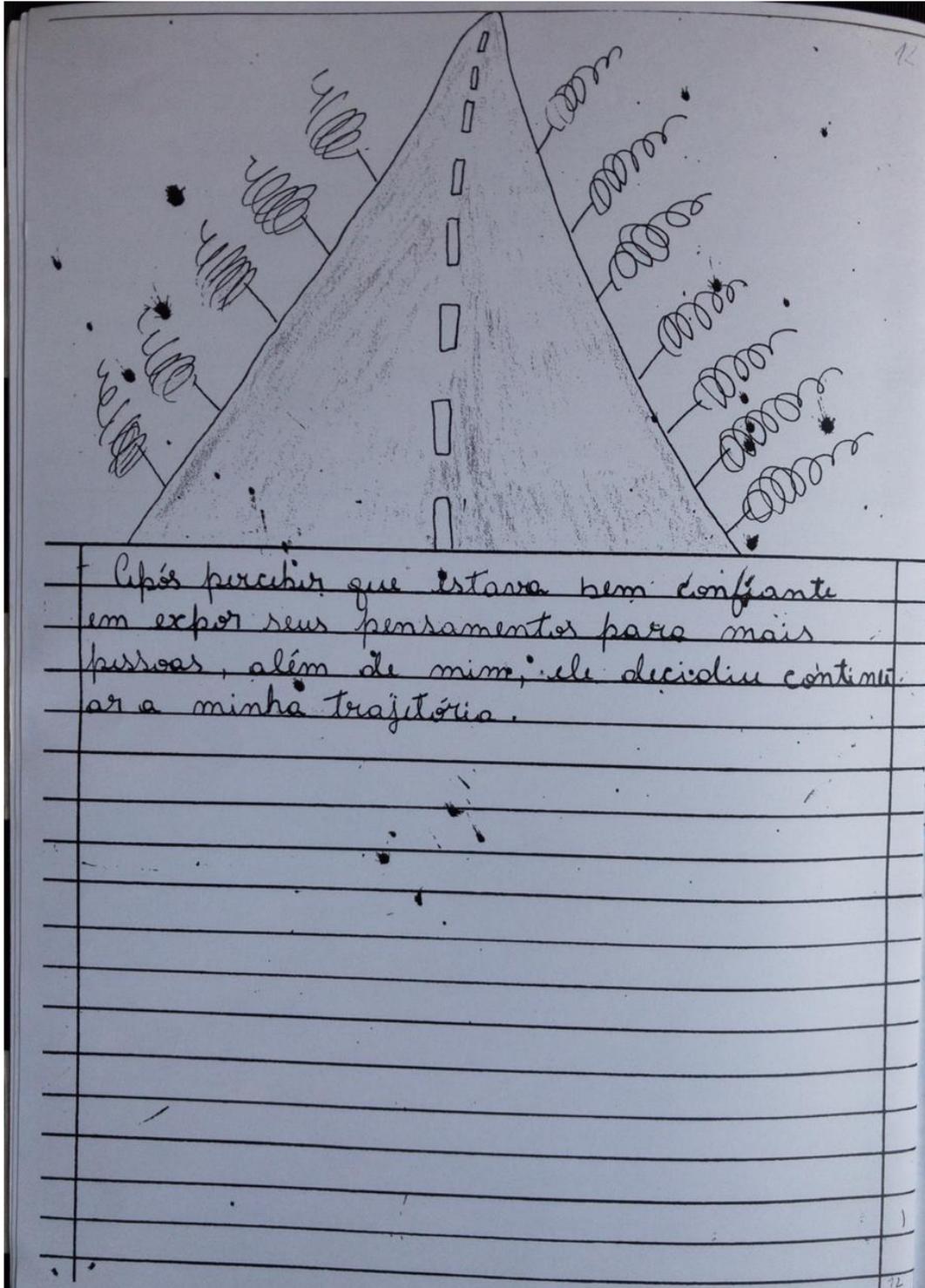
Mas um garoto negro, de quinze anos com cabelos castanhos com um pensamento extremamente moderno para a cultura do seu país, sentia-se solitário por possuir crenças e ideais, não compartilhadas por grande parte dos seus colegas e pais. Ele acreditava que os homens e mulheres deveriam ser iguais perante a sociedade e que o seu país, a Índia, é muito machista.



Devido a isso ele escreveu em mim tudo aquilo que acreditava, e o bullying e descrença que sofreu das pessoas a sua volta e como isso o fortaleceu e ajudou na sua vontade de mudar a Índia e as pessoas que moram lá.

Após ele ter escrito em mim, Raj decidiu falar com uma de suas professoras que o apoiou em suas ideias, e com o tempo foi ajudando ele a se sentir mais seguro a por esses assuntos e participar de protestos.





Após perceber que estava bem confiante em expor seus pensamentos para mais pessoas, além de mim, ele decidiu continuar a minha trajetória.

1/ Passei por muitos lugares, pessoas, histórias e climas diferentes, coisa que antes eu não poderia imaginar passar.

Antes eu era um caderno triste, vazia, melancólico e sozinho, mas hoje com a ajuda de meus escritores não me sinto mais assim.

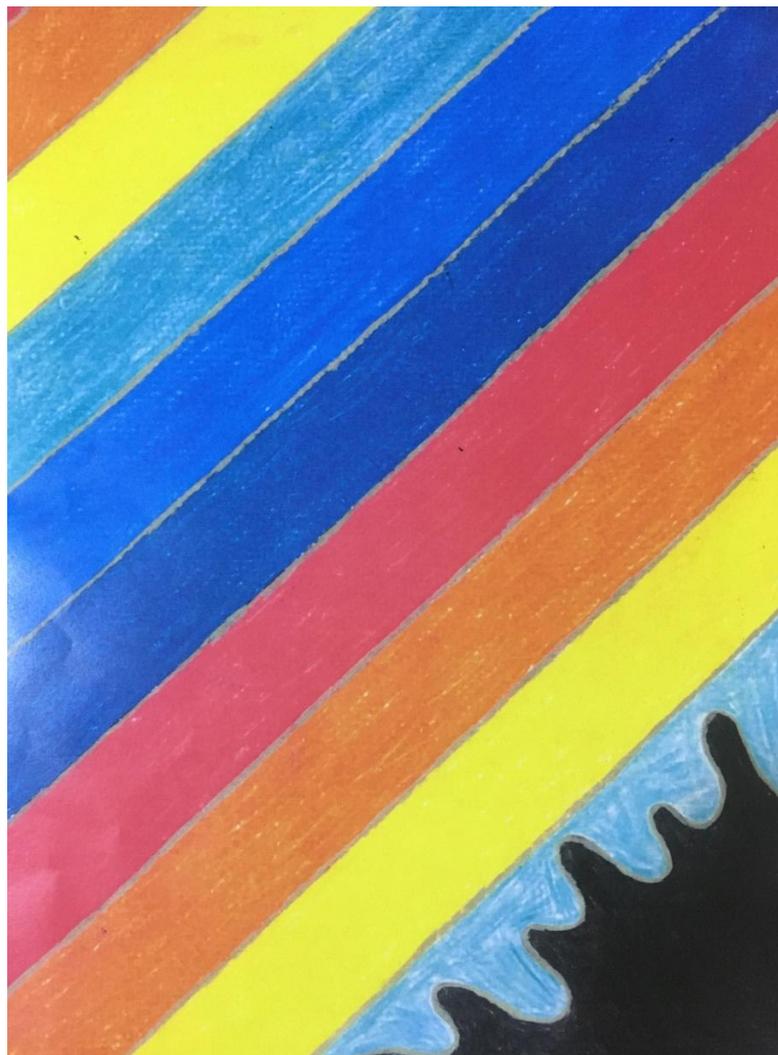
Sei que fui muito amado, bem cuidado e um verdadeiro amigo e companheiro para todos eles, da mesma forma que eles foram para mim.

Posso até me considerar um imigrante de histórias, culturas e sentimentos. Sou feliz, alegre, cheio de informações e completo.

Hoje eu sou um caderno repleto de sentimentos em palavras, e eu sou muito grato por isso.

Vejo você em breve!





As jovens escolheram usar sua paixão pelo *lettering* para criar uma história onde as palavras seriam o destaque, são elas que fazem os personagens se sentirem melhores, aliviadas e aliviados, compreendidas e compreendidos com força para seguir. Um livro curto com uma considerável quantidade de texto, mas que se torna necessário para a compreensão da narrativa.

Em uma conversa de apresentação do livro, a turma mencionou a criatividade do formato e o capricho nos desenhos. Mencionaram que as e os personagens estavam bem caracterizadas e caracterizados e que a história fazia a gente torcer por elas e eles. Que amaram o caderno e queriam ter a oportunidade de escrever nele também, o que nos deu a ideia de criarmos uma atividade futura de compartilhamento de um caderno nosso, que percorreria as residências de todas e todos.

Uma das jovens perguntou às *'escritorasleitonas'* onde estaria o tema da migração, e outro comentou prontamente que o caderno era o migrante, caso ela não tivesse percebido. As

meninas que escreveram a narrativa mencionaram que combinaram de criar um migrante que não fosse uma pessoa, mas que circulasse por diversas culturas. Um jovem mencionou que se pararmos para '*praticarpensar*', vários objetos são "migrantes", pois vêm de outros países ou circulam por diversos lugares dentro de uma cidade e deu um exemplo de sua tia, que cortava linhas que sobravam da costura de uma loja de departamento famosa entre elas e eles. Essas peças vinham prontas de um lugar, passavam pela Carobinha, comunidade do Rio de Janeiro onde ele e sua tia moram e depois seguiam para as lojas. Uma peça que viaja para vários lugares e depois de vendida, continua circulando com quem a comprou, lembrou uma estudante, fazendo todas e todos perceberem como a migração é um tema que abre '*espaçotempo*' para diversas outras conversas.

Ao perguntar as meninas se o livro criado por elas tem alguma ligação com a busca do primeiro emprego, mencionaram a importância do apoio, de uma pessoa que incentive a busca, mostre que são capazes e tenham experiência para repassar dicas para esse momento, assim como o caderno e as histórias contidas nele fizeram com Romeo, Haru e Raj, personagens da narrativa. Lembraram que as incertezas e inseguranças são várias, não só para entrar no mercado de trabalho, mas para tudo que envolvem as e os jovens em uma fase que ainda estão se descobrindo, então frequentemente, uma amiga, um amigo, uma professora, um professor uma e um familiar se fazem às vezes de livro para ajudar nas novas situações que surgem todo momento na vida das e dos adolescentes.

*Sentimentos em palavras* é um livro sensível, que apresenta algumas situações que podem ser comuns às e aos adolescentes: a vontade de fazer a diferença, a sensação de não ser compreendida e compreendido e o desejo de seguir seus sonhos. Apesar de ter uma estrutura semelhante a um caderno, não lemos as histórias contadas pelas vozes dos personagens Romeo, Haru e Raj, que interessantemente, possuem etnias e localização geográfica diferentes, mas sim através do caderno, ele é o narrador e permite as e os jovens do livro terem fôlego para seguir.

### 3.2.3 Refúgio

No curso de preparação para o mercado de trabalho que as e os '*escritoresleitores*' participam durante quatro meses, há frequentes reuniões com as e os professores para

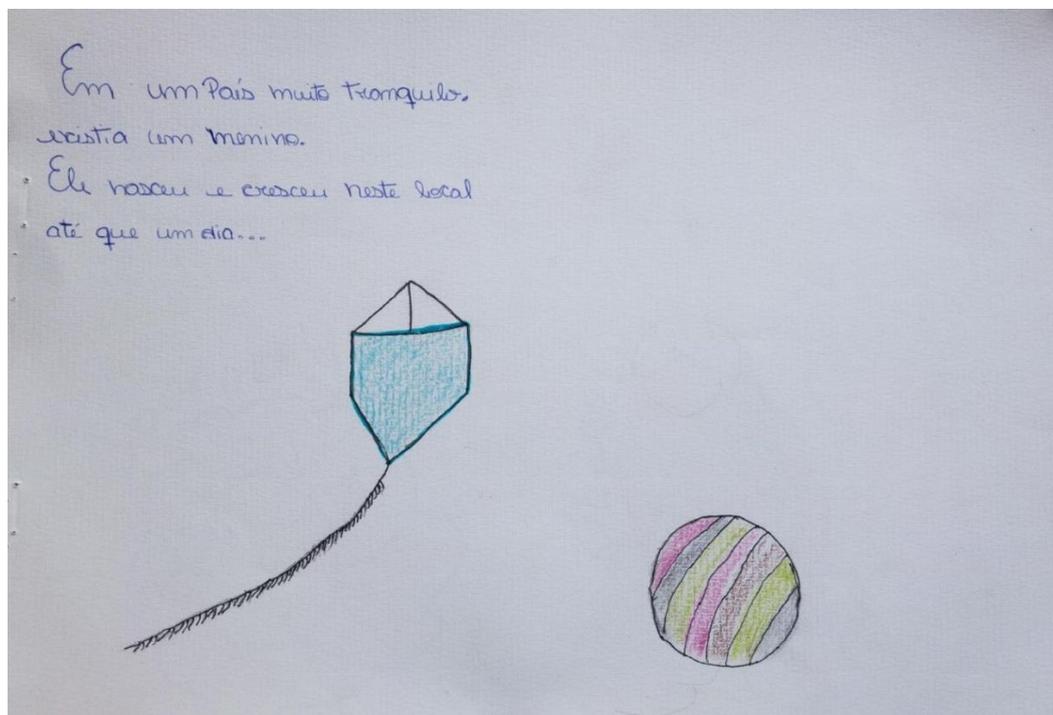
conversas acerca de cada jovem, com a ideia de possibilidade de encaminhamento para as seleções das empresas, até antes do término do curso, caso surjam vagas.

Quando a ou o jovem não consegue desenvolver as capacidades determinadas pela ONG, pensando nas exigências das empresas que não sensibilizam com a ideia delas e deles não terem experiência e estarem em desenvolvimento, assim como a falta de postura da instituição para sensibilizar estas empresas, frequentemente uma e um ou outra e outro jovem é convidada, convidado a refazer o curso, com a promessa de que não necessariamente fará todo o período novamente, assim que for percebido o empenho e desenvolvimento, este encaminhamento poderá acontecer.

É um procedimento delicado, pois se acreditamos na potência das e dos jovens e valorizamos a sua vontade e determinação ao frequentar o curso, a própria presença já é algo a ser considerado, ao *'praticarmospensarmos'* que diversas e diversos moram em comunidades distantes do bairro onde ele é realizado, enfrentam diversas dificuldades sociais: passagem para os transportes; distância, cansaço já que participam de encontros em sua escola e no curso, o que já seria um indicativo do desejo das e dos jovens. Porém, à medida que as empresas conveniadas se tornam mais exigentes ao solicitarem jovens para as seleções: escrita impecável, *excell* avançado, que seja “uma ou um jovem tranquila ou tranquilo”, a ONG exige mais ao escolher as e os jovens que podem participar deste processo. Uma estrutura que os *'praticantespensantes'* que fazem parte da realização do curso, que só é um entre vários projetos existentes na instituição, tentam interferir e auxiliar as e os jovens nesse caminho até o primeiro emprego.

Esta introdução foi necessária para entendermos o livro criado por cinco jovens intitulado *Refúgio*, pois a história do personagem principal foi idealizada e escrita por um jovem que passou pela situação de refazer o curso. Alto para a sua idade e com um olhar tímido que pisca ininterruptamente quando é observado, este jovem não se sentia confortável nos encontros do curso. Era perceptível uma vontade de conversar com todas e todos, mas também uma dificuldade em conversar com todas e todos. Era determinado, fazia as atividades com atenção e quando alguma professora ou algum professor solicitava um trabalho com outras, outros jovens, corria para se juntar a um grupo que mais disfarçavam do que ajudavam, assim poderia focar e realizar a tarefa sem ter que conversar.

E foi exatamente o que ocorreu com a criação do livro, as e os estudantes que faziam parte do grupo até que participaram, mas aceitavam as ideias desenvolvidas pelo colega, sem diálogos excessivos ou intervenção e assim nasceu a história de um jovem, que devido à guerra, viaja com sua família para o desconhecido.

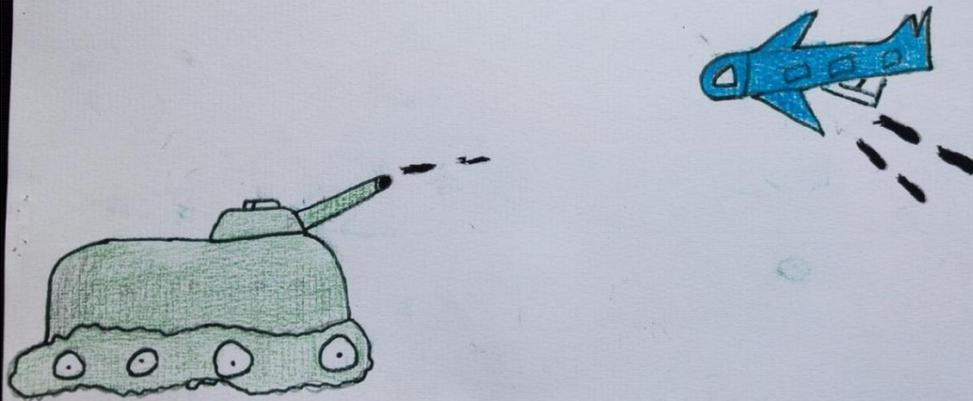


Um barulho estranho poderia  
 estar explodindo.  
 Era uma bomba, e a Partisidera  
 momento tudo se transformou  
 em sua vida.

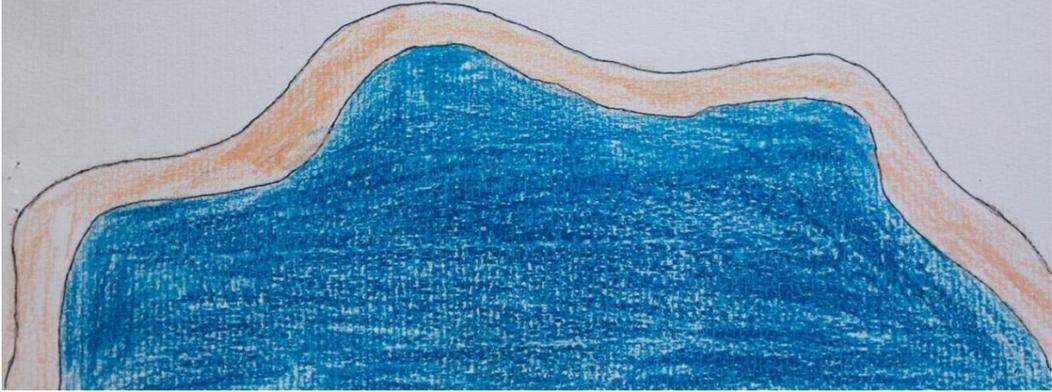


Ele e sua família tiveram  
 que sobreviver com a guerra, fome  
 e outros problemas.

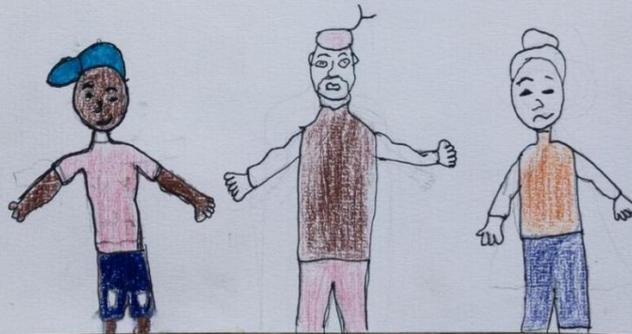
E foram obrigados a ir embora.  
 Passaram muitas dificuldades...

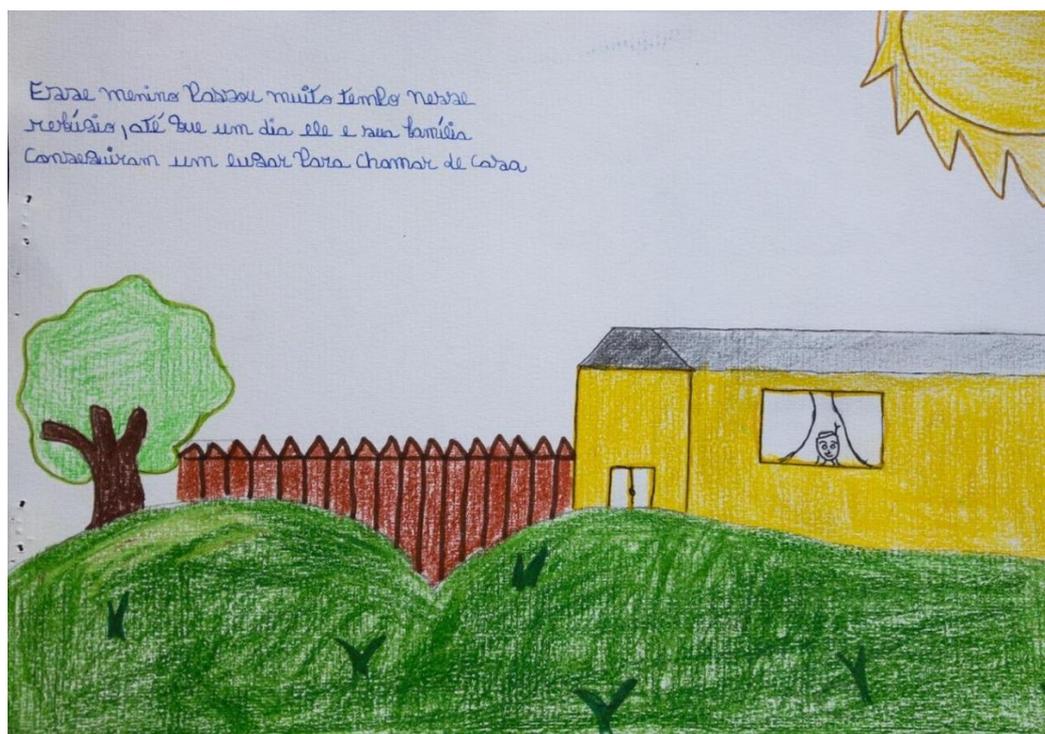


Ficaram muitos dias em um pequeno  
barco indo para um local que ele não conhecia.  
E depois de tudo isso conseguiram  
chegar em terra firme...



É em um lugar que ele não entendia  
o que as pessoas faziam, tentou se adaptar  
com o ambiente, porém antes de conseguir  
fazer amigos, foi obrigado a lidar com outras pessoas  
que faziam outras coisas e diferentes culturas





Diversas características do livro estão presentes em seu principal autor: a tristeza nas expressões, a dificuldade da travessia, no caso do 'escritorleitor' a travessia do curso, a incerteza do que encontrará no futuro, o pensamento de se sentir sozinho, a vontade de entender o que pessoas tão diferentes falam e fazem. Como eu conversava com o jovem e sabia dos seus anseios foi difícil não vê-lo nas páginas daquele livro, mesmo com o cuidado

de não transparecer isso, pois em nenhum momento o ‘*escritorleitor*’ assumiu a história como sua, esta é somente uma de diversas leituras possíveis.

É o texto que lê o leitor, de certo é ele que o revela; é o texto que sabe muito sobre o leitor, de regiões dele que ele mesmo não saberia nomear. As palavras do texto constituem o leitor, lhe dão um lugar. (PETIT, 2009, p.38)

Na conversa acerca da narrativa, algumas e alguns jovens mencionaram que a capa do livro, com uma imagem que representa uma travessia em um bote, sendo realizada por cinco pessoas com rostos tristes, é parecida com algumas imagens que costumam ver, de migrantes atravessando um oceano de maneira precária, uma imagem triste, mas que segundo elas e eles também mostra a possibilidade do novo, do futuro melhor.

Interessante que ao ‘*praticarmospensarmos*’ nos três livros aqui apresentados, este é o que possui mais notoriamente a questão da migração, não foi utilizado metáfora para inserir o tema, porém ao entendermos o que está envolvido na criação é um dos textos que mais tem particularidade, mesmo que vestida de um clichê, talvez para até nos confortarmos com o final feliz e a narrativa já imaginada, como nos diz Guéron (2011), acerca do clichê e do cinema:

Em todo caso, no que é majoritário e hegemônico, o que observamos é uma tendência de ir ao cinema para se ter exatamente as experiências que são previamente esperadas, como se fosse ir ao cinema apenas para se encontrar com o clichê. E aí do filme se estas experiências não se confirmam nos primeiros dez minutos e algumas sensações estranhas começa a acometer o espectador. (p. 247)

Assim como eu achei necessário contar um pouco do que vivi até o momento que comecei a pesquisa, não por falta de sentido se assim não fosse, mas por acreditar que todo o meu caminho me ajudou e atrapalhou nesta criação, este livro, que é potente por si, se torna um apelo por compreensão ao entendermos só um pouco da história de seu ‘*escritorleitor*’: um jovem lindo, que assim como seu personagem, atravessa com firmeza suas tempestades, enquanto aguarda e busca um lugar para chamar de seu.

## FORAM FELIZES PARA SEMPRE? AS INCONCLUSÕES E AS MIUDEZAS IMPROVÁVEIS ATÉ AQUI

Estava em direção ao metrô feliz e despreocupada, aqueles momentos que Clarice Lispector define bem. Onde você se sente livre e amando de amor puro tudo a sua volta. Até que um vento levantou completamente o vestido rodado, mostrando mais pele que série médica na televisão. A senhora ao meu lado, arregalou os olhos com vergonha e compaixão, dois carros buzinaaram e um terceiro parou para dizer palavras inaudíveis. Estava atordoada demais tentando controlar o vestido para ouvir. Vergonha, tensão, arrependimento pela roupa escolhida, Sensação de ridículo. Risos. Não conseguia mais parar de rir. Esperei em um canto a natureza se acalmar e segui o meu destino. A vida é uma sequência de pagar calcinhas. Saber viver ou não é depende de como você lida com isso.

*Thamy Lobo (2018)*

Pesquisar *'nosdoscom'* os cotidianos é incrível, é poesia, é sublime, mas também é susto, é desafio, é prosa, é surpresa. Não temos como dominar o que acontece. Não há uma fórmula pronta ou uma sequência de atos que nos trará algum resultado. Essa pode ser uma das características mais interessantes dos cotidianos, por mais que o significado da palavra, em alguns dicionários, nos remeta a repetição, a ações que acontecem todos os dias, eles são, surpreendentemente, imprevisíveis. Assim como não conseguimos realizar tarefas da mesma maneira, vivenciamos diversas pequenas ou enormes situações dia após dia.

Considero que assim como devemos ressaltar a importância dos cotidianos, também devemos, ao pesquisar com eles, mostrar suas fragilidades, sem medo de que estas observações impactem negativamente nos nossos textos. Desde o início da minha escrita, pensei em criar um capítulo que contasse um pouco das surpresas encontradas no caminho, surpresas estas que, frequentemente, nos fazem seguir por outras direções. Como pesquiso narrativas, minha ideia era um capítulo com aquelas partes dos textos que são vetadas, são cortadas, são adaptadas. Às vezes se trata de uma vírgula, uma palavra, uma expressão,

miudezas que são vistas por uma ou um revisor ou até pela própria ou próprio autora ou autor e apagadas ou modificadas. Eu queria um capítulo com os cacarecos, com o que foi de mais ou de menos. Acredito que por escrever acerca de uma temática que envolve livros e cotidianos, essa ideia de se atentar às miudezas seria interessante, mas como dizem por aí, cuidado com o que você deseja.

Nunca imaginei que um capítulo pensado e separado para os cacarecos e as miudezas, contando o que “não deu certo para no final dar tudo certo” seria tão importante para a pesquisa. Ao contar os imprevistos do caminho, compartilho as ideias iniciais e o resultado, como dizem as e os jovens: “expectativa x realidade”.

Iniciei o caminho de criação de narrativas com as e os estudantes no final do segundo semestre de 2019, tendo a ideia de que ao retornarmos no outro semestre, ainda finalizaríamos nossas criações e seguiríamos juntas e juntos. Eu teria ‘*espaçotempo*’ para realizar as criações e escrever, de um jeito leve, tranquilo, com o auxílio dos meus cadernos de anotações de conversas e ideias que me acompanham desde o início da pesquisa. Não precisaria modificar as minhas atividades pensando na pesquisa, a criação das narrativas, por exemplo, é algo que existiria além do mestrado, uma proposta que faria às e aos jovens independentemente da dissertação, são criações que realizo nos cotidianos como ‘*praticantepensante*’ da educação. Seria um caminho diferente, se não fosse a aparição do novo coronavírus(SARS-CoV-2).<sup>63</sup>

Desde dezembro de 2019 escutamos e lemos, aqui no Brasil, acerca do surgimento de um vírus na China, que em algumas situações poderia provocar a morte de uma maneira rápida, mas era algo acontecendo em um país distante e mesmo com o alerta de propagação, diversas pessoas iniciaram o ano de 2020 normalmente, inclusive curtindo o carnaval, recesso festivo que como soubemos depois, pode ter sido um dos responsáveis pela rápida disseminação ocorrida no país.

No dia 13 de março de 2020 foi decretada a coletividade na prevenção do contágio e combate do novo coronavírus, e assim foi determinado que somente continuassem em exercício, atividades consideradas essenciais como farmácias, mercados, imprensa, atividades de segurança pública, entre outros. Assim todas e todos nós, ‘*praticantespensantes*’ das redes educativas, tivemos nossas atividades suspensas.

---

<sup>63</sup> Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente, os coronavírus que infectam animais podem infectar pessoas, como exemplo do MERS-CoV e SARS-CoV. Recentemente, em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado em Wuhan na China e causou a COVID-19, sendo em seguida disseminada e transmitida pessoa a pessoa.

Foi um período de incertezas na ONG onde atuo, até que dois meses após a determinação do isolamento, a instituição prontamente realizou algumas mudanças. Reduziu o quadro de funcionários e anunciou, entre os colaboradores, a suspensão do Curso Básico, o curso de preparação para o mercado de trabalho do qual as e os *'escritoresleitores'* fazem parte. Um baque para mim, já que, como contei no início da dissertação, também fiz parte do projeto quando adolescente e agora, na verdade, há sete anos, atuo como professora.

O Curso não é uma exigência do Ministério do Trabalho. As contratações de jovens aprendizes podem ser realizadas sem este preparo, mas o que talvez passe despercebido, ou não, nesta atitude é como o curso facilita o acesso de jovens em vulnerabilidade social às vagas existentes. Sem esse caminho, não saberiam onde buscar vagas e como funciona o mercado de trabalho.

Além do que eu venho afirmando no texto, o curso era mais do que uma "ponte" para o trabalho. O foco é o desenvolvimento das e dos jovens, um *'espaçotempo'* de acolhimento, de percepção de si e das outras e dos outros, de carinho, conforto e desconforto perante o questionamento do funcionamento do mundo. Chegava até ser contraditório, como um curso que tem por uma das finalidades o emprego em empresas com sistemas capitalistas, possibilita tanta reflexão acerca deste mesmo sistema? A ideia era justamente fazer com que as e os *'praticantespensantes'* soubessem que entendemos que já que trabalhar aos 15 anos é a realidade possível para umas jovens e uns jovens, é importante para elas e eles que esta relação de trabalho seja justa, legal, que tenham pessoas que prezam pelos direitos delas e deles, mas que devemos, criar, questionar, se maravilhar e se espantar com os nossos cotidianos.

O término do curso não desfez o vínculo das e dos jovens com a ONG. Os encontros presenciais continuam suspensos até o momento, fevereiro de 2021, mas todas e todos que estavam cadastrados continuam aguardando uma oportunidade de vagas nas empresas que estão sendo disponibilizadas a ela e eles mesmo não sendo possível a finalização do curso. Para continuar o vínculo foi determinado que ocorressem encontros semanais via *Zoom*<sup>64</sup> para esclarecer dúvidas, se manter informadas e informados e otimistas.

Devido a estas situações, planejamentos para os encontros com as e os jovens e para a pesquisa precisaram ser refeitos. Eram os cotidianos lembrando que não temos controle de coisa alguma e que tudo pode mudar de uma hora para outra. Diversas frases de livros de

---

<sup>64</sup> A Zoom Video Communications é uma empresa americana de serviços de conferência remota com sede em San Jose, Califórnia. Ela fornece um serviço de conferência remota "Zoom" que combina videoconferência, reuniões online, bate-papo e colaboração móvel.

autoajuda para momentos difíceis se encaixam neste momento, é quando vemos que a pesquisa com o universo dos livros e a realidade estão próximas.

Um dos momentos do "tudo que deu errado, para dar tudo certo" foi parte da produção do material da pesquisa: os livros. Quando me reuni com as e os *'escritoresleitores'* para conversarmos acerca da produção dos livros, quiseram que os textos dos livros fossem digitados, para ter uma "cara de livro de verdade". Conversamos com o professor de informática e criamos um calendário para que uníssemos os nossos módulos e desenvolvêssemos esta parte do livro. Como ele precisaria desenvolver a parte de edição de texto com as e os jovens, adorou a ideia de parceria e assim, fizemos um calendário para esta parte.

As e os *'escritoresleitores'* já comentavam qual a fonte do *word*<sup>65</sup> escolheriam para as narrativas, enquanto que as ilustrações permaneceriam as criadas e desenhadas por elas e eles. Conversavam acerca de qual parte das folhas ficariam os textos e qual seria o "tamanho das letras" e as cores utilizadas. Infelizmente não pudemos modificar a escrita dos livros como desejavam. As narrativas ficaram com as letras e a ortografia dos *'escritoresleitores'* pois também tínhamos combinado uma revisão que não foi possível acontecer.

No fim, achei interessante a linguagem informal, com "deslizes", se formos *'praticarpensar'* na norma culta da língua, permanecerem no texto original. Estamos lidando com uma metodologia baseada em conversas. Conversas não são monólogos ou palestras, conversas tendem a deixar a linguagem mais relaxada, mais frouxa e viva. Como sou formada em Letras, diversas pessoas me perguntam se eu fico irritada ao ouvir "deslizes" ou "erros" que é como costumam chamar as criações e variações da língua registrada como formal, na verdade nunca fui de corrigir as pessoas, nem mesmo mentalmente, não acredito que este seja o intuito de uma aula de Língua Portuguesa. Quando escuto, por exemplo, algum acadêmico trocando o independentemente por independente, não flexionando os verbos de acordo com a pessoa, em uma conversa, sinto, na verdade, um quentinho no coração, pois acredito que a pessoa esteja relaxada, não atenta em *'praticarpensar'* nas estruturas das frases que soltará junto a um sorriso, um desabafo, uma indignação. Estas criações da língua comumente possuem mais sentido do que as registradas oficialmente. É como diz o poema de Andrade (1972):

---

<sup>65</sup> O Microsoft Word é um processador de texto produzido pela Microsoft Office. Pode ser usado para produzir trabalhos escolares e textos acadêmicos. Com recursos comparáveis a outros editores de texto modernos, suporta também a adição e edição básica de imagens e formatação de texto.

Dê-me o cigarro  
 diz a gramática  
 do professor e do aluno  
 e do mulato sabido  
 mas o bom negro e o bom branco  
 da nação brasileira  
 dizem todos os dias  
 deixa disso camarada  
 me dá um cigarro.(n.p.)

O livro *Sentimentos em palavras*, escrito por estudantes que adoram o *lettering*, seria um dos únicos que não teria seu texto digitado. As *'escritorasleitoras'* planejavam utilizar a técnica tão querida por elas e encher o livro de letras desenhadas, o que não tivemos *'espaçotempo'* de realizar.

Outra programação cancelada devido à pandemia foi o lançamento dos livros. Em um dos encontros para a criação das narrativas, uma jovem mencionou que deveríamos fazer uma tarde de lançamento, com lanchinhos, autógrafos e fotos, como as e os autores fazem e todas e todos gostaram da ideia. Perguntaram se poderiam se arrumar, ou seja, vir sem o uniforme do curso, que é composto de uma camiseta com logo da instituição e calça jeans, pois queriam vir com as roupas que gostavam de usar. Imaginavam as guloseimas que trariam para dividir e como arrumaríamos a quadra da ONG, possível local onde ocorreria o evento. *'Praticarampensaram'* em outras atrações para esta tarde, como apresentação de música, batalhas de rap e leitura de trechos de livros e poesias. Iríamos providenciar cópias dos livros para distribuição e quem sabe a presença dos responsáveis. Como as e os jovens costumam dizer: "Chatão esse coronavírus".

Os livros receberiam um "trato" de uma gráfica parceira. Tentaríamos uma impressão com capa dura, papel próprio para livros que dá um brilho para as imagens como as ilustrações das e dos jovens merecem. Iríamos providenciar versões em PDF, inserir agradecimentos e notas das e das autoras e autores. O trabalho apresentado neste texto era para ser só uma parte de um longo processo.

E por que então seguir? Por que insistir em um trabalho não finalizado, em rascunhos de produções? Em uma pesquisa interrompida? Por que não iniciar uma nova pesquisa? Alterar o tema? Disfarçar e não mencionar o que era para ter sido? Como falei no início do capítulo, trata-se de uma pesquisa com os cotidianos, que se reinventa e nos surpreende a cada momento. Eu tinha o de mais especial para escrever todas estas linhas: as trocas com as e os *'escritoresleitores'*, o material mais precioso que eram os livros criados com todo carinho por elas e eles durante semanas de conversas e planos. O trabalho principal estava ali e se não deu

para finalizar as criações como queríamos, aproveitando mais uma vez das frases clichês tão encontradas nos livros: “era porque tinha que ser assim”.

Acredito que um dos destaques da minha dissertação é mostrar que entre conversas e criações nas redes educativas podemos *'aprendereensinar'*, que a leitura pode nos apresentar diversas possibilidades de se conhecer, questionar e entender diversas questões inclusive as internas, as nossas.

A pandemia amplia dilemas, já existentes, que são e estão além do medo do vírus. Problemas financeiros, incertezas em relação ao futuro, ansiedades e saudades. Medo do contato, do convívio, do toque, da respiração. Ações rotineiras como pegar um transporte público, lancha na rua, pegar um panfleto e sentar próximo a alguém se tornaram ameaçadoras e não teve jeito, tivemos que, as e os que podem, recolher nosso corpo dentro de casa, recolher nosso nariz e nossa boca dentro da máscara. E assim, capenga de sentidos, ressignificar nossos cotidianos enquanto aguardávamos a solução que nos salvaria. Vem vacina!

Não posso dizer que foi fácil pesquisar dessa maneira, sobrava *'espaçotempo'* e faltava energia, mas como acreditamos na potência dos cotidianos e das criações, nos reinventamos e seguimos. Encontros online semanais com o grupo de pesquisas, conversas com livros que me acolheram e acalentaram neste período e constantemente em minha vida, contato com as e os jovens através das redes sociais. Juntas e juntos na distância, utilizamos nossas possibilidades para não para de criar esperança e afetos. `

Fiz minha qualificação à distância, assim como será a defesa. Estou há quase um ano sem entrar nas UERJs, Maracanã e São Gonçalo, *'espaçotempos'* tão significativos para mim. Entro na ONG uma vez por semana, devido algumas questões burocráticas contratuais do Departamento Social, mas nunca mais entrei nas salas onde aconteciam os encontros com as e os jovens. E acho que nem conseguiria encarar uma sala vazia. Mas *'verouvirsentirpensar'* acerca de todas as conversas realizadas com as e os jovens me faz sorrir, ler suas narrativas com suas letras, desenhos e sons que ouvi durante a criação me aquece o coração, ler novamente as narrativas que compartilhamos nos encontros ilumina meu dia. E assim, novamente, percebo a minha vida embaralhada com a dos livros e com a das e dos *'escritoresleitores'*, me sinto como a menina assustada e esperançosa que conheceu os livros e todas as maravilhosidades que eles me permitem. Eles e seus *'praticantespensantes'* *'foraméserão'* minha alegria, meu refúgio, meu motivo para acreditar e seguir.

Termino, como alguns livros que amo, em que a última página não conclui nada, mas sim nos instiga. Nada acaba aqui. Os cotidianos não param. Espero mais conversas, livros,

poesias, miudezas e enquanto isso sigo minha rotina, trabalhando em segurança em casa enquanto lembro com saudade que a caminho da ONG, costumo passar por uma escola de música. Entre muros cinzentos e carros apressados, costumava ouvir um trombone. O som do violino fino se confundia com o apito do guarda de trânsito. O volume da gaita se sobrepunha ao canto dos pássaros. A bateria furiosa se juntava às brigas das pessoas em situação de rua. Um muro separa a escola da rua, mas o som rompe essa barreira. O caos e a técnica se juntam e formam um som único. Um único *'espaçotempo'*. A mistura confirma a ausência de barreiras *'dentrofora'* das escolas.

Com isso quero expressar que de repente, por uma lembrança cotidiana, ganha significado a última palavra do nome do grupo no qual desenvolvo minha pesquisa – sons. A vida e suas narrativas são repletas deles: do som dos instrumentos, às vozes que leem o que os estudantes criam, as gargalhadas nos encontros pelo *Zoom*, passando pela frase repetida pela apresentadora do telejornal: Fiquem em casa! Sons cotidianos com um toque de poesia.

Atualmente, perante as incertezas dos calendários de distribuição das vacinas, os choros de luto de quem perdeu uma pessoa querida, a fé ou a razão nos dias de pandemia, entendo cada vez mais a importância de ter lembranças como a do caminho para o trabalho. Elas são feitas de histórias, é necessário contar histórias, fazer delas pesquisas, cotidianos, lutas.

Dia desses recebi uma mensagem de um *'escritorleitor'* no celular. Comentando acerca dos livros produzidos, o estudante mencionou que já pensou e escreveu diversas histórias na pandemia. Diz que gosta de acordar mais cedo que todo mundo, subir até a laje com café quentinho e ver o amanhecer enquanto escreve seus sonhos, os que têm durante o sono e os que têm para conseguir sobreviver. “Estou louco para voltarmos para a ONG para dividir as histórias com todos.”

O necessário Krenak(2019)<sup>66</sup> nos diz que em *'espaçotempos'* difíceis

pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre pode contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. (p.27)

Estamos longe do fim, seja das narrativas cotidianas, seja das imaginárias.

Continua...

---

<sup>66</sup> Ailton Alves Lacerda Krenak (Itabirinha de Mantena, Minas Gerais, 1953), mais conhecido como Ailton Krenak, é um líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor brasileiro. É considerado uma das maiores lideranças do movimento indígena brasileiro, possuindo reconhecimento internacional. Pertence à etnia indígena crenaque

## REFERÊNCIAS

ALLIEZ, Eric. *Deleuze - Filosofia Virtual*. São Paulo: Editora 34, 1996.

ALVES, Nilda; CALDAS, Alessandra; CHAGAS, Claudia; MENDONÇA, Rosa; RANGEL, Leonardo. Imagens, sons, narrativas como produtoras de ‘*conhecimentossignificações*’. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 39a, Rio de Janeiro, 2019 (Trabalho encomendado. Tema: As múltiplas formas de produzir ‘*conhecimentossignificações*’ para além dos textos escritos)

ALVES, Nilda. *Praticantepensante de cotidianos / organização e introdução Alexandra Garcia, Inês Barbosa de Oliveira; textos selecionados de Nilda Alves*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

ALVES, Nilda. *Práticas Pedagógicas em imagens e narrativas – memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje*. São Paulo: Cortez, 2010.

ALVES, Nilda. *Processos Curriculares e Movimentos Migratórios: os modos como questões sociais se transformam em questões curriculares nas escolas*. Rio de Janeiro: ProPED/UERJ; projeto de pesquisa, 2017-2022. (financiamento CNPq. FAPERJ, UERJ)

ALVES, Nilda; CALDAS, Alessandra; ANDRADE, Nivea . Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos, após muitas ‘conversas’ acerca deles. In: Inês Barbosa de Oliveira; Leonardo Ferreira Peixoto; Maria Luiza Sússekind. (orgs.). *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas*. Curitiba: CVR Editora, 2019:19-45.

ANDRADE, Oswald. *Obras completas, Volumes 6-7*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

BARROS, Manoel de. *Meu quintal é maior do que o mundo*. Rio de Janeiro: Objetiva: 2015.

BRASIL, Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Lex: Estatuto da Criança e do Adolescente*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm)>. Acesso em 08 de nov. de 2010.

BUENO, Renata. *O que é liberdade?*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015.

CAPUTO, Estela Guedes. *Reparar miúdo, narrar Kékeré – Notas sobre nossa fotoetnopoética com crianças de terreiros*. Revista Teias, Rio de Janeiro, v.19, n. 53, p.36 a 63.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2013.

FACEBOOK. *Galera Record*. Disponível em: <  
<https://www.facebook.com/GaleraRecord/photos/recebemos-um-aviso-no-nosso-estande-nabienal-de-que-haveria-uma-fiscaliza%C3%A7%C3%A3o-da/10157166856607713/>>. Acesso em 15 out. 2019.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, R.L. (Org.). *Método - pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003:157–175.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; ALVES, Nilda. *Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em Educação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Cortez, 2018.

GUÉRON, Rodrigo. *Da imagem ao clichê, do clichê à imagem: Deleuze, cinema e pensamento*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2011.

HOOKS, Bell. *Ensinando pensamento crítico sabedoria prática*. São Paulo: Elefante, 2020.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación*. México: FCE, 2003.

LISPECTOR, Clarice. *Todos os contos*/Clarice Lispector; organização de Benjamin Moser. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. GUÉRON

LOBO, Thamy. Poesia onde não tem. Facebook.  
<https://www.facebook.com/poesiaondenaotem/?ref=bookmarks> . Acessado em 2020.

MATEO, Jose Manuel. *Migrar*. Ilustrações de Javier Martínez. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

MATURANA, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

MONTENEGRO, Fernanda. Entrevista concedida ao programa No Encontro. Rio de Janeiro, 17 de nov. de 2020.

RANGEL, Leonardo. *Educação dos sentidos e do encontro*. Curitiba: CVR, 2018.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*/ João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SARAMAGO, Jose. *O lagarto*: xilogravuras de J. Borges. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016.

SCHWARCZ, Luiz. *Carta de amor aos livros*. Disponível em:  
<<http://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Cartas-de-amor-aos-livros>>.  
Acesso em 10 set. 2019.

SKLIAR, Carlos; MARQUES, Luciana Pacheco; FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa; SERPA, Andrea; GONÇALVES, Rafael Marques; RODRIGUES, Allan; GARCIA, Alexandra; SUSSEKIND, Maria Luiza; PELLEGRINI, Raphael; REIS, Graça; ANDERSON, Gary. Conversas: possibilidades de pesquisa com o cotidiano. In RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanchez. *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018: 93-118.

TOKITAKA, Janaina. *ABCDelas*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

#### FILME

TAMMY and the bachelor. Direção: Joseph Pevney. 1957. Estados Unidos. Colorido. 89 min.